

@verdade



RECICLE A INFORMAÇÃO:
PASSE ESTE JORNAL A OUTRO LEITOR

Tiragem Certificada pela KPMG

www.verdade.co.mz

Jornal Gratuito

Sexta-Feira 20 de Setembro de 2013 • Venda Proibida • Edição Nº 254 • Ano 6 • Fundador: Erik Charas

Moçambique AUTÁRQUICAS 13

Mocímboa da Praia

Mueda

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

Destaque Páginas 14-15 - 16-18

SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

Caro leitor

Pergunta à Tina...

Tudo o que precisas de saber sobre
saúde sexual e reprodutiva

SMS
90441

ou E-mail:
averdademz@gmail.com

SOCIEDADE 07

Incêndios em
Maputo e Beira

Sociedade PÁGINA 06

Balanço da
Governação de
Guebuza

Democracia PÁGINA 10

Uma nova
Aliança na
Maxixe



Desporto PÁGINA 22

Acompanha os jogos do #AfroBasket e do Mundial de #Hóquei em Patins em tempo real no TWITTER @DesportoMZ e apoia a nossa seleção #Moçambique



Para informação desportiva de Moçambique e do mundo em tempo real siga-nos no
twitter **@DesportoMZ**

@Zerinho_b4 Disparidad impressionant: PCA ganha uma ira de dinheiro, 800 mil, 600 mil p/ mês e ao seu lado quem lhe vare o chão ganha 2,5 MTN @verdademz

NelsonCarvalho @verdademz #Nampula Município manda parar a construção do mercado 25 de Junho por notar irregularidades na atribuição de talhões e execução.

PaizoneteFuzila @verdademz chamado a intervir contra instalação de regime ditatorial em São Tomé verdade.co.mz/africa/40076 Que poupem o #MADIBA.

ejoit Oggi su Ejo, di @ philipdisalvo: Citizen Desk, il coverage delle elezioni è open source: bit.ly/18agV5v @verdademz @ Sourcefabric

karabau5 @verdademz: Putin anuncia reabertura de base militar da era soviética no Ártico verdade.co.mz/internacional/... ... *NoGood*

gil_vicente4 RT @ verdademz: CIDADÃO Afonso REPORTA: Crianças trabalham no #Xai-xai em barracas em troca de um prato de comida pic.twitter.com/HdLuw9Srir



TheRealWizzy Muito positivo! RT @verdademz: Infracções aduaneiras passam a dar prisão #Moçambique verdade.co.mz/economia/40002

yuran_lobo @verdademz: Veja VIDEO de uma grande explosão de chamas no cinema Charlott #Maputo youtube.com/watch?v=N3G88... via @ YouTube Bombeiros tao F...

kakichaquice @verdademz: Menina de cinco anos violada por vários homens no Paquistão verdade.co.mz/internacional/... merecem morte lenta e dolorosa!! Tsc :/

AlMero05 PR #Mozambique Guebuza exonera ministro de Transporte e Comunicação, Paulo Zucula e nomeia Gabriel Muthisse. @verdademz

tomqueface nocoment RT @shirangano Edifício dos serviços de migração em Mocimboa da Praia. @verdademz pic.twitter.com/U4PCbym1ES



TheGoonSensei @verdademz Verdade todas as Sextas e em cada esquina! pic.twitter.com/OArXLnWSbi



ACONTECEU

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

“O que mais preocupa não é o grito dos violentos, nem dos corruptos, nem dos desonestos, nem dos sem ética. O que mais preocupa é o silêncio dos bons.”

- Martin Luther King



O Jornal mais lido em Moçambique.

Radar

Editorial

averdademz@gmail.com

As nossas deformações educacionais separam-nos do mundo

Não há dúvida de que a educação constitui uma das ferramentas mais poderosas para o desenvolvimento socioeconómico e cultural de um país. Investir na Educação e na capacitação dos indivíduos é, por assim dizer, sinónimo de aposta no crescimento de uma nação e na sua abertura para o mundo. E apostar num ensino de qualidade é criar condições para uma sociedade mais humana, democrática e consciente dos seus direitos e deveres.

Porém, no nosso país a realidade é outra. Desde 2004, o Governo tem vindo a desperdiçar os nossos recursos, investindo no modelo de passagens semi-automáticas, hipotecando o futuro de milhares de moçambicanos. Diga-se, em abono da verdade, que a ânsia de alcançar os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio está a contribuir, sobremaneira, para a degradação do ensino no país. Há uma preocupação de preencher números para os doadores verem e aplaudirem, produzindo, assim, em massa, indivíduos com capacidades limitadas de pensamento e questionamento.

Vários estudos sobre a qualidade de ensino em Moçambique têm mostrado que, desde que se adoptou o modelo em causa, a maioria dos alunos do ensino primário chega ao fim da sétima classe sem saber ler nem escrever – sorte têm os alunos cujos respectivos pais e/ou encarregados de educação podem suportar propinas numa instituição privada. Este é um facto que devia causar profunda indignação a todos nós, além de corar de vergonha o Governo moçambicano. Mas os nossos dirigentes estão a marimbar-se para essa situação, enviando os filhos às melhores escolas e universidades dos Estados Unidos da América e da Europa.

As passagens automáticas são um crime hediondo, uma negação de um direito e dever garantido pela Constituição da República. Num país onde os professores, desmotivados devido às (péssimas) condições salariais oferecidas pelo Estado – estão apenas preocupados em assinar o livro de ponto – as passagens automáticas constituem um atentado terrorista ao conhecimento e à formação de um indivíduo. As passagens automáticas são, na verdade, uma aposta na criação de uma cortina de burrice que nos separa do mundo evoluído. Enquanto nos diversos países – incluindo africanos – se assiste a um investimento na qualidade de ensino a todos os níveis, nós fazemos o caminho inverso, apostando no atraso.

Portanto, se o principal objectivo por detrás desse sistema de ensino discriminatório que afecta principalmente os mais desfavorecidos é produzir moçambicanos alienados e reproduzir a pobreza, o Governo não só está num bom caminho como também se pode orgulhar de estar a condenar a população à ditadura da ignorância e a ficar de fora na internacionalização do mercado de trabalho. É verdade que, nos últimos anos, o número de pessoas com escolaridade aumentou, mas isso não se traduziu no melhoramento da qualidade de ensino. Hoje em dia, os alunos são incapazes de ler e escrever, de formular um raciocínio lógico, de pensar pela própria cabeça e chegam ao ensino secundário sem saber escrever o próprio nome e, muito menos, formular uma frase com uma estrutura clara e coerente.



Boqueirão da Verdade

“É urgente o encerramento da Universidade de Nachingewya antes de começar a deformar os cidadãos! A ciência não se compadece com a propaganda, apesar de estudá-la como fenómeno social! Sendo o partido Frelimo um antro de consenso não há condições para a ciência fluir. Nesses termos a Universidade de Nachingewya representa um insulto à ciência e uma agressão física à racionalidade”, Matias de Jesus Júnior

“Esta saudação tem a ver com o facto de esta cidade (Maputo) ser um centro de movimentos que procuram desencorajar o trabalho (do Governo), desvalorizando o que está feito de bom e apregoando que o que foi bem feito o foi por motivos inconfessos por parte das autoridades. Quando se faz mal, dizem que está mal, e quando se faz bem, está ainda pior”, PR Armando Guebuza

“Muitas vezes, revoltava-me e, infelizmente, continuo a revoltar-me porque, quando os presidentes dos municípios tomam posse, só pensam em fazer gemelagem para receberem dos estrangeiros ambulâncias. Mas isso implica viagens a estes países, que as mesmas levam mais custos que a própria ambulância. Nós temos recursos para financiar as nossas actividades sozinhos e não continuarmos a viver de mão estendida”, Idem

“Ninguém fala dos governadores, ninguém fala dos administradores, nem dos PCA's, muito menos dos chefes dos postos administrativos. Ninguém fala de mais ninguém que não seja o Presidente. Ninguém fala dos presidentes das autarquias. Pior do que isso, ninguém fala dos operários, dos humildes trabalhadores. Dizem que tudo foi o Presidente que fez e parece que na construção da ponte de que ele próprio é patrono não havia mais ninguém senão ele a conduzir toupeiras. Parece que nenhum projecto existiu antes dele”, Adelino Timóteo

“No mundo nenhum país foi merecedor da dádiva de algum Presidente como esse. É por isso que à volta dele multiplicam-se bajuladores, que o endeusam. Entre as acções do Presidente está a paz social. Quer dizer, ironicamente enquanto há vinte anos que as armas não ressoavam no Muxíngue o Presidente é quem trouxe ao povo a paz social e sem o Presidente o povo deixará de usufruir dessa mesma paz social. É o que se ouve não em surdina, mas na rádio e televisão públicas. De noite e de dia. Logo, é um homem que não pode ser descartado”, Idem

“Na rádio e televisão públicas e não públicas o Presidente parece ser o Messias de que os Judeus esperam há mais de dois mil anos. Fala-se do Presidente como uma criatura genial que, se crê, nenhum país teve a bênção de ter. Não estudou engenharias mineiras, mas ele faz a prospecção e exploração de recursos energéticos para garantir o futuro melhor ao povo”, Ibidem

“Para que fique claro, tem-se falado muito sobre patriotas e antipatriotas. Não tenho problemas quanto a isso, tanto que não gosto de antipatriotas (que são capazes de vender o país). O meu problema prende-se

com o facto de haver uma tentativa de se definir o patriotismo como um valor alcançado apenas pelos militantes e simpatizantes do partido no poder”, Bayano Valy

“Portanto, é à Constituição da República que um patriota presta vassalagem e não a um partido. Daí que, tu que primas pela estrita obediência à Constituição e não ao partido a ou b és o patriota. Não aceites que te digam o contrário. Hoje está o partido a no poder mas amanhã pode estar o b. Imagina se esse outro quiser também definir como patriotas os que militam e simpatizam com os seus ideais! Autêntica Babilónia”, Idem

“Não vejo nenhum problema que um partido político monte uma campanha de contra-informação. Contudo, quando esse partido forma também o Governo, a coisa ganha outra feição. Guebuza e o seu Governo têm feitos, mas também erros. Quando se fala mais dos erros do que dos feitos o problema não pode estar apenas no nível de informação do público, nem na maldade dos críticos. Está também no trabalho político que esse partido faz, trabalho esse que não se pode resumir à difusão constante dos feitos do Governo e à hostilização de vozes críticas”, Elísio Macamo

“Durante anos e anos a Frelimo e o seu Governo basearam-se nas declarações de paz de Dhlakama para fazerem todo o tipo de tropelias contra a oposição sem receio de que isso fosse um caminho de regresso à guerra. Só que, neste momento, a minha dúvida é sobre se ainda é Afonso Dhlakama que dirige a Renamo ou são já os seus generais. Porque, embora Dhlakama seja um mau político, é um político”, Machado da Graça

“A campanha verdadeiramente dramática de críticas produzidas a partir de Maputo sobre a Governação de Armando Emílio Guebuza mereceu uma pronta resposta: «Maputo é o centro do movimento dos críticos». Desde então, os críticos uma vez criticados provaram-nos que não estão habituados a conviver com a crítica e convenceram-se da necessidade de uma crítica mais afiada voltada para a ridicularização. Compreenderam sobretudo que, mediante a resposta do PR, podiam reduzir o seu campo de ação e alcançar maus resultados”, Eusébio Gwembe

“Eu levaria para esse encontro apenas dois pontos, embora na agenda das negociações, que estão a decorrer no Centro de Conferência Joaquim Chissano, estejam em causa quatro. Com os meus especialistas iríamos discutir com o Presidente da República questões palpáveis. Estou a falar do pacote eleitoral e a questão de defesa”, Afonso Dhlakama

“Nós não participamos no recenseamento e nem estamos nos órgãos eleitorais. Vamos esquecer estas eleições. Se a Frelimo quiser criar mais problemas no país, pode avançar com as eleições. Eu não tenho forças para dizer ao Governo para não realizar as eleições e nem forças para bater o Presidente Guebuza. Ele pode ordenar a realização das eleições, mas terá a reacção do povo”, Idem

OBITUÁRIO:

Eiji Toyoda
1913 – 2013
100 anos



Eiji Toyoda, director executivo da Toyota entre 1967 e 1982, morreu na terça-feira, no Japão, aos 100 anos de idade, vítima de uma paragem cardíaca. Durante a sua carreira de 57 anos, o finado, que era sobrinho do fundador da marca japonesa, Sakichi Toyoda, ajudou a remodelar a empresa e foi responsável pela sua transformação numa das maiores do mundo.

Sob a sua direcção, a marca abriu pelo menos dez novas fábricas, começou a exportar para dezenas de países, estabeleceu a produção “just-in-time” (Toyotismo) e desenvolveu um dos carros mais vendidos de todos os tempos – o Corolla.

Graduado em engenharia mecânica, Toyoda ingressou na empresa Toyoda Automatic Loom Works, em 1936. No ano seguinte, mudou-se para a repartição de motores da empresa chamada Toyo-ta Motor Co.

Toyoda passou o início da sua carreira no chão de fábrica, supervisionando actividades. Em 1945, foi promovido a director. Em 1950, trabalhou em operações de vendas e marketing. Em 1960, tornou-se vice-presidente da Toyota Motor Co. e presidiu à companhia de 1967 a 1982. Depois de deixar o cargo de director executivo, assumiu a presidência do conselho. Em 1999, assumiu o cargo de conselheiro de honra até à sua morte. Ele foi um dos seis presidentes da companhia que vieram da família.

Durante a sua carreira, Eiji ajudou a tornar a marca japonesa um grande rival para os concorrentes de peso, tais como a Ford e a General Motors. Foi também um dos que lançou a marca Lexus e contribuiu para a chegada do híbrido Prius no mercado.

“Ele foi muito importante para a expansão da Toyota nos Estados Unidos e no mundo, como uma companhia global. Também foi indispensável para o desenvolvimento da indústria como um todo”, disse o chefe de gabinete do Japão, Yoshihide Suga, durante uma conferência de imprensa em Tóquio (Japão).

Xiconhoca

Os nossos leitores nomearam os Xiconhocos da semana.
@Verdade traça em breves linhas as motivações.



da Semana

Xiconhoquices

da Semana

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

Balanço de governação de Armando Guebuza

A campanha de endeusamento da figura do Presidente da República, Armando Emílio Guebuza, prossegue sem trégua e, com o andar da carruagem, tudo indica que o povo moçambicano ainda vai continuar a assistir, até ao enjojo, a esse deprimente culto. Depois de o Gabinete do Presidente infestar os órgãos de informação públicos que, em parte, sobrevivem dos impostos dos moçambicanos, agora chegou a vez de virar o cano para a Imprensa dita independente. Todos os dias, são publicados encartes, que se confundem com informação de interesse público, sobre um suposto balanço de governação.

Na verdade, não passa de uma propaganda barata de um regime que procura a todo o custo limpar a imagem maculada de um líder que, durante dois mandatos, se preocupou em acumular riqueza em lugar de levar o país a bom porto. Porém, o mais revoltante não é essa onda de endeusamento. Pelo contrário, é a forma manipuladora como certos órgãos de informação publicam os assuntos, não fazendo referência de que se trata de propaganda/publicidade política.

Confrontos em jogo da Poule para o Moçambique

Uma partida de futebol de 11 é sempre um momento único e um momento de festa para os atletas assim como os adeptos. Mas não é assim que pensam algumas pessoas que parecem agir desprovidas de neurónios. Em jogo da quarta jornada da Poule de apuramento para o Moçambique-2014, na zona Centro, confrontos ditaram a interrupção do jogo entre o Textáfrica de Chimoio e o FC de Angónia, na altura empatados a 2, e resultaram em pelo menos uma vítima mortal e vários feridos.

A partida não terminou devido à invasão do campo por parte dos adeptos da equipa da casa que quiseram agredir o árbitro, alegando que este estava a favorecer a equipa adversária. A Polícia, por sua vez, na tentativa de dispersar os populares com tiros, atirou mortalmente contra uma menor de apenas 14 anos de idade que frequentava a 8ª classe numa das escolas de Angónia. Diante dessa tamanha xiconhoquice, temos só a lamentar.

Incêndios vs falta de condições de trabalho dos bombeiros

Na mesma semana registaram-se três incên-

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 90440, uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 2A8BBEFA) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.

dios a nível do país. Uma das situações, deu-se na província de Tete onde um incêndio de grandes proporções tomou conta do Departamento de Administração e Finanças do Instituto Superior Politécnico do Songo. Outra verificou-se na cidade da Beira onde cinco lojas foram totalmente destruídas. E o terceiro caso deu-se na cidade de Maputo, quando o incêndio consumiu no final da noite do domingo (15) e durante a madrugada da segunda-feira (16), o cinema Charlot.

Estas três situações têm um ponto em comum: a inoperância dos bombeiros, resultante da falta de meios de trabalho. A título de exemplo, no caso do cinema Charlot na capital moçambicana um dos dramas maiores dos bombeiros do corpo de salvação pública residiu no facto de que as chamas lavravam numa zona alta do edifício e apenas um dos veículos possuía mangueira com pressão suficiente para alcançá-las. O défice em fontes de abastecimento de água também é outro problema que condicionou o trabalho dos bombeiros. É bastante preocupante que um país continue com um Corpo de Salvação Pública sem meios materiais para lidar com situações dessa natureza. É caricato!

Crianças da S.O.S. em Inhambane precisam do apoio de todos

O centro que acolhe 145 crianças de ambos os sexos, com idades entre os seis meses e os 12 anos de idade, fica localizado a cerca de dois quilómetros da cidade de Inhambane. Devido a erros de cálculo dos arquitectos, estes construíram-no perto de uma estrada movimentada, que liga a urbe à Praia do Tofo, o que já está a preocupar os responsáveis da instituição pelo perigo que isso representa. "É por isso que estamos a erguer uma vedação para controlar os movimentos", disse Alfredo Mahoche director da Aldeia S.O.S.

Texto & Foto: Alexandre Chaúque

Mesmo assim a situação está sob controlo, e os objectivos pretendidos, que são a formação do homem do amanhã, estão a ser perseguidos dentro das possibilidades existentes, "embora clamemos por uma maior participação da sociedade, mormente a classe empresarial, para dar maior apoio a estes petizes".

A vida na Aldeia S.O.S é a réplica daquilo que acontece em famílias normais, com a diferença de que aqui os meninos não vivem com os pais biológicos. Não têm um quarto individual e outros mimos que encontrariam com os seus progenitores. Mas tudo isso é como se existisse, de facto, porque as "mães" preparadas para cuidar das crianças fazem esse trabalho como se as mesmas crianças tivessem saído do seu próprio ventre.

"Temos neste centro 15 casas que albergam 10 crianças cada uma. Estão equipadas individualmente com quartos, cozinha, sala de estar e casa de banho, para dar o maior conforto possível aos seus utentes e fazer-lhes sentir-se em casa, e o nosso objectivo é que a Aldeia S.O.S seja uma verdadeira casa onde elas possam encontrar educação e formação. E um ambiente de família".

A primeira sensação que se tem ao aceder-se a este lugar é de tranquilidade, transmitida depois pelo seu director, um homem sereno, com tendências para o sacerdócio. "Temos feito tudo para que estas crianças vivam num ambiente de sossego, daí a nossa preocupação em acompanhar com rigor a sua formação, e para isso temos também as "mães" que têm desempenhado um papel fundamental na edificação desta franja da sociedade".

O trabalho não se apresenta fácil, da mesma forma que se exige uma grande responsabilidade e esforço na educação dos filhos em casas próprias. "É verdade. Nem todos os meninos caminham facilmente para aquilo que é o desejo da instituição, mas isso é normal em qualquer criança, para além de que elas vêm de vivências diversas e muitas vezes até adversas. O que nós fazemos aqui é um trabalho muito cuidadoso que inclui in-

Nos anos de 1949, surge em Imst, Áustria, idealizado pelo educador Hermann Gmeiner, o Projecto Aldeias Infantis, com a convicção de que cada criança pertence a uma família e deve viver numa comunidade. Surge, então, a iniciativa de propiciar às crianças órfãs de guerra o direito ao atendimento individual-personalizado, onde prevaleça o carinho, o respeito e o direito de viver num ambiente seguro e acolhedor.

Ao logo dos seus 43 anos de trabalho no Brasil, o organismo a que nos referimos conta com 28 programas e com atendimento a mais de 10.000 crianças, adolescentes e jovens garantindo a promoção e a defesa integral dos seus direitos. Actualmente a unidade de Igarassu actua em duas áreas: acolhimento Institucional na modalidade de casa-lar e fortalecimento familiar bem como comunitário.

No acolhimento, 126 crianças e adolescentes encontram-se amparados. No fortalecimento, 350 crianças participam diariamente nas actividades promovidas

por um centro social e dois centros comunitários actuando com 04 componentes: Criança, Mulher, Família e Comunidade.

A essência do trabalho da organização está no desenvolvimento da criança e do adolescente até que chegue a ser uma pessoa autónoma e bem integrada na sociedade. Acreditamos que um ambiente familiar protector é o lugar ideal para o pleno desenvolvimento desse potencial. Também reconhecemos a importância do papel da criança e do adolescente no seu próprio desenvolvimento, assim como o da sua família e da comunidade cooperando com os diversos actores para dar a resposta mais adequada à situação daquelas crianças e adolescentes privados do cuidado parental e/ou que estão em risco de perde-lo.

Com o desenvolvimento das nossas acções a organização vem acumulando ao longo destes 06 anos de atuação algumas premiações: Melhor Programa de Atenção Infantil da Cidade de Juiz de Fora Minas Gerais

(2001); Empresa que Educa. SENAC (1999/2000); Selo Organização Parceira (2006); Centro de Voluntariado de São Paulo (2006); Prémio Éxito: Melhor Assistência à Criança e à Adolescência (Município de Lauro de Freitas- São Paulo 1999, 2000, 2001); Comenda Vila do Príncipe - outorgado pela Câmara Municipal de Caicó pelos relevantes serviços prestados à cidade de Caicó; Direitos Humanos: na categoria Direito da Criança e do Adolescente pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República do Brasil.

Um dos nossos maiores desafios diz respeito à co-participação das famílias no processo de fortalecimento e desenvolvimento integral das crianças. Para isso articulamos a nossa acção com diversos actores, organizações comunitárias, associações, rede socioassistencial, movimentos populares, dentre outros, por reconhecer que a nossa actuação se deve desenvolver numa rede de apoio e colaboração para o enfrentamento das causas que levam à fragilização dos vínculos familiares.



ponto de partida foi dado com 75 "hóspedes" e hoje o número cresceu para 145.

"O projecto cinge-se em acolher crianças com problemas de inserção social, sejam elas órfãs ou semi-órfãs, ou ainda outras que, tendo família, são rejeitadas. Mas para que recebemos estas últimas é necessário que a sua história seja convincente e para isso temos mecanismos criados que envolvem a Direcção Provincial da Mulher e Ação Social. Aliás, o nosso trabalho vai para além da aldeia. Procedemos à assistência nos bairros, àqueles que têm famílias acamadas, ou que tenham imensas dificuldades", explicou Alfredo Mahoche.

Um aspecto considerado de vital importância neste centro é o de que, para além do acompanhamento psicológico com vista à superação de traumas, as crianças são orientadas para o desporto, artes e cultura. "Importa perceber que estes "pequenos aldeões" não estão confinados às paredes do edifício, porque isso poderia criar mais problemas no seu desenvolvimento. Para além de frequentarem a escola (os meninos), praticam desporto. Temos aqui jogadores de basquetebol e outros que se dedicam à natação, para além das artes. Isso é muito importante para a formação de qualquer criança e os resultados que temos colhido são animadores".

Liberdade

Na S.O.S, as crianças praticam desporto e fazem arte e cultura em liberdade. Quer dizer, quando é necessário deslocar-se à cidade para qualquer prática nessas áreas, elas vão. "Sim, elas aqui não estão em cativeiro. Levam uma vida normal. Sempre que elas precisarem de ir aos campos ou à piscina, vão em liberdade, mas tudo dentro das normas e de uma vigilância igual ou quase igual à que se faz nos lares normais, e não temos tido quaisquer problemas. Se há algum registo de indisciplina, tentamos corrigir imediatamente, sempre na perspectiva de ganhar a criança e dar-lhe educação e formação adequadas".

Isso também começa no amparo que recebem da "mãe", que mora na aldeia com os petizes, para poder acompanhá-los de perto, diariamente. "São senhoras cuidadosamente preparadas. Uma está para dez crianças e, para darmos verdadeiramente um sentido de "mãe", há um orçamento mensal que é alocado a cada uma delas para geri-lo, como qualquer progenitora faz quando tem filhos para criar", esclareceu Alfredo Mahoche, para quem essas senhoras, por sua vez, recebem uma assistência de uma "tia" que não vive na aldeia, mas que para ali se desloca com regularidade. E o pai dos meninos é o próprio director do estabelecimento.

"Prestamos muita atenção à educação formal delas. Temos aqui a escola que lecciona da primeira à décima classe, a qual recebe também alunos da comunidade, e o objectivo é fazer um acompanhamento para que atinjam a universidade. É por isso que as crianças

ficam aqui até aos 22 anos, na perspectiva de que depois disso estarão preparadas para a sua reinserção na sociedade".

Importa referir que nesta "Aldeia" vivem crianças até aos 15 anos, após o que passam para uma outra que é chamada "Projecto da Juventude". "Ainda não temos as condições criadas para passar a essa fase, para além de que, neste momento, a idade máxima aqui é de 12 anos. Daqui a três anos penso que teremos as infra-estruturas criadas para dar seguimento a esse trabalho".

Empresários são chamados

O projecto S.O.S vive de doações que vêm maioritariamente de países europeus, e, neste momento, com a crise que se vive naquele continente, as coisas já não são como dantes. "Continuamos a receber apoio, mas para colmatar algum défice que estamos a registar, temos abordado os empresários locais no sentido de olharem para estas crianças, que são de todos nós. Queria aqui agradecer publicamente a boa vontade da Padaria e Pastelaria Universal de Inhambane, que tem fornecido pão à aldeia em todas as segundas-feiras. É um gesto grandioso o qual agradecemos profundamente. Queremos também estender o nosso apreço à empresa "Limpeza Excelente", sediada em Maputo. Estas são as duas instituições que nos têm dado ajuda. Mas queremos apelar aos outros interessados de boa vontade para que abracem este projecto que está virado para o futuro de Moçambique".



E há uma pergunta que subjaz: será que os nossos empresários, da mesma forma como fizeram os mentores da S.O.S, não podem dar um apoio na formação destas crianças que precisam da sociedade que lhes gerou? "Recentemente estivemos em Vilankulo e abordámos algumas pessoas que se mostraram interessadas em ajudar. É necessário que mudemos de mentalidade. Acho que todos nós nos sentiríamos orgulhosos de ver estas crianças com uma formação sólida amanhã e prontas para trabalhar no desenvolvimento de Moçambique. São órfãos que precisam dos que têm para lhes dar rumo. É uma grande responsabilidade. Sem preço".

É o futuro que se prepara, numa aldeia onde os meninos são também orientados para seguirem a igreja. "Nós não impomos a religião que as crianças devem seguir. Numa primeira fase é a "mãe" que as orienta. Vão à catequese, mas, quando atingirem a maioridade, terão a liberdade de escolher o caminho espiritual que bem entenderem".

Ele é impedido de ser segurança porque é zarolho

Angelino Jacinto, de 27 anos de idade, residente no bairro da Polana Caniço "B", é um indivíduo amargurado e convicto de que as pessoas com deficiência não beneficiam das mesmas oportunidades de emprego que os seus semelhantes por causa das suas limitações congénitas ou adquiridas durante a vida. O jovem a que nos referimos não arranja trabalho como segurança supostamente porque um dos seus órgãos da visão já não enxerga desde a infância.

Texto & Foto: Redacção

Angelino Jacinto tem como habilitações literárias a 7ª classe e já trabalhou como guarda em algumas empresas de segurança privada. Porém, desde que se desvinculou delas por diversas razões, tais como falta de remuneração e rescisão de contrato não consegue empregar-se novamente. Em todos os lugares onde tem sido submetido a entrevistas profissionais dizem-lhe o seguinte: "O senhor é deficiente e nós não admitimos pessoas com esse problema".

O nosso entrevistado narrou que não sabe ao certo por que razão está a sofrer as consequências de não ter um dos olhos sadio mas acha-se normal e igual aos outros que vêm normalmente com os dois órgãos. Aliás, sabe-se que em Moçambique há diversos instrumentos para assegurar o cumprimento das leis de proteção à pessoa com deficiência mas a sua aplicação ainda é incipiente. À luz dos mesmos dispositivos, os deficientes são indivíduos que gozam de plenos direitos, tais como a dignidade, os direitos e o acesso a várias oportunidades sociais, económicas e políticas, independentemente do grau de anomalia física que tiverem.

Entretanto, enquanto a aplicação desses instrumentos permanecer letra-morto, certas pessoas não beneficiam na plenitude do que está consagrado constitucionalmente. É preciso ainda referir que no país certos editais para o provimento de vagas de emprego não têm indicado, com clareza, que tipo de deficiência, limitação ou grau de incapacidade os candidatos não devem ter para que possam concorrer em igualdade de circunstâncias com os demais.

Angelino Jacinto não sabe como é que contraiu a deficiência visual aos cinco anos de idade. Todavia, os seus pais contaram-lhe que um senhor se encontrava a cortar algo e na altura um objecto atingiu o seu olho direito. Nesse ano, ele vivia no distrito Chinde, na província de Zambézia. Recorreu-se a vários hospitais mas ninguém conseguiu reparar a sua visão. "Acabei por ficar assim como estou e sou penalizado por isso".

O jovem a que nos referimos contou-nos que viveu também na cidade da Beira com os tios mas não tem boas recordações do que passou durante a sua estadia e da sua trajectória até chegar a Maputo, onde presentemente mora. Ainda na Beira, ao perceber-se de que já tinha uma idade avançada e que havia estudado muito pouco, Angelino fez um curso no Serviço Nacional de Administração e Fiscalização Marítima em Sofala, mas não conseguiu colocação para trabalhar nessa área.



Em 2006, o jovem decidiu deslocar-se à capital do país à procura de melhores condições de vida. Ele concorreu a algumas vagas de emprego relacionados com a sua formação, mas sem sucesso. Desesperado, como último recurso candidatou-se para guarda numa empresa de segurança privada mas o infortúnio perseguia-lhe: "chamaram-me para uma entrevista e disseram-me que é impossível eu ser segurança com um olho deficiente".

"Um senhor sentiu tanta pena de mim e colocou-me a trabalhar numa empresa de segurança chamada General Security, mas só fiquei dois meses porque o patronato não me pagava. O meu posto ficava na Coop, na Rua da França. Eu e alguns colegas guarnecíamos um italiano de uma organização estrangeira. Entretanto, não tínhamos salários e decidimos interromper o serviço".

Os outros seguranças abandonaram as instalações mas Angelino permaneceu no local à espera do proprietário - que se encontrava a dormir - para lhe apresentar o problema. Por volta das 16h00, o dono acordou e "eu informei-lhe que todos os meus colegas já não iriam trabalhar porque a empresa não nos remunerava e era impossível continuar sem vencimento. E eu só estava à espera para entregar a casa com vista a evitar problemas, caso algo desaparecesse na nossa ausência".

Segundo o nosso interlocutor, o italiano não consentiu ter outro guarda, por isso Angelino continuou a trabalhar sem depender da empresa que havia lhe contratado para aquele lugar. "Entre 2007 e 2008 eu guarnecia a residência daquele senhor e ele pagava-me pessoalmente".

A benevolência do italiano foi de tal sorte que quando regressou ao seu país de origem por término de contrato de trabalho na instituição onde estava afecto, o jovem não ficou desempregado: "Ele colocou-me numa outra organização holandesa que desenvolvia um projecto com o Ministério da Saúde. Por causa da sua idade, o holandês para o qual eu prestava serviços reformou-se e a sua instituição passou a funcionar noutras instalações com um espaço pequeno; por isso

decidiram que já não precisavam de guarda. Indemnizaram-me e, a partir daí, fiquei em casa".

Desde essa altura, Angelino está à procura de emprego mas sem sucesso. Para além do facto de ele, a sua mulher e os filhos estarem a experimentar dias difíceis, a sua angústia tem igualmente a ver com a discriminação a que está sujeito. Insistentemente, as empresas de segurança dizem que "eu não posso trabalhar porque sou deficiente e não aceitam esse tipo de pessoas. Mas eu não tenho problemas de visão. Vejo bem com um olho". O pior é que há firmas que até negam apreciar os seus documentos.

Segundo a vítima, essas companhias dizem que as suas regras são diferentes das de outras empresas. O facto de alguma vez o jovem ter trabalhado como segurança não significa que a sua experiência profissional seja válida em todos os lugares. "Sinto-me mal por o meu olho estar desta maneira, pesar de que a deficiência é algo que não se pede para ter. A minha vista não dói e consigo ver até objectos que estão muito distantes de mim. Não estou doente. Não entendo o porquê de tanta discriminação".

Na quinta-feira passada, 12 de Setembro, o nosso entrevistado esteve na G4S, a maior empresa de segurança privada em Moçambique. "O director da firma disse que não me podia aceitar porque sou deficiente". Na companhia Dragões Segurança o jovem chegou a fazer treinos para ser incorporado. Entretanto, na altura de receber a farda para se dirigir ao seu posto, disseram-lhe a mesma coisa que já estava cansado de ouvir: "não admitimos deficientes".

O desespero do nosso interlocutor é ainda maior porque vive numa casa arrendada. Por não ter formação para exercer outra tarefa dedicou-se ao comércio informal mas desistiu por falta de sustentabilidade do negócio, uma vez que quase todo o dinheiro era direcionado para a compra de comida e a outras despesas domésticas. Aliás, o jovem tem um terreno algures na província de Maputo mas não está a aproveitá-lo por falta de meios.

Actualmente, Angelino e a sua família dependem da boa vontade de alguns amigos ou de biscaites para sobreviverem. "Tenho pai e mãe, mas estão na província da Zambézia", lamenta a terminar.

Incêndio destrói lojas na Beira e cinema em Maputo

Cinco lojas foram totalmente destruídas por um incêndio de grandes proporções que deflagrou no fim da tarde de domingo, 15 de Setembro corrente, no bairro Maquinino, na cidade da Beira. Horas depois, na capital moçambicana, o fogo consumiu, também, o Cinema Charlot, no fim da noite do mesmo domingo até a madrugada de segunda-feira, 16. Felizmente, em nenhuma das desgraças houve vítimas humanas, porém, os danos materiais são incalculáveis.

Texto & Foto: Redacção

Relativamente ao sinistro que aconteceu na Beira, um cidadão repor-tou ao @Verdade que o edifício, no qual funcionavam as lojas reduzi-das a cinzas, era composto por 10 estabelecimentos comerciais, dos quais alguns bares e lounges. Residiam na casa – que já era bastante antiga, por isso, precisava de alguma reabilitação – cidadãos estrangeiros e moçambicanos.

Desesperadamente, os lesados tentaram, na companhia de amigos, recuperar alguns bens mas já era tarde porque o fogo era intenso. A empresa Electricidade de Moçambique (EDM) interrompeu o fornecimento de energia à edificação em labaredas para evitar o pior. Entretanto, em pouco tempo, as chamas alastraram-se e transformaram tudo em cinzas.

Ao certo ninguém sabe dizer as causas do infortúnio. Contudo, pre-sume-se que tenha sido provocado por um curto-círcuito numa das lojas e, por conseguinte, as outras sofreram em cadeia. Acredita-se, também, que os estragos foram avultados por causa da madeira e das chapas de zinco com que a casa queimada foi construída. Devido ao medo, os moradores do prédio próximo do local abandonaram os seus domicílios.

O Corpo de Salvação Pública não foi eficaz no seu trabalho porque quando chegou ao sítio do incidente, apesar de ter visto chamas a alastrarem-se e a devorarem diversos bens ante o sofrimento de muita gente, não teve o cuidado de agir imediatamente. Primeiro procurou saber o que estava a acontecer e na altura em que tornou a iniciativa de resolver o problema já era muito tarde.

Enquanto isso, nas imediações, os donos de outros estabelecimentos comerciais transferiam as suas mercadorias dos lugares de iminente perigo para outros supostamente seguros com vista a evitar perdas. Para além de terem sido notáveis as fragilidades do Corpo de Salvação Pública, foi, também, visível a sua falta de preparação para agir com prontidão naquelas situações.

Refira-se que fora o retrocesso que representa o incidente em causa para os donos dos bens destruídos, muita gente vai ficar sem emprego e, consequentemente, haverá famílias a passar por necessidades.

"Charlot" devorado pelas chamas em Maputo

Enquanto na Beira havia gente desorientada e com as mãos à cabeça devido aos estragos causados pelo fogo, na capital do país, ao fim da noite do mesmo domingo, um incêndio, também de grandes proporções, consumiu o Cinema Charlot.

Por volta das 23h:00, a equipa de salvação pública foi chamada por



cidadãos que, de repente, viram fumo sair de uma pequena loja adjacente à entrada principal do cinema. Apesar de alguma demora, apesar do comando dos bombeiros na cidade de Maputo se localizar a cerca de dois quarteirões do local, o primeiro carro daquela instituição chegou numa altura em que as chamas estavam a alastrar-se rapidamente para o interior do cinema que há muito perdeu a sua tradição, a de projeção de filmes.

Há cerca de uma década que deixou de ser normal assistir a filmes no "Charlot". Primeiro, as películas em cartaz passaram a ser na sua maioria de origem Indiana, e nem por isso arrastava gente para a sala. Depois o espaço passou também a ser usado para cultos religiosos.

Devido à gravidade da situação, mais de três viaturas dos bombeiros juntaram-se ao combate das chamas que pela sua intensidade consumiram completamente o interior do cinema. A primeira dificuldade com que a equipa se debateu tinha a ver com o acesso àquela que se acreditava ser a fonte do fogo, a loja cujas portas estavam trancadas e gradeadas.

Com apenas água dos camiões-tanque a luta dos bombeiros estava perdida. O fogo chegou ao piso de cima do cinema, onde, ao que tudo indica, se localizava a casa de projeção, e o pior aconteceu.

Por volta de 00h:47, houve uma grande explosão e as chamas "engoliram" todo o edifício, de um local que no passado já foi de passagem obrigatória nos momentos de lazer dos cidadãos de Maputo.

À semelhança do que aconteceu no incêndio de Maquinino, uma equipa da Electricidade de Moçambique dirigiu-se às instalações do "Charlot" para acompanhar o que se passava. A energia eléctrica foi cortada para impedir novos curto-circuitos no local e nos edifícios do quarteirão ao redor.

Outro momento do drama vivido pela equipa de salvamento público foi quando as chamas atingiram a zona alta do edifício, uma vez que apenas um dos carros possuía mangueira com pressão suficiente para alcançá-las. Foi solicitada ajuda aos bombeiros dos Aeroportos de Moçambique (Maputo) e prontamente um carro-tanque chegou ao sítio e estacionou na esquina entre as avenidas Eduardo Mondlane e Alberto Luthuli. Nessa altura, o tráfego automóvel, para além de que já não era intenso, foi interrompido com vista a assegurar o decurso normal da extinção do fogo.



Para estar sempre actualizado sobre o que acontece no país e no globo siga-nos no twitter @verdademz

Mas o problema de falta de fontes de abastecimento de água continuou a dificultar o trabalho dos bombeiros. Quando as chamas eram atacadas com "canhões" de água reduziam mas de seguida o tanque ficava vazio. E quando o camião ia reabastecer as chamas voltavam a ganhar impeto. Faltaram também máscaras, oxigénio e até luvas apropriadas para que os soldados da paz agissem sobre onde o fogo lavrava com intensidade, no coração do cinema.

A determinada altura via-se pelo olhar, e ombros caídos, dos homens do Corpo de Salvação Pública que vencer o fogo não era possível. A estratégia passou a ser contê-lo para que não se alastrasse às residências e à loja de vestuário existentes paredes meias com o cinema.

Entretanto, nem mesmo a falta de meios mais eficazes para o efeito desanimou os bombeiros: como pôde, lutou até que cerca das 06h:00 desta segunda-feira o incêndio ficou completamente debelado.

Refira-se que o comando do Corpo de Salvação Pública na cidade de Maputo tem novos meios circulantes, porém, nem todos têm "canhões" de água. E em caso de incêndio, os carros da Policia Anti-motim podiam ajudar, pois os seus "canhões" de água já mostraram ser poderosos para reprimir manifestações pacíficas em Maputo.



Diarreias fazem 100 óbitos na Zambézia

Texto: Redacção

Cem pessoas perderam a vida devido a diarreias agudas, na última semana, no distrito de Gúruè e outras cinco em Alto Molocué, na província da Zambézia. O principal foco da enfermidade é o povoado de Malua por causa do consumo de água imprópria, sobretudo dos rios, uma vez que localmente há escassez do precioso líquido, facto que se agrava no período seco.

Aurélia Mausse, a médica-chefe no Hospital Distrital Gúruè, disse a um órgão de comunicação social que o surto de diarreia

começou há duas semanas e tem a ver com a inobservância das regras básicas de higiene individual e colectiva, porém, agora está sob controlo.

Aquele profissional da Saúde indicou ainda que a mineração ilegal naquela região está a poluir rios utilizados pelos moradores como fontes de água para consumo humano.

A directora dos Serviços Distritais de Saúde, Mulher e Accção

Social em Alto Molocué, Olga Nahera, disse a um jornal local que na sua jurisdição cinco pessoas perderam a vida num centro de tratamento da doenças aberto para fazer face às diarreias que assolam o distrito há mais de duas semanas.

A dirigente disse ainda que não se trata de cólera, porque até agora os exames laboratoriais não indicam nada sobre esta doença, mas assegurou que nos últimos dias foram registados perto de 182 casos que resultaram nos cinco óbitos.

O sistema de frio do Hospital Provincial de Lichinga está avariado

As câmaras frigoríficas para a conservação de corpos na morgue do Hospital Provincial de Lichinga encontravam-se avariadas há mais de um mês. Depois de muito tempo sem alternativas, facto que impunha a realização imediata de enterros, três das nove câmaras de que a unidade sanitária dispõe foram reparadas. Contudo, o drama persiste, sobretudo quando se trata de cadáveres que por diversas razões não podem ser sepultados com urgência com vista a serem identificados ou reclamados pelos respectivos parentes.

Texto: Redacção

Laison Daniel, médico-chefe daquela unidade sanitária, reconheceu ao @Verdade que antes de se reparar as três câmaras frigoríficas a situação era grave na medida em que não havia alternativas para conservar os corpos.

O nosso interlocutor explicou também que o sistema de frio da morgue já está muito obsoleto, carecendo, por isso, de substituição. Trata-se de um equipamento muito antigo e que foi instalado no tempo colonial. Contudo, ainda não há condições financeiras para o efeito, apesar de haver um trabalho em curso com vista a apurar o que é necessário para se comprar novos aparelhos.

A gestão da morgue do Hospital Provincial de Lichinga é da responsabilidade da direcção da unidade sanitária e do Conselho Municipal de Lichinga. "A situação preocupa-nos bastante, pelo que, em coordenação com o município, estamos a envidar esforços no sentido de termos a morgue operacional", disse Laison Daniel.

Quando lhe colocámos a questão de as autoridades terem traçado algum plano alternativo enquanto se espera pela solução definitiva do problema, aquele responsável respondeu negativamente e afirmou que presentemente não existe capacidade para se usar plenamente as câmaras frigoríficas da morgue. Todavia, com a reparação de uma parte dos aparelhos

os funerais não serão realizados num curto espaço de tempo.

Por seu turno, o presidente do Conselho Municipal de Lichinga, Augusto Assique, disse que é imensurável o impacto negativo provocado pela avaria do sistema de frio em alusão. As peças danificadas custam nove mil meticais e uma equipa de técnicos encontrava-se em Nampula e noutras cidades do país para comprá-las.

A morgue do Hospital Provincial de Lichinga tem capacidade para conservar, em média, nove corpos por dia. E esta não é primeira vez que o equipamento regista uma avaria. Em 2011, seis câmaras frigoríficas daquela morgue ficaram mais de duas semanas inoperacionais por causa do mesmo problema. Na altura, Augusto Assique disse que as peças que estavam danificadas só podiam ser adquiridas na África do Sul, pois o revendedor dos referidos acessórios em Lichinga não reunia requisitos legais para o efeito.

Entretanto, alguns municípios entrevistados pelo nosso Jornal consideram que a justificação segundo a qual a peça estragada não se encontra no mercado nacional é descabida por quanto a tarefa das autoridades que gerem as unidades sanitárias é assegurar a provisão normal de serviços públicos, procurar soluções em caso de problemas e não avançar desculpas, sobretudo quando se trata de conservação de cadáveres.

Consumo excessivo de combustível lenhoso ameaça extinguir a floresta natural

A cidade de Maputo e o distrito de Marracuene vão ter gás natural canalizado a partir do próximo ano. Enquanto esse projecto não se materializa, a Livanningo refere que o consumo excessivo de lenha e de carvão vegetal nos centros urbanos moçambicanos ameaça extinguir a vegetação nativa nas zonas de obtenção da matéria-prima com que se produz este tipo combustível lenhoso, o que poderá trazer consequências nefastas para o meio ambiente, para a economia e para a saúde dos próprios consumidores.

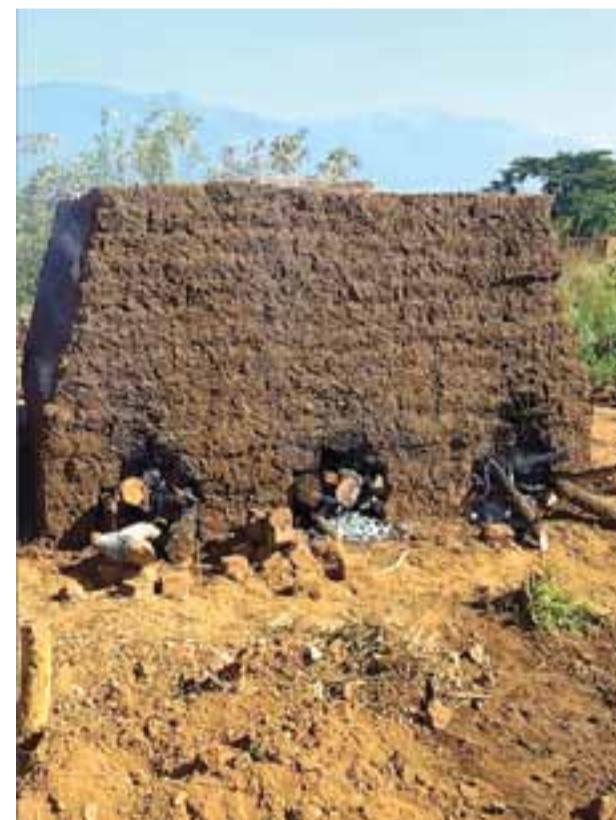
Texto & Foto: Redacção

A Livanningo é uma Organização Não-Governamental moçambicana virada para questões ambientais e uso sustentável dos recursos naturais. Ela indica, no seu estudo de avaliação das fontes de energia doméstica no Distrito Municipal KaMaxaquine, que o dispêndio de carvão e de lenha nesta região da capital moçambicana é demasiado. Um agregado familiar chega a consumir anualmente mais de mil sacos de carvão, o que periga o ambiente e a saúde da população.

Segundo a pesquisa, é preciso que a população use gás e outras fontes de energia que podem reduzir em cerca de 40 por cento o consumo de lenha e de carvão, e, desta forma, evitar catástrofes ambientais e de saúde. E para que esse desiderado se concretize é necessário que se remova o tabu que ainda persiste na população sobre as fontes de energias alternativas, que são vistas como uma ameaça à vida.

Segundo o estudo, a queima de lenha emite dióxido de enxofre, monóxido de carbono, dióxido de nitrogénio, para além de outros compostos que são os principais causadores de doenças respiratórias, tais como glaucoma e carcinogénicas, uma vez que a exposição do indivíduo à fumaça equivale ao consumo de dois maços de cigarros diários.

Relativamente ao gás natural canalizado, o Governo prevê iniciar a distribuição até Maio de 2014, mas a prioridade serão os grandes consumidores, tais como hospitais, hotéis e centros comerciais, e mais tarde será fornecido às residências. A rede de distribuição entre Maputo (incluindo Matola) e Marracuene terá uma extensão de 62 quilómetros e o gás a ser usado é de Temane e Pande, na província de Inhambane.



O estudo a que nos referimos indica ainda que somente em 2011, as cidades de Maputo, Nampula e Beira consumiram oito milhões de sacos de carvão. No Distrito Municipal KaMaxaque ne foi consumido, no ano passado, por agregado familiar, aproximadamente um milhão de sacos de carvão, contra mais de quatro milhões em toda a capital do país. Estes dados representam uma destruição de 12.5 milhões de hectares de vegetação em todo o país.

A pesquisa revela ainda que o consumo médio da lenha e do carvão se situa nos 0,2 a 0,6 toneladas per capita por ano, o que equivale a um consumo anual de pouco mais de 12 milhões de toneladas. As indústrias locais são as que consomem mais as energias de biomassa em relação aos agregados familiares.

Caros leitores

Pergunta à Tina... Porque o preservativo não deu certo em nós?

Olá leitores queridos. Há muito tempo que não recebia uma pergunta tão concreta sobre uma Infecção de Transmissão Sexual. Gostei muito e quero encorajar a todos a partilharem mais sobre este tipo de infecções, as dúvidas, os receios, etc. As Infecções de Transmissão Sexual, quando não tratadas, podem trazer efeitos bastante adversos à saúde dos homens e das mulheres. Elas interferem com a sexualidade saudável dos casais e com a fertilidade, tanto dos homens como das mulheres. Por isso, estejam informados, procurem ajuda e cuidem da vossa saúde. Até onde podes, esta coluna reponde a dúvidas sobre o assunto. Por isso,

Enviem-me uma mensagem através de um sms para 90441
E-mail: averdademz@gmail.com

Olá Tina. Chamo-me Samuel e tenho 24 anos. Fui a hospital, e disseram-me que tinha contraído sífilis. Deoram-me comprimidos e tomei três injecções; estou há uma semana depois da última injecção. Ultimamente sinto muito calor e transpiro muito à noite. Sinto um impulso do tipo contracção desagradável na zona baixa entre os testículos e o ânus. Será que é o efeito da medicação? Às vezes parece-me que não estou curado, e perdi o desejo sexual. O que faço?

Olá para ti também. Imagino que estejas a sentir-te atordoado com esta situação. Eu percebo. Muitas vezes quando estamos a fazer uma medicação, podemos sentir efeitos físicos que podem ou não estar associados a este tratamento. Uma coisa é certa: qualquer medicação, principalmente a que é receitada na unidade sanitária, tem os seus efeitos secundários e é preciso que estejamos familiarizados com os mesmos. Na maioria das embalagens de comprimidos ou pomadas, há informação sobre o tipo de reacções secundárias, dependendo também da tolerância do organismo. Eu aconselho-te a voltares ao hospital e a conversares abertamente com o/a médico/a ou técnico que te atendeu para que este te explique mais sobre a medicação que te recomendou. Um exame físico também poderia ser feito para perceber porque sentes esta contracção na zona do ânus e testículos. Se fizeste bem o tratamento, acredito que ficarás curado. Tens todo o direito de conhecer melhor o tratamento que te estão a dar. Boa saúde.

Boa tarde Dona Tina. Tudo bem? Sou o Neto, de 22 anos. Namoro com uma moça de 17 anos, e tenho receio que ela fique grávida. O preservativo não deu certo em nós, e duvido da pílula (será que não falha?). Não quero que ela fique grávida. Ajude-me.

Olá meu querido. Primeiro, vou-me zangar um pouquinho contigo: essa cena de "preservativo não deu certo em nós" não cola muito bem e podes colocar a tua saúde e da tua namorada, que ainda é menor de idade, em risco. Sim, porque se ela só tem 17 anos, ainda é considerada uma criança por Lei. Mais ainda: se vocês estão a fazer sexo sem preservativo, o mais provável é que ela VAI MESMO ENGRAVIDAR. Há varias formas, incluindo o uso de contraceptivos orais, ou pílulas. Mas tens razão de suspeitar de que ela pode falhar. Sim, há muitas pessoas que têm dificuldades de manter a rotina da toma. Eu não poderei aconselhar a fazer outra coisa senão procurarem os dois um aconselhamento numa unidade sanitária, de preferência uma onde exista um serviço amigo dos adolescentes e jovens. Conversem com o/a enfermeiro/a e procurem saber qual é a melhor forma de uma rapariga de 17 anos evitar a gravidez. Cuida da tua saúde e protege-te e à tua namorada de infecções e de uma gravidez precoce.

Em Matianine “B” sexta-feira 13 é sinónimo de azar

A crença segundo o qual toda a sexta-feira 13 é dia de azar deixou de fazer parte do campo do misticismo na pacata vila de Namaacha. O bairro Matianine “B”, encrustado na rua que leva o nome de um lugar de má memória para os moçambicanos, Mubuzini, foi igualmente palco de um episódio sangrento. Porém, insólito para os nativos daquele município famoso pelas cascatas que atraem visitantes de todos os pontos da cidade e província de Maputo.

Texto & Foto: Rui Lamarques

Cinco indivíduos, quatro daquele bairro e outro que não foi possível apurar o nome, mas do qual se diz ser residente do 25 de Junho, na mesma vila municipal, decidiram, no princípio do dia 13 de Setembro em curso, extrair mercúrio de um morteiro.

A ideia era simples e, do ponto de vista dos cinco, eficaz. Um serralheiro que em vida respondia pelo nome de Jorge Armando Cossa, de 34 anos de idade, usaria uma rebarbadora para abrir o engenho. A morte, sempre rasteira e à espreita, acabou com a empreitada e “cobrou” duas vidas na altura. A explosão foi tal que os vizinhos mais próximos saíram à rua prontos para o que desse e viesse. No caso em apreço, prontos para tudo resume-se ao acto de encontrar um lugar para se esconder a qualquer custo. Com o clima de tensão que se vive na zona Centro do país, dizem os moradores, todo o cuidado é pouco.

A residência de Simeão Mucavele, cidadão que ficou sem dois membros, de acordo com testemunhas oculares, continua intacta. O que contrasta com os corpos de Cossa e de um indivíduo ainda por identificar, ambos, sem vida, vistos estatelados no chão da varanda de uma casa de blocos que a falta de dinheiro não deixou concluir.

Os objectos de um trabalho que se acreditava rentável continuavam no local enquanto agentes da Polícia da República de Moçambique (PRM) do Comando da Vila de Namaacha aguardavam pela chegada de uma brigada da Polícia de Investigação Criminal (PIC). O chefe de operações no local referiu que não poderia prestar declarações no momento. Quaisquer esclarecimentos seriam, disseram-nos, dados no Comando.

O @Verdade deixou a vila sem ter conseguido obter esclarecimentos. Já em Maputo, quer no Comando da PRM ao nível da cidade, quer no Comando-Geral, não foi possível ouvir a versão da corporação sobre a ocorrência que deixou os residentes de Matianine “B” convictos de que sexta-feira 13 é sinónimo de azar.

Refira-se que a data em apreço é popularmente considerada um dia de azar devido a várias interpretações, dentre as quais:



o número 13 é sinal de má sorte alegadamente porque teria sido o dia em que Jesus Cristo foi crucificado.

Fontes do Hospital Central de Maputo (HCM) confirmaram ao @Verdade a entrada de três feridos em estado grave oriundos de Namaacha. Numa primeira hora, as vítimas foram levados ao Hospital Distrital de Namaacha, de onde foram imediatamente transferidos para a maior unidade sanitária do país. Não foi possível ouvir os sobreviventes porque a pessoa que responde pelos internamentos não estava presente, segundo um funcionário daquele hospital.

Quando a nossa Reportagem deixou o local dos acontecimentos, em Matianine “B”, uma criança de três anos de idade brincava inocentemente, num local onde os rostos estavam prenhes de tristeza. Isso aguçou a nossa curiosidade. “É filho do serralheiro”, disseram-nos.

Mesmo na sexta-feira 13 é impossível deixar uma criança triste! O mundo da felicidade pertence aos petizes e a tristeza é um mundo que eles desconhecem mesmo quando o seu futuro é amordaçado num vale de lágrimas.

Matianine “B”, depois da tragédia motivada pela cobiça e, quiçá, ignorância, jamais será o mesmo. O futuro, agora, é incerto para as duas famílias que perderam os seus guias e outras três que descobriram que mais grave do que a morte é a incerteza da vida: três indivíduos entre a vida e a morte no HCM...

Adolescente viola sexualmente menor em Nampula

Um adolescente de 15 anos de idade violou sexualmente uma criança de oito anos de idade, no dia 10 de Setembro em curso, no bairro de Muatala, na cidade Nampula. Entretanto, a Polícia não deteve nem o puniu o rapaz supostamente por falta de provas, apesar de que os exames médicos confirmaram que houve penetração e foram igualmente encontrados espermatozóides no corpo da menina.

O padrasto da vítima, cujo nome omitimos propositalmente para evitar a identificação da ofendida através do mesmo, – o que pode causar estigmatização – disse-nos que na altura em que a menina foi abusada sexualmente estava fora de casa a brincar com as amigas.

Segundo o pai da menor a que nos referimos, a sua filha foi salva graças à denúncia de outras crianças com as quais ela brincava, que ao estranharem a demora da amiga não hesitaram em alertar os familiares. Estes, quando chegaram ao domicílio do violador enfrentaram dificuldades para entrarem porque o adolescente negava abrir a porta devido ao medo.

Depois de muita insistência, o rapaz cedeu, e a vítima foi encontrada nua e a lacrimejar. Na mesma ocasião, a menor e o violador foram levados ao Posto Policial de Muatala, onde se emitiu uma guia para o

Texto: Redacção
Hospital Central de Nampula (HCN). Para além dos espermatozóides encontrados no corpo da vítima, os médicos confirmaram que houve penetração parcial.

Entretanto, apesar dessa constatação de especialistas da Saúde, a Polícia não tomou nenhuma medida alegadamente por insuficiência de provas e porque o menor é inimputável.

Em relação aos casos de violação sexualmente protagonizados sobretudo contra crianças, tem sido normal a corporação não agir mesmo quando há matéria para o efeito, o que, em parte, fragiliza o combate a este mal que está a deixar sequelas nas vítimas.

Por exemplo, em Agosto passado, a um professor de 45 anos de idade estuprou a sua aluna de 13 anos de idade, na Escola Primária Completa de Sururua, sita na localidade de Vaquiua, no distrito de Gúruè,

na província da Zambézia. Depois de ter sido preso cerca de 48 horas, foi restituído à liberdade supostamente por falta de provas e porque o caso não podia ser dirimido sem a presença do pai da rapariga que na altura do crime se encontrava no município de Quelimane. Na verdade, o problema não seguiu avante.

Refira-se os contactos telefônicos da linha verde da Inspecção Geral de Saúde nas províncias, nomeadamente Maputo Cidade – 84 151; Maputo Província – 84 152; Gaza – 84 153; Inhambane – 84 154; Sofala – 84 155; Manica - 84 156; Tete – 84 157; Zambézia – 84 158; Nampula – 84 159; Niassa – 84 160 e Cabo Delgado – 84 161, só funcionam para relatar problemas relacionados com o mau atendimento nos hospitais, segundo apurou o @Verdade quando esta quarta-feira discou o 84 151 para expor o problema cometido pelo adolescente em causa.

Previsão do Tempo	
Sexta-feira 20 de Setembro	
Zona SUL	 Tempo quente com céu pouco nublado passando a muito nublado. Vento de nordeste fraco a moderado soprando às vezes com rajadas.
Zona CENTRO	 Céu geralmente pouco nublado. Possibilidade de ocorrência de neblinas matinais locais. Vento de nordeste a leste fraco a moderado.
Zona NORTE	 Céu pouco nublado, localmente muito nublado. Possibilidade de neblinas matinais. Vento do quadrante leste fraco a moderado.
Sábado 21 de Setembro	
Zona SUL	 Céu pouco nublado, localmente muito nublado. Possibilidade de chuvas locais. Vento de sueste fraco a moderado soprando às vezes com rajadas.
Zona CENTRO	 Céu predominantemente pouco nublado. Possibilidade de ocorrência de neblinas matinais locais. Vento de nordeste a leste fraco a moderado.
Zona NORTE	 Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de neblinas matinais locais. Vento de nordeste a leste fraco a moderado.
Domingo 22 de Setembro	
Zona SUL	 Tempo fresco com o céu geralmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas locais. Vento de sueste fraco a moderado às vezes com rajadas.
Zona CENTRO	 Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de neblinas matinais locais. Vento de nordeste rodando para sueste fraco a moderado.
Zona NORTE	 Céu pouco nublado com períodos de muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas locais principalmente nas terras altas do interior. Vento de nordeste a leste fraco a moderado.
Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia	
Diga-nos quem é o XICONHOGA	

Livro de Reclamações d'Verdade

O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal **@Verdade**, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Reclamação

Saudações, Jornal @Verdade. Somos alunos da Escola Secundária Patrice Lumumba em Quelimane. Gostaríamos, através do vosso meio de comunicação, de expor uma inquietação relacionada com os exames extraordinários da primeira época.

Em Julho deste ano, realizámos os exames a que nos referimos no estabelecimento de ensino acima mencionado, contudo, desde essa altura ainda não foram afixadas as pautas com vista a sabermos dos resultados. O pior é que não tivemos acesso atempadamente aos guiões de correção das provas.

Trinta dias depois de termos sido submetidos aos exames em apreço conseguimos obter a correção dos mesmos na Escola Secundária 25 de Setembro de Quelimane. Todavia, por norma, deviam ter sido afixada no mesmo lugar onde as provas foram realizadas.

O problema que nos agasta relativamente à demora na afixação dos resultados da primeira época é o facto de as inscrições para os exames extraordinários da segunda época – que vai decorrer em Dezembro próximo – terem

iniciado. Entretanto, o grosso dos candidatos que estão em casa por falta de falta de vagas em todos os anos lectivos ainda não se inscreveu porque não sabe se teve resultados positivos ou negativos nos exames passados.

Para além disso, há o receio de termos gasto dinheiro para nos inscrevermos desnecessariamente caso tenhamos sido aprovados. Nos exames extraordinários cada disciplina custa 75 meticais e 100 meticais o boletim de inscrição.

A direcção da Escola Secundária Patrice Lumumba é arrogante porque não nos quer explicar as reais causas da demora na afixação dos resultados da primeira época. Como prevenção, alguns dos nossos colegas inscreveram-se novamente para os exames da segunda época.

Neste contexto, pedimos a vossa ajuda para o esclarecimento deste problema que nos inquieta. Queremos saber igualmente da direcção daquela escola quando é que os resultados serão afixados e se seremos ou não reembolsados caso tenhamos obtido resultados positivos nos exames da primeira época.

Resposta

Em relação à preocupação dos nossos reclamantes, @Verdade contactou a directora da Escola Secundária Patrice Lumumba em Quelimane, Júlia Cândido. Esta negou as acusações feitas pelos alunos e explicou que as pautas foram afixadas na vitrina daquela instituição três semanas depois da realização dos exames.

Entretanto, a dirigente foi contradita por um funcionário do sector pedagógico, o qual nos assegurou que as pautas exigidas pelos alunos só foram afixadas no dia 08 de Setembro em curso, isto é, cinco dias depois do arranque das inscrições para a segunda época.

De acordo com o mesmo interlocutor, os reclamantes não terão direito de devolução do dinheiro independentemente do resultado que o examinado tiver.

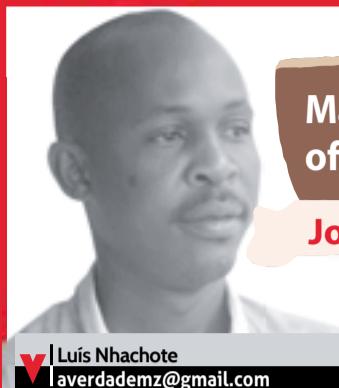
Aliás, o nosso entrevistado afirmou que por mais que a direcção da escola tenha vontade de reembolsar o valor aos alunos não será possível porque a conta bancária na qual os depósitos foram efectuados é gerida ao nível do Ministério da Educação, o que tornará difícil o levantamento do montante para o efeito.



As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorrecos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua Reclamação de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos. Envie: por carta – Av. Mártires da Machava 905 – Maputo; por Email – averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS – para o número 90440.

A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.



**Mamparra
of the week**
Jorge Khalau

Luís Nhachote
laverdademz@gmail.com

Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avôs e Avós

O mamparra desta semana é a Polícia da República de Moçambique (PRM), revestida na pessoa de Jorge Khalau, o seu Comandante-Geral, cujas últimas crónicas abundantes seladas com o seu apelido rezam que um dos seus filhos é accionista de uma empresa de segurança privada que usa armas de uso exclusivo das Forças de Defesa e Segurança. Chegou-se ao cúmulo da “sem-vergonhice”, da falta de respeito pelas instituições!!!!???

É assim que se celebram as glórias do Presidente Guebuza, como recentemente foi elevado à categoria de “guia incontestável de todos nós”? Porque é que estão a fazer isto por cima das “grandes realizações”, todas elas de valor imensurável do Presidente Armando Guebuza? Será que ele merece ser manchado assim? A quem interessa que as suas realizações sejam manchadas por esta impunidade vinda de uma instituição cujo Comandante ele mesmo é que nomeou?

Em qualquer parte do mundo, onde ninguém precisa de ser jurista como o Comandante Khalau o é, qualquer incauto ou criminoso da mais rara espécie sabe que o único detentor da violência legítima é o Estado! Isto é, a única instituição que pode ter armas é única e exclusivamente o Estado, neste caso a Polícia e as Forças Armadas. Quem tiver armas, fora dessa jurisdição e sem autorização para o efeito, pode ser autuado pelas devidas instituições de direito.

O chefe do nosso Estado, o “guia incontestável de todos nós”, é o iluminado Presidente Guebuza que parece não estar a importar-se ou a dar o benefício da dúvida. Será que não tem conhecimento de que as armas do Estado estão a ser usadas por uma empresa privada numa atitude atípica para um Estado de direito???

Já neste pedestal, digno de quem merece subir por mamparrixe, já nos referimos a outros pontapés que o Comandante-Geral da Polícia da República de Moçambique já protagonizou. Como se devem lembrar, ele é o “autor” da máxima que diz “não respeito ordem de nenhum juiz”!!

Quando o seu mandato expirou, bradámos aos céus para que o “guia incontestável de todos nós” colocasse a linha férrea sobre os caris, e fê-lo. Reconduziu Khalau. Mas lá está, sabia o Presidente que uma empresa privada que tem o filho do seu polícia número UM usava as armas do Estado?

Que raio de brincadeira é esta, afinal? É que alguém tem que pôr um travão neste tipo de mamparices.

**Mamparas, mamparas, mamparas.
Até para a semana, juizinho e
bom fim-de-semana!**

A CONTE EU
A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade
SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique.

Democracia

A herança e os pecados do “Glorioso” Presidente Guebuza

O mandato do Presidente da República, Armando Guebuza, caminha para o seu final, mais concretamente daqui a um ano. Nos últimos meses, uma intensa campanha de endeusamento ao seu legado está a decorrer a vários níveis, sob o pretexto de “Balanço da Governação do Presidente Armando Emílio Guebuza” no período que vai da sua entronização, em 2005, ao presente ano.

Texto: Luís Nhanchote • Foto: Miguel Manguze

Nas frentes televisivas, nos canais públicos e privados, bem como na imprensa escrita, a tónica é a exaltação das realizações que o Presidente Guebuza terá feito. Nas mesmas análises, não há espaço para se apontar eventuais erros, pois Guebuza, até num distícto recentemente tornado público, é tido como “guia incontestável de todos nós”.

Neste artigo, procuramos trazer à superfície os problemas por ele herdados e criados, que passarão para o seu sucessor, até aqui misterioso. Guebuza, a sair do poder, como ele o tem afirmado, levará na sua bagagem uma multiplicidade de vitupérios públicos que mandou aos seus possíveis e imaginários detractores.

Combate à corrupção com lentes distantes

Quando o Presidente Armando Guebuza foi empossado em Janeiro de 2005, na Praça da Independência, sucedendo a Joaquim Chissano, trazia na manga uma série de promessas, entre as quais um cerrado combate à corrupção, ao “espírito de deixa-andar”, à burocracia, entre outros quejandos.

Dizia Guebuza nos seus primeiros dias da sua chancelaria que “este não é tempo de andar, mas tempo de correr”. Com a aprovação do Pacote Anti-Corrupção, em 2004, finalmente um Governo da Frelimo procurava dar amostras de combater este mal, que, quotidianamente, se tornava marca daquela formação política.

A ratificação por parte de Moçambique de convenções internacionais e regionais contra a corrupção e a experiência da aplicação da Lei n.º 6/2004, de 17 de Junho, e do seu regulamento mostraram que era necessário proceder à revisão desta Lei e do Decreto que a regulamentou, o Decreto n.º 22/2005, de 22 de Junho.

E assim foi feito. Em 2008, realizava-se a primeira “boa nova” das promessas de Armando Guebuza no tocante ao combate à corrupção: Almerino Manheje, o superministro (ocupou as pastas de ministro do Interior e da Presidência) na chancelaria de Joaquim Chissano, era preso por alegado desvio de fundos no Ministério do Interior.

José Pacheco, actual ministro da Agricultura, na condição de chefe do pelouro que estivera sob as rédeas de Manheje, foi quem ordenou uma auditoria às contas daquela casa, que teria apurado um rombo monumental na ordem dos 220 milhões de meticais.

Pacheco ordenou a realização daquela auditoria logo que ascendeu àquele cargo. Efectuada a auditoria no âmbito do “tempo de correr e não de andar”, o resultado desta foi entregue à Procuradoria-Geral da República (PGR) e lá ficou sem ter pernas para andar até que os embaixadores da Suécia e Suíça informaram o Executivo moçambicano de que diminuiriam a sua ajuda ao orçamento do país como forma de protesto contra o fac-



Esteja sempre actualizado sobre actualidade política do país e no globo seguindo-nos no [twitter @democraciAmz](#)

finais da década setenta e inicio da década oitenta, rumou para a “defunta” República Democrática Alemã (RDA), ao qual se convencionou chamar de “madgermanes”, marcha clamando pelos valores que lhes eram descontados nos seus ordenados naquele país do leste europeu. Eles são a maior referência do exercício de um dos direitos de cidadania plasmados na Constituição da República: o direito à manifestação.

O Presidente da República, Armando Guebuza, parece não ter tido destreza necessária para se inteirar deste dossier que afecta os seus compatriotas. Pode ter sido esquecimento....

Os desmobilizados da guerra civil entre o Governo de Moçambique e a Renamo também estão na lista da herança que Armando Guebuza vai deixar ao seu sucessor. Para variar o diálogo neste campo, chegou o Estado moçambicano a fazer uso de violência psicológica e física contra este grupo de nacionais e algumas vezes diante das câmaras televisivas. O líder deste fórum, Hermínio dos Santos, foi detido e psicologicamente torturado para não continuar a lutar pelos seus direitos e dos seus pares.

Os médicos, professores e outros grupos da sociedade mereceram alguma pequena atenção quando o assunto extravasou as fronteiras de diálogo. Mas no final do dia, continuam na mesma.

Recados aos detractores

Uma das características, quiçá únicas, que o Presidente da República deixa como legado são os inúmeros recados que enviou aos críticos à sua governação. No léxico político nacional, foram introduzidas, em forma de retórica, pelo mais alto magistrado da nação expressões como: “tagarelas”, “apóstolos da desgraça”, “vamos continuar a irritá-los”, “marginais”, “inimigos do desenvolvimento”, “agitadores profissionais” entre outros adjetivos. O Presidente da República fez estes e outros pronunciamentos em público, e com toda a naturalidade.

Com a nomeação de Edson Macuacua para assessor e conselheiro, esperava-se que este ciclo terminasse. Enganado esteve quem assim pensou. Na semana passada durante a sua “Presidência Aberta e Inclusiva” à cidade de Maputo, Guebuza disse

to de o Governo de Guebuza não estar a tomar acções contundentes na luta que era o seu cavalo de batalha.

A verdade dos factos é que Manheje acabou por parar nos calabouços acusado de 49 crimes dos quais acabou por ser incriminado por 48. No final das contas, no julgamento do primeiro “peixe graúdo” da rede da governação de Armando Guebuza, Manheje acabou por responder por 500 mil meticais e não 220 milhões que teriam sido apurados pela auditoria do ministro Pacheco.

Pouco depois a corrupção de que Guebuza se orgulhava de ser líder no seu combate, instalou-se no seu próprio Governo, quando António Munguambe, que dirigia o Ministério dos Transportes e Comunicações, foi acusado no famoso caso “Aeroportos de Moçambique” de ter beneficiado indevidamente de 33 000 dólares daquela empresa entre 2005 e 2008, para além de ter recebido um automóvel de forma imprópria e de ter desviado fundos e bens do Estado.

António Munguambe foi parar aos calabouços e a sua pena passou de 20 anos em primeira instância, em Fevereiro de 2010, para quatro anos de cadeia num caso de desvio de bens públicos.

Em 2011, o semanário Canal de Moçambique deu à estampa na sua capa um negócio a todos níveis de fazer bradar os céus. Referia que uma empresa em que o cidadão Armando Guebuza é accionista tinha vendido cerca de 150 autocarros movidos a gás ao Estado. As mesmas tinham sido adquiridos na Índia, através do Fundo de Desenvolvimento de Transportes e Comunicações (FDTC), e vendidos a crédito à empresa Transportes Públicos de Maputo (TPM) como forma de melhorar a falta de transporte na cidade e província de Maputo.

Os autocarros de marca TATA foram adquiridos à TATA Group, da Índia, pela empresa nacional TATA Moçambique Limitada, que tem como um dos sócios o cidadão Armando Emílio Guebuza, que é o Presidente da República e chefe do Governo moçambicano.

Esses autocarros custaram aos cofres do Estado moçambicano 565 milhões de meticais e foram adquiridos sem concurso público, conforme manda a lei de *procurement*, como teria assegurado ao Canal de Moçambique o ministro dos Transportes e Comunicações, Paulo Zucula (exonerado recentemente). “Apenas estávamos à procura de empresas fabricantes de autocarros a gás”, terá dito Zucula ao Canal de Moçambique!

O cidadão Armando Emílio Guebuza é sócio da empresa TATA Moçambique Limitada, a par da TATA Holding e MBATINE INVESTIMENTOS, LDA, conforme atesta o Boletim da República número 17, III Série de 24 de Abril de 2002.

Até aqui fizemos uma breve radiografia de que quanto a esta luta, o Presidente da República esteve a combater a corrupção com lentes de baixa densidade no seu alcance.

Noutros órgãos de soberania como o Concelho Constitucional e o Tribunal Administrativo da chancelaria de Armando Guebuza, por via da imprensa, ficou-se a saber dos “festivais” dos dinheiros públicos, perante o silêncio sepulcral do “guia incontestável de todos nós”!!

A presidente da Liga dos Direitos Humanos, a senhora Alice Mabota, já apelidou o Presidente Guebuza de SENHOR 5%!

Heranças para o seu sucessor

Toda a “santa quarta-feira”, um grupo de concidadãos nacionais que entre os

a plenos pulmões que a “Cidade de Maputo é o centro de movimentos críticos ao Governo”.

Negócios: outro legado...

O volume de negócios da família Guebuza aumentou com a sua chegada ao poder. Com um total de 27.160 hectares de terra registado no cadastro mineiro, o clã, através da Intelec Holdings e da Tata Moçambique, detém sete licenças de prospecção e pesquisa minerais. Todas as licenças têm em comum o facto de terem sido atribuídas pela Direcção Nacional de Minas (DNA), a partir da altura em que Armando Guebuza ascendeu ao cargo de Presidente da República.

A Intelec Holdings, constituída por escritura de 14 de Novembro de 1998, tendo alterado a sua denominação em 10 de Abril de 2003, é a empresa-mãe de um grupo de empresas moçambicanas, com forte participação de capital privado nacional, e um volume de negócios de 644 milhões de meticais (dados de 2008). Regularmente participa do ranking das 100 maiores empresas de Moçambique.

A Intelec Holdings, como gestora de participações sociais, por volta de 2003, altura em que assumiu esta denominação, tinha na sua base empresarial as seguintes participações: a Aberdare Intelec, a Electrotec, a SINERGISA, Sarl, a ENMO e a Intelec Lites e, em duas áreas de negócio, designadamente Energia (geração, indústria e construções eléctricas) e Publicidade, bem como a sua evolução para uma situação de 15 participações e oito áreas de negócio, em 2008, nomeadamente Energia, Publicidade, Hotelaria e Turismo, Telecomunicações, Minas, Cimentos, Consultoria e Finanças.

A INTELEC Holdings tem como principal área de negócios o sector de energia, estratégico no desenvolvimento do país, o segundo em volume de negócios entre as 100 maiores empresas a nível nacional.

Pela Intelec Holdings, um dos principais braços gestores dos seus interesses, a família Guebuza tem sob a sua alcada seis licenças na área mineira. O Presidente do Conselho de Administração (PCA) desta holding é Celso Correia.

A Tata Holdings, empresa-mãe da Tata Moçambique, na qual Armando Guebuza é acionista, detém apenas uma licença.

De acordo a base de dados do cadastro mineiro tornada pública pelo Centro de Integridade Pública (CIP), as licenças detidas pelo Presidente Guebuza estão localizadas em Cheringoma (duas), e foram atribuídas em 2007, sendo que uma expira em Julho e outra em Agosto do corrente ano, em áreas correspondentes a 1.020 e 1.840 hectares, respectivamente.

Igualmente, possui duas em Inhassoro, em Inhambane, ambas atribuídas em 2007 e que expiram em Julho e Agosto próximo, respectivamente, numa área de 9.800 e 1.480 hectares.

Possui uma outra em Magude, também atribuída em 2007, numa área de 2.880 hectares, que expirou em Julho do corrente ano.

A última licença da Intelec holdings foi atribuída em 2010, em Magoe, Zumbo, na província de Tete, numa área de 9.520 hectares e expira em Janeiro de 2016.

Pela Tata Holdings, a única licença pública detida está em exploração no distrito de Matarara, em Tete, e foi atribuída em 2004. A mesma expira este ano, numa área de 20.460 hectares.

O representante da Tata Africa Holdings é Raman Dhawan, de origem india, mas esta empresa, com participação em 11 países, tem também interesses no sector da indústria extractiva em Moçambique.

UNAC quer fortificar a sua participação nas discussões sobre o uso da terra

A União Nacional dos Camponeses (UNAC) defende a necessidade de uma participação cada vez mais activa deste grupo nos debates sobre assuntos inerentes à terra de modo a garantir, em parte, que os seus interesses sejam tidos em conta na altura de atribuir espaços aos investidores. A intenção foi revelada pelo presidente desta agremiação, Augusto Mafigo, no final do encontro regional dos camponeses havido semana finda, no distrito de Marracuene, no qual foram discutidas questões cruciais que apoquentam os agricultores.

Texto: Alfredo Manjate

O líder dos camponeses defendeu a ideia de o Governo capacitar os camponeses para que estes possam dar um bom seguimento aos diferentes programas desenhados pelo Executivo. “Sem capacitação dos camponeses, que são os usuários destas infra-estruturas e do equipamento tecnológico que se prevê introduzir, teremos os mesmos problemas que tivemos no passado, em que recebemos meios mas não havia conhecimento”, argumentou, considerando que o Executivo deve, em paralelo com os planos que desenha para o sector, habilitar os camponeses no uso das diferentes ferramentas que as novas tecnologias oferecem.

No final do encontro, no qual um dos momentos altos foi a apresentação pública do projecto agrícola ProSul, o presidente da União Nacional dos Camponeses (UNAC), Augusto Mafigo, lamentou a ocorrência de episódios reportados pelas organizações camponesas e ambientalistas de expropriação da terra das comunidades rurais, em benefício de empresas multinacionais. Para ele, o problema deve-se simplesmente ao fraco debate nos processos de atribuição das referidas parcelas.

Queixas dos camponeses

No encontro de Marracuene os camponeses das três províncias do sul, designadamente Gaza, Inhambane e Maputo, queixaram-se mais uma vez ao Governo da falta ou deficiente consulta pública às comunidades quando se pretende atribuir o Direito de Uso e Aproveitamento da Terra (DUAT) aos investidores estrangeiros.

“Na província de Inhambane, temos tido problemas de usurpação da terra, embora não seja em grande foco. Temos algumas comunidades que, com a chegada de alguns investidores, são retiradas das terras férteis onde fazem a sua produção e são colocadas em locais onde a prática de agricultura não é favorável”, denunciou Andrade Muylanga, do núcleo provincial de Inhambane, em conversa com o @Verdade, tendo indicado que a zona litoral daquela província é que regista mais problemas.

Ainda falando sobre Inhambane, uma das participantes, Ana Alexandre, explicou que no distrito de Panda a população foi forçada a abandonar os seus campos de cultivo em benefício de organizações que pretendem produzir jatrofa. Esta medida está a deixar enraivecidos os camponeses pois “nem sequer sabem que benefícios terão com a produção desta cultura”.

Por sua vez, Adão Wilson, agricultor na província de Gaza, disse ao @Verdade que o problema que se tem constatado naquela província tem a ver com a falta de clareza quanto à definição da área reservada aos parques ou reservas ecológicas. Essa situação faz com que “os estrangeiros transformem os nossos campos de produção em parques”.

A nossa fonte apontou que nos distritos de Chicualacuala e Massingir, desde 2006, as comunidades enfrentam problemas de acesso aos locais onde no passado faziam a recolha de bens alimentícios porque os mesmos foram vedados e transformados em parque, num processo não muito claro.

Um facto que mereceu uma apreciação negativa dos participantes do encontro é que na altura da discussão e apresentação dos problemas a governadora da província de Maputo, Maria Jonas, que fez a abertura oficial do encontro, já se havia retirado do local, quando eles preferiam que ela ouvisse na primeira pessoa as suas queixas.

Durante a apresentação das queixas, uma interveniente da província de Maputo, cujo nome não foi possível apurar, exigiu que se incluísse os camponeses nos conselhos consultivos distritais ou provinciais, uma vez que é nesses órgãos onde são tomadas as decisões que acabam por ter grandes implicações na vida das comunidades.

Governo recusa usurpação de terras

A governadora da província de Maputo, que não chegou a ouvir a maior parte das reclamações por se ter retirado do encontro antes da sua apresentação, manteve-se “fiel” à posição do Executivo no que diz respeito às questões de usurpação de terra, muito reportadas pelas comunidades.

Maria Jonas afirmou que “não ocorrem nenhuma situações de usurpação de terra”, argumentan-

do, no entanto, que os casos que se têm registado resultam de “desvios de comportamento” por parte das pessoas envolvidas no processo de atribuição de espaços.

Seguidamente, a governante explicou que no sector agrário o actual desafio é transformar a agricultura de subsistência em agricultura comercial.

Entretanto, o membro da UNAC, Vicente Adriano, sustenta que esse desafio implicaria a transformação de 80 porcento da população moçambicana que se dedica a essa actividade em pequenos empresários, o que nas suas palavras não é possível. “Não existe nenhum país em que 80 porcento da sua população é empresária”.

ProSul

Durante o encontro o Governo, através do seu representante, Daniel Matos, fez a apresentação do “Projecto de Desenvolvimento de Cadeias de Valor nos Corredores do Maputo e Limpopo” denominado ProSul, tendo focado as vantagens que este trará para o desenvolvimento da agricultura nas regiões abrangidas. Apontou que o objectivo da iniciativa é o aumento sustentável da renda dos pequenos produtores a partir da introdução de três cadeias de valor envolvendo a horticultura, a mandioxa e a pecuária.

O projecto deverá abranger 20.350 famílias, na sua maioria pequenos produtores pobres, mas economicamente activos, e serão investidos 44.95 milhões de dólares durante os sete anos da sua implementação, a ser feita em 19 distritos, sendo seis da província de Maputo, oito de Gaza e cinco de Inhambane.

Conferência internacional de camponeses

A reunião de Marracuene constituiu uma das fases de preparação da Conferência Internacional Camponesa sobre a Terra, marcada para meados de Outubro próximo. A mesma está a ser antecedida de encontros regionais (norte, centro e sul), nos quais são uniformizadas as visões sobre os problemas que enfermam o sector.

Nesta ordem de ideias, os camponeses da zona norte do país realizaram a sua reunião em finais de Agosto na cidade de Lichinga, província de Niasa, e prevê-se nos próximos dias que seja a vez da região centro.



Moçambique ainda tem muitos desafios na área dos direitos humanos

Moçambique conta desde 2012 com uma Comissão Nacional dos Direitos Humanos (CNDH), criada com o objectivo de promover a cultura de paz e reforçar os mecanismos de promoção, defesa e melhoria da situação dos cidadãos relativamente à matéria dos direitos humanos no país.

Em conversa com o @Verdade, o presidente deste órgão, Custódio Duma, reconhece que os desafios que tem pela frente são enormes pois o país ainda vive uma situação de penumbra, em relação a essa área: muitas vezes os violadores, assim como as vítimas, não têm a noção dos direitos humanos.

Durante este período de existência, a Comissão atendeu 36 casos de violação dos direitos humanos, maioritariamente perpetrados pela Polícia moçambicana contra singulares. Todavia, Duma esclareceu que o país, no que diz respeito à ratificação de instrumentos internacionais sobre os direitos humanos, "está numa boa situação" - assinou sete das nove convenções das Nações Unidas, – mas o problema continua a ser a aplicação da legislação.

Texto: Alfredo Manjate

@Verdade - A Comissão Nacional dos Direitos Humanos (CNDH) comemorou, no dia 5 de Setembro, um ano de existência. Tendo em conta os constrangimentos que enfrentou nesse período, que balanço é que faz?

Custódio Duma – Esta é o primeiro órgão nessa área, uma vez que nunca existiu outro e também nunca tivemos uma instituição semelhante antes, e temos na comissão uma diversidade de instituições representadas. Mas sobre o balanço considero que foi positivo, não de grande sucesso como gostaríamos, mas...

@V - O que significaria ter tido "grande sucesso"?
CD - Já poderíamos ser uma instituição operacional, mas ainda estamos na fase de instalação. Estamos a criar condições para que o cidadão possa chegar até nós. Ainda não contratámos o pessoal da Comissão, ainda não criámos condições para que tenhamos representações pelos menos ao nível das regiões Centro e Norte. E esse era o sucesso que nós queríamos para o primeiro ano, mas não conseguimos fazer isso. O que nós fizemos de facto foi criar as nossas bases legais, porque ainda nos faltava elaborar alguns documentos que tinham de ser aprovados pelo Conselho de Ministros e isso conseguimos fazer.

Tínhamos de criar uma estrutura interna de funcionamento. Repartir as áreas de trabalho, criar o nosso plano estratégico e participar nos encontros internacionais para apresentar a Comissão dos Direitos Humanos de Moçambique, isso também conseguimos fazer.

@V - Que instrumentos ainda há por aprovar pelo Conselho de Ministros?

CD - Tem de se aprovar os procedimentos de funcionamento, que é uma espécie de código de processo que mostra como os casos entram na Comissão e como é que são tramitados. Tem de se aprovar os direitos e regalias dos comissários; o quadro de pessoal. Ou seja, quantas pessoas serão contratadas para que a Comissão possa funcionar. Conseguimos entregar esses documentos e estamos à espera da sua aprovação. Aparentemente, são documentos que serão aprovados daqui a pouco tempo.



@V - Durante esse período quais foram os principais constrangimentos que a CNDH enfrentou?

CD - Primeiro, não tínhamos uma sede, só conseguimos tê-la na semana em que comemorámos o nosso primeiro aniversário. E para uma instituição que não tem sede isso é um grande constrangimento. Segundo, não temos meios de funcionamento: viatura, computadores, Internet e não tínhamos pessoal. Por isso, nesse período o nosso trabalho esteve mais virado para questões internas que externas. Agora podemos começar a atender os cidadãos.

@V - Tendo em conta as "facilidades" que outras instituições tiveram logo após o seu surgimento, no caso do Provedor de Justiça, em algum momento sentiu que não houvesse interesse do Governo em ver o órgão a funcionar?

CD - A verdade é que o Provedor não sentiu tanta falta de condições como nós. Tem falta, mas pensamos que a sua situação é melhor que a nossa. Não que eu queira comparar, mas o Dr. José Abudo já era Juiz Conselheiro e como tal ele tinha uma viatura de Tribunal Administrativo que o levou à Provedoria, por exemplo. Ele já tinha um salário no Conselho e levou o salário para a Provedoria. Então foi fácil. E outra coisa é que ele está sozinho.

Enquanto para nós tudo tinha de ser criado. Eu não era funcionário público, muitos dos meus colegas não são funcionários públicos. Então tem de se aprovar o Estatuto dos membros da Comissão, porque até agora nós não tínhamos recebido nenhum salário, simplesmente porque não tinha sido aprovado o nosso Estatuto.

E para o Provedor, algumas dessas situações foram fáceis porque ele já tinha condições. A Provedoria é um órgão composto por uma pessoa, e nós somos 11. Se resolvermos o problema de um, ficam ainda dez pessoas e é um pouco difícil para um órgão colegial.

@V - Um dos desafios da Comissão é fazer-se conhecer e criar condições para que o cidadão esteja mais próximo. Como se pretende conseguir isso, numa situação de falta de meios?

CD - Estamos a trabalhar no sentido de termos um website da Comissão e até o final do ano poderá estar pronto. Estamos a produzir matérias que podemos distribuir ao nível das províncias, nas escolas sobre a Comissão e os direitos humanos. E no próximo ano teremos o nosso Plano Estratégico. Temos agora alguns fundos das Nações Unidas e poderemos ter mais do Estado no próximo ano para essa actividade de divulgação da Comissão e dos direitos humanos. Estamos a trabalhar como podemos e posso garantir que os próximos quatro anos vão ser dedicados a dois objectivos: instalar e fazer conhecer a Comissão e divulgar os direitos humanos.

@V - Em termos de promoção e defesa dos direitos humanos em Moçambique em que estágio estamos?

CD - Estamos num nível muito baixo. Há muito trabalho por fazer. Muitas pessoas não conhecem os seus direitos e aqueles que os violam não sabem também que estão a violar. A Polícia por vezes pensa que prender alguém sem seguir a lei está a fazer

um bem para a sociedade porque aquela pessoa tem um perfil de bandido. Então, o agente da Polícia não sabe que está a violar os direitos humanos.

O nível de conhecimentos e a cultura dos direitos humanos é muito baixo em Moçambique. E isso é aproveitado por aqueles que violam e muitas vezes a vítima não percebe que há um direito que foi violado. É um grande desafio para a Comissão, temos de informar os dois lados: o violador e a vítima.

@V - A nossa Polícia é a face mais visível quando se fala da violação dos direitos humanos. A que se deve isso?

CD - Tem de ser a Polícia porque ela é a força do Estado e só este é que pode interferir nos direitos fundamentais do cidadão. O Estado não vai usar médicos ou professores para reprimir os cidadãos, vai usar a Polícia. Por isso é que a Polícia é um dos grandes violadores. Mas é claro que as violações dos direitos humanos não se limitam à Polícia, temos nas áreas social, económica, entre outras. Em todo o mundo a situação é essa, a Polícia ou promove os direitos humanos ou então viola-os.

@V - Mas parece que a nossa Polícia está mais para violar

CD - O que nós queremos é que a Polícia cumpra os seus deveres observando a lei. Não prender as pessoas de forma arbitrária, não manter as pessoas na cela depois de extravasar o prazo da prisão preventiva, não violar o domicílio das pessoas, não violar a privacidade das pessoas, não torturar o cidadão.

@V - Mas é isso que acontece de forma recorrente...

CD - Sim, porque a Polícia não está a aprender, não é bem formada. Por um lado tem uma formação deficiente e por outro o cidadão também depois de ser ameaçado pela Polícia não tem coragem para responsabilizar aquele agente. Quando muitos polícias forem punidos, muitos outros deixarão de agir à margem da lei.

@V - A percepção agora é de que a Polícia não é responsabilizada.

CD - Isso é verdade, mas é porque agora o cidadão não queixa. O cidadão tem de queixar quando o Policia lhe agride. E o Poder Judicial também deve actuar contra aquele Policia. Desse modo os outros vão tomar aquilo como exemplo e não vão agredir. Mas a falta de responsabilização e de conhecimento faz com que eles sejam reincidentes.

@V - Nos dias actuais tem-se reclamado, de forma recorrente, a questão da expopriação da terra envolvendo cidadãos nacionais e multinacionais. Quem deve zelar por essas casas?

CD - Primeiro, quem devia evitar isso é o Estado. Os ministérios que lidam directamente com essas questões deviam ter o cuidado de não entregar a terra às multinacio-

Democracia

nais antes de reunir condições para as populações porque depois temos muitas pessoas que são retiradas das zonas onde viviam e produziam para lugares sem condições para tal e distantes dos serviços e infra-estruturas básicos. Portanto, o Ministério da Agricultura, dos Recursos Minerais e até da Justiça devem criar condições para trabalhar com as empresas de modo a salvaguardar os direitos do cidadão.

@V - Sucedeu que, aparentemente, o Estado está a eximir-se desse papel

CD - Nesse caso o cidadão pode ir à Procuradoria-Geral da República, ou à Comissão Nacional dos Direitos Humanos, ou ainda recorrer aos tribunais: o Administrativo ou judiciais. E são casos recorrentes de facto; nós como Comissão dos Direitos Humanos já recebemos duas queixas e estamos a trabalhar nos casos.

@V - Para um país que tem uma das melhores leis de terra, qual é a razão de estarmos a passar por essas situações?

CD - Bem, esse é o problema das leis em Moçambique. As nossas leis, quase todas, são as melhores mas o problema está de facto no seu cumprimento. Quanto à Lei de Terra o que falta é a garantia do respeito pelo direito do cidadão. As multinacionais não olham para os direitos humanos, eles pensam que por se tratar de camponeses as pessoas podem ser colocados em qualquer lado. Ignoram que aquelas pessoas estão ligadas àquela terra por diversas razões: as suas tradições, os seus antepassados que estão enterrados naquele espaço. Na terra onde vivem pode passar, por exemplo, um rio onde bebem água ou estão perto de uma estrada que é uma meio vital para eles. Portanto, não é só um pedaço de terra, há muitos outros valores: económicos, sociais e até costumeiros que devem ser levados em conta nesses processos.

@V - A questão é se o Estado, que devia zelar pelos interesses do cidadão, diz que essas questões não ocorrem. Qual deve ser a saída?

CD - Antes não existia uma Lei de Proteção, mas agora foi aprovada e o Estado deverá cumprir-la. O que aconteceu, por exemplo, em Cateme é que não tínhamos uma lei que pudesse proteger os cidadãos.

Mas a questão da terra tem outra face, que é o aliciamento dos representantes locais do Governo pelas empresas interessadas nessas terras. Estamos a falar das administrações e dos municípios, que são lugares relativamente pequenos que recebem valores muito altos e às vezes isso acaba por retirar a lucidez dessas pessoas.

Nesse aspecto é preciso muito trabalho de sensibilização para que os dirigentes não sejam simplesmente corruptos, mas aceitem servir mais o cidadão e não servir as multinacionais, porque estas têm sempre tendência de violar os direitos humanos.

@V - Com a entrada de mais multinacionais no país, como se prevê que aconteça, essa situação não poderá agravar-se?

CD - Não devia agravar-se porque já foram estabelecidos os princípios para o reassentamento. Uma coisa é verdade, as pessoas devem ser retiradas do locais onde serão explorados os recursos porque a população não vai explorar, mas ao saírem tem de haver um acordo, não é só dar 60 mil e dizer "saiam". É preciso discutir as condições com as comunidades.

Agora, se o Estado falhar no próximo reassentamento, depois da aprovada a lei, então poderemos concluir que lhe falta vontade de organizar a situação. Porque os primeiros reassentamentos foram uma experiência mal gerida e isso justifica-se pela ausência de normas de como deviam ter sido feitos, mas agora já há normas. O que deve acontecer é estarmos atentos porque realmente ainda virão multinacionais e haverá tentativas recorrentes de violar os direitos humanos.

@V - Como é que estamos em termos de ratificação de instrumentos internacionais em matérias de direitos humanos?

CD - Nós estamos muito bem, somos melhores que muitos países. É claro que continuamos com muitos desafios. Ainda não ratificámos, por exemplo, o Tribunal Penal Internacional, mas, das nove convenções das Nações Unidas, Moçambique é parte de sete. Só faltam duas que ainda não ratificou, uma delas é o Pacto Internacional dos Direitos Económicos, Sociais e Culturais - PIDESC, que, aliás, já devia ter sido ratificado e a outra está relacionada com o uso de armas. Moçambique é bem falado fora das suas fronteiras; o problema é aqui dentro, as nossas práticas.

@V - Moçambique é sempre apontado nos relatórios internacionais como um dos piores países na observância dos direitos humanos. Como se pode inverter a situação?

CD - Primeiro, nós temos de informar mais sobre os direitos humanos e sobre a responsabilização, porque o principal problema é a falta de informação, tanto por parte das agentes que violam, assim como das vítimas. Segundo, a Comissão, quando estiver a funcionar devidamente, vai servir de estímulo porque o cidadão irá saber que tem espaço onde pode queixar. Aqueles que violam ficarão inibidos porque sabem que serão questionados sobre isso.

@V - Recentemente falou da necessidade de a Procuradoria-Geral da República se responsabilizar pelos crimes cometidos pela Polícia de Investigação Criminal no âmbito do seu trabalho. Pode explicar esse ponto de vista?

CD - É simples: na instauração do processo-crime existe a Polícia de Investigação Criminal (PIC), a Procuradoria-Geral da República (PGR) e os tribunais. Quando há um crime a PIC é que faz a investigação, mas quem dirige o processo, chamado de instrução, é a Procuradoria. Sucedeu que durante a investigação a Polícia tortura um cidadão. Nesse instante onde está a Procuradoria que dirige o processo? Portanto, em última instância, esta deve ser responsabilizada pelos crimes que a PIC comete durante esse processo. Normalmente nós só acusamos a Polícia.

Aliás, é preciso recordar que, depois de reunidos os factos, a Procuradoria é que deduz a acusação que vai ao Tribunal. Por isso, na minha opinião, a PGR deve

ser responsabilizada pela tortura e pelos maus tratos perpetrados pela PIC durante a investigação.

@V - Quem deve responsabilizá-la?

CD - Bem aqui já há um conflito de interesses, porque os procuradores não vão querer acusar-se entre si. Mas a princípio quem deve intentar uma acção criminal é a PGR. Esta deve disciplinar os seus procuradores. Contudo, a Comissão dos Direitos Humanos pode também levantar o caso contra o Procurador, mas no fim o caso volta à Procuradoria, o que enfraquece a acção da Comissão. Mas temos ainda o Provedor da Justiça, a Polícia ou mesmo organizações como a Liga dos Direitos Humanos que podem levantar o caso contra a Procuradoria.



Cursos
Moçambique

AUDITORIA INTERNA DE PROCUREMENT



A evolução do processo de aquisição leva a demanda de aumento de conhecimentos dos auditores na área de procurement. Aquisição de bens e serviços é uma componente importante do orçamento empresarial e, portanto, manter a transparência, prestação de contas e imparcialidade no processo de aquisição é imperativo.

Este curso irá melhorar o seu conhecimento em todo ciclo de vida do processo de procurement e os riscos envolvidos. Irá desenvolver as suas habilidades práticas no processo de auditoria de procurement, desde o planeamento até a execução, elaboração de relatórios e monitoria das recomendações.

O que você vai aprender:

Noções básicas sobre o processo de procurement/compras (entendimento do fluxo de processo de compras).

Conteúdo:

- **Procurement:**
 - Público vs. Privado
 - Centralizado vs. Descentralizado
- **Principais riscos da área de compras.**
- **Como auditar o ciclo de vida do Procurement, nomeadamente:**
 - Seleção de fornecedores (por cotações e por concursos);
 - Monitoria do desempenho dos fornecedores;
 - Devolução e registo da mercadoria;
 - Requisição;
 - Emissão da ordem de compra;
 - Monitoria da encomenda;
 - Recepção de mercadorias,

1 a 3 de Outubro 2013

Local: Escritórios da KPMG em Maputo

Custo por Pessoa: **40 000,00 MT** (IVA incluído)

10% de Desconto para grupo empresarial (mais de cinco participantes)

N.B.: Trazer o seu computador dar-lhe-á vantagens nos exercícios práticos

Quem Deve Participar

- Auditores internos que pretendam aprofundar seus conhecimentos de auditorias a processos de compras;
- Gestores e funcionários de empresas que queiram melhorar a eficácia dos seus processos de compras;
- Qualquer outra parte interessada.

KPMG Auditores e Consultores

Rua 1.233, n°72C, Edifício Hollard, Maputo

Tel: +258 21 355 200 | Fax: +258 21 313 358

O conteúdo da formação e eventuais dúvidas podem ser esclarecidos junto de Sandra Nhachale pelo e-mail snahchale@kpmg.com

Mocímboa da Praia

Destaque



Um município literalmente ao desbarato

A Vila Municipal da Mocímboa da Praia vive ao deus-dará. Ao longo dos 15 anos da sua municipalização, o município continua a enfrentar problemas típicos de uma localidade rural esquecida pelas autoridades administrativas, como, por exemplo, a falta de água potável e a precariedade das vias de acesso aos bairros periféricos. Na verdade, falta quase tudo nesta autarquia. A chegada tardia da corrente eléctrica da rede nacional é apontada como o principal motivo do desenvolvimento postergado desta circunscrição que apresenta enormes potencialidades turísticas.

Texto & Foto: Hélder Xavier

Situada a 282 quilómetros da cidade de Pemba, capital da província de Cabo Delgado, a vila de Mocímboa da Praia é daqueles municípios cujo processo de municipalização ainda não trouxe melhorias significativas aos municípios e à circunscrição em geral. Volvidos sensivelmente 15 anos desde que ascendeu à categoria de autarquia, a população, estimada em 47 mil habitantes, leva uma vida recatada, debatendo-se com problemas de natureza diversa, desde a limitação no acesso à informação e a corrente eléctrica, passando por uma constante crise de água até ao desemprego que afecta directamente milhares de jovens.

“Ancorado” na ampla costa moçambicana, os sinais de desenvolvimento continuam uma miragem, apesar de o município ter potencialidades sobretudo no sector de turismo. Na verdade, Mocímboa da Praia transformou-se, nos últimos tempos, num corredor da vila de Palma no distrito com o mesmo nome, para onde um número crescente de pessoas se desloca em busca de oportunidades nos megaprojectos que desenvolvem actividades naquele ponto do país. Todos os dias, passam pelo município dezenas de indivíduos, com destaque para os cidadãos de origem estrangeira.

Em Mocímboa da Praia, o índice de desemprego é bastante acentuado, sendo a pesca e a agricultura as actividades mais praticadas. Os jovens são as principais vítimas da falta de emprego que se verifica na autarquia. Sem trabalho e, muito menos, diversão, grande parte entregue-se ao consumo de bebidas alcoólicas para quebrar a monotonia que se embrenha no quotidiano da vila. Porém, nesse universo, o jovem Ali Carimo é uma exceção.

Aos 23 anos de idade, cinco dos quais dedicados à actividade pesqueira, ganha a vida no alto-mar. Carimo abraçou a pesca quando passou a morar com os seus tios em decorrência da morte do seu progenitor. Em casa destes, sentiu a necessidade de contribuir para engordar a renda familiar, procurando alternativas de sobrevivência. Veio-lhe à cabeça a ideia de iniciar um pequeno negócio de venda de recargas para telemóvel, porém, faltou dinheiro para materializar o desejo. Mais tarde, decidiu seguir o seu irmão que já se encontrava em Pemba, onde



trabalhava como servente numa obra de construção de uma moradia.

Naquela cidade portuária, o jovem não encontrou a oportunidade que almejava. “Cheguei àquela cidade sem perspectivas do que iria fazer, mas o meu irmão havia-me garantido que iria arranjar trabalho para mim”, conta. Volvido algum tempo, Carimo regressou a Mocímboa da Praia, tendo acolhido o conselho do seu tio, pescador há mais de 20 anos, de ingressar na actividade pesqueira. Presentemente, em média, amealha 1.200 meticais por dia e tem um sonho: ter o seu próprio barco de pesca.

A par da actividade pesqueira, o comércio informal ao longo das vias públicas, que cresce de forma tímida, tem vindo a tornar-se uma das principais fontes de renda dos municípios da Mocímboa da Praia. Se antigamente as ruas da vila andavam literalmente às moscas, nos dias que correm a situação é inversa: há cada vez mais um número crescente de pessoas que se faz às bermas das vias públicas para ganhar o sustento diário, recorrendo a diversas actividades comerciais, com destaque para a venda de peixe frito no período nocturno. Por outro lado, multiplicam-se os estabelecimentos comerciais, como resultado da instalação da corrente eléctrica da rede nacional em 2011. Há sensivelmente dois anos, contavam-se os pequenos centros de comércio existentes a nível vila mas, hoje em dia, assiste-se a um crescimento regular de agentes económicos.

A precariedade das infra-estruturas, sobretudo as vias de acesso, aliada à chegada tardia da energia de Cahora Bassa não só retrai investimentos nas áreas da produção agrícola e pesqueira, como também tem vindo a retardar o surgimento de uma indústria turística extremamente forte. O município de Mocímboa da Praia dispõe de uma vasta costa com condições invejáveis para o desenvolvimento do turismo, porém, é subaproveitada. A nível da autarquia, em suma, ainda há muito por ser feito, principalmente no que respeita ao ordenamento

territorial, saneamento do meio e estradas nos bairros periféricos, embora se perceba que tem havido um esforço por parte das autoridades municipais no sentido de proporcionar à vila uma melhor imagem e o bem-estar aos munícipes.

Urbanização

O crescimento da população de Mocímboa da Praia coloca enormes desafios à edilidade no que toca à urbanização, principalmente na requalificação dos assentamentos informais. Em 1997, residiam neste município pouco mais de 25 mil pessoas e, segundo o Censo de 2007, há pelo menos cerca de 47 mil habitantes. Contudo, actualmente, estima-se que vive nesta autarquia um universo mínimo de 50 mil municípios, saturando, assim, uma vila projectada para pouco menos de cinco mil residentes.

A zona periférica do município revela o caos provocado pelo incremento da população, distribuída pelos 10 bairros, sendo os mais populosos os de Unidade, Cimento, Milamba, Nanduadua, Buji, 30 de Junho e Pamunda. Apesar de algumas zonas residenciais contarem com estradas amplas e de terra batida, a maior parte é de difícil acesso, uma vez que as vias não apresentam boas condições de transitabilidade. Nos últimos 15 anos de municipalização, há registo de algumas intervenções dignas de menção, nomeada-



A CONTEÚDO
A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade
SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique

Mocímboa da Praia



mente a abertura e o alargamento de vias de acesso e a construção de valas terciárias de drenagem.

Aliado à precariedade das vias públicas nesses bairros periféricos, está o problema da falta de ordenamento territorial. Todos os dias, cresce o número de construções desordenadas com materiais não convencionais, na sua maioria nas regiões de grande risco, uma vez que a vila é propensa à erosão, devido à sua localização geográfica. Antes da municipalização, a situação era bastante preocupante. Os bairros como, por exemplo, Nanduadua e Milamba revelam, em parte, a necessidade de requalificação.

No centro do município, o cenário é completamente diferente, pois existem áreas delimitadas para as actividades económicas. A título de exemplo, ao longo da estrada principal vão surgindo pequenos estabelecimentos comerciais.



Água potável e saneamento do meio

Em quase todo o país, a situação de água é bastante difícil e o município de Mocímboa da Praia não é exceção. Há pouco mais de cinco anos quase que não se consumia água potável nesta região e, na verdade, os municípios viviam à beira do desespero. A população percorria quilómetros para ter acesso ao precioso líquido, pois grande parte dos bairros da autarquia deparava com problemas sérios da sua falta.

por falta de sensibilização, os municípios continuam a depositar os detritos nos locais impróprios.

A defecação a céu aberto é uma prática quase comum nas regiões costeiras do país e em Mocímboa da Praia não é diferente. Dezenas de municípios recorrem à beira-mar para fazer as suas necessidades biológicas. Para controlar a situação que vinha ganhando contornos preocupantes, a edilidade ergueu balneários na orla marítima.



ALERTAR

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique



Contexto histórico

Mocímboa da Praia seria um relevante entreposto comercial swahili. As referências portuguesas, mostram bem da sua importância, nos finais do século XVIII.

Em 1796 era a sede da 2ª Companhia do Regimento de Milícias de Cabo Delgado. Na Relação Geral de População das Ilhas de Quirimba, de 31.12.1798, Mocímboa aparece como um dos 17 distritos da capitania de Amisa.

Município de Mocímboa da Praia em números

População: 47.305 habitantes

Bairros: 10

Superfície: 200 quilómetros quadrados

Vereações: 3

Postos administrativos: 3

Rede viária: 9

Sanitários públicos: 14

Unidades sanitárias: 3

Instituições bancárias: 2

Rede eléctrica

O acesso à energia eléctrica ainda não é abrangente, sobretudo para os municípios que vivem nas zonas periféricas da Vila Municipal de Mocímboa da Praia. A autarquia conta com a corrente eléctrica da rede nacional desde 2011. A expansão da rede eléctrica no município ainda acontece de forma tímida e quase metade dos moradores não tem electricidade nas suas respectivas casas. Ou seja, a cobertura não ultrapassa os 50 por cento da população. A iluminação pública ainda é fraca.

Área social

A autarquia conta com três unidades sanitárias e, devido às dimensões territoriais do próprio município, os moradores não percorrem mais de 10 quilómetros para ter acesso a cuidados médicos e medicamentosos. A principal preocupação dos municípios tem a ver com a demora no atendimento. Refira-se que foram erguidos naquele município dois centros de saúde e igual número de salas de aula apetrechadas com mobiliário escolar.

Mueda

A mentalidade ainda colonizada

Os residentes da vila municipal de Mueda aceitam as realizações da edilidade sem, no entanto, exigir a melhoria das condições das suas vidas. Dentre vários problemas relacionados com os serviços básicos, os municíipes enfrentam inúmeros constrangimentos, sobretudo o abastecimento de água potável. Quando as pessoas manifestam estas preocupações em comícios populares, são conotadas com a oposição e, em consequência, são ameaçadas de serem excluídas da lista dos beneficiários do fundo de apoio social, sobretudo, os antigos combatentes. Em linhas gerais, o Conselho Municipal da Vila de Mueda ainda não implementou actividades cujos resultados se tenham reflectido na melhoria das condições dos moradores.

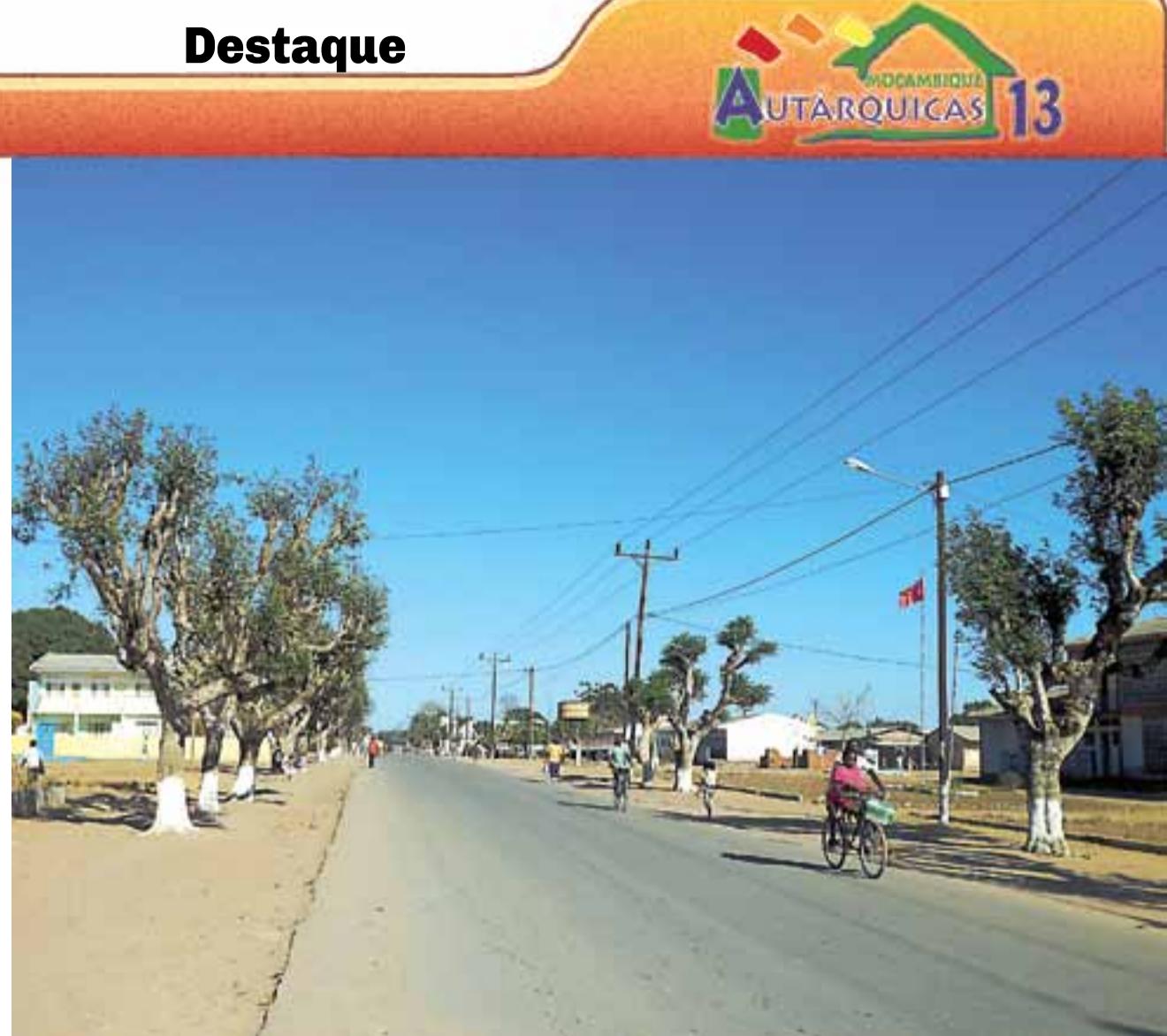
Texto & Foto: Hélder Xavier

Na Vila Municipal de Mueda, província de Cabo Delgado, existem dois sistemas de abastecimento de água, nomeadamente um construído no período colonial e o outro no período pós-independência nacional, mas as suas capacidades não satisfazem o nível de procura daquele precioso líquido naquele ponto do país. As torneiras públicas que são abastecidas pelos dois referidos sistemas apenas jorram água durante sete horas que só volta a pingar três a quatro dias depois.

Algumas pessoas chegam a pernoitar nos fontenários para serem as primeiras nas filas. As bicicletas já não servem somente como meio de transporte de pessoas, mas também para carregar recipientes de água. Logo pela manhã é notória a movimentação de crianças e mulheres à procura do precioso líquido para consumo. Para satisfazer as suas necessidades diárias, os municíipes percorrem pelo menos cinco quilómetros para chegar até à represa construída nas imediações do rio Medi. A distância torna-se mais cansativa porque a própria via de acesso utilizada para o efeito apresenta subidas que tornam desgastante o percurso, principalmente, quando se transporta carga.

Localmente, não existem bombas manuais porque o solo do distrito de Mueda é caracterizado por planaltos e quando chove a água fica em profundidades que não permitem escavações para se encontrar o lençol freático. As autoridades municipais mostram-se incapazes de minimizar o sofrimento das comunidades.

Por iniciativa própria, a população daquela autarquia luta para se livrar do problema. A maior parte das famílias constrói caleiras nas suas casas e os tanques tradicionais cuja capacidade é de aproximadamente mil litros ajudam a minimizar o problema do abastecimento de água. Nos tempos de crise, algumas pessoas têm sido oportunistas, uma vez que vendem a água ao preço de 10 meticais por cada bidão de 20 litros. "A falta de água é o nosso maior problema e não podemos exigir os nossos



quando se percorre os bairros periféricos o que se nota é bem diferente, pois as ruas são de terra batida.

A poeira produzida pelo vento que se faz sentir modifica a cor das paredes e tectos das residências nos bairros. Não obstante, existe um aspecto digno de menção: quase 99 porcento das casas construídas em todas as zonas residenciais da Vila Municipal de Mueda estão cobertas de chapas de zinco. Além disso, as próprias construções são feitas obedecendo às regras de ordenamento territorial formando, desta forma, estradas largas que permitem a livre circulação de automobilistas e peões.

Há quem diga que isso devia impulsionar o desenvolvimento das zonas residenciais através da disponibilização dos serviços básicos à população por parte das autoridades municipais. Mas o lixo é abandonado na via pública, além de não se registrar a construção de fontenários para o abastecimento de água potável. Importa referir que a construção ordenada de habitações não é fruto do trabalho da edilidade de Mueda. Na verdade trata-se de obras herdadas dos portugueses.

O Conselho Municipal da Vila de Mueda não concebeu um plano com vista a melhorar as vias de

Vias de acesso

A nível da Vila Municipal de Mueda existe apenas uma estrada asfaltada, a mesma que dá acesso àquela autarquia partindo do cruzamento da localidade de Auazi. Todas as vias públicas dos bairros não têm asfalto ou pavimento, o que faz com que as condições de transitabilidade não sejam das melhores para os municíipes. A questão da erosão provocada pelos percursos de água das chuvas agrava a situação.

Quem circula pela vila depara com um cenário em que as autoridades municipais trabalham afincadamente para melhorar a imagem da autarquia. Mas

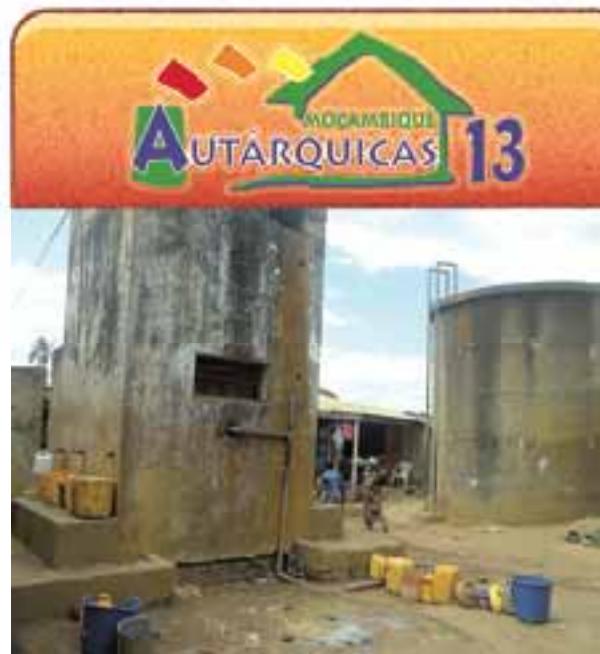


ACONTECEU
A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade
SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique

Destaque



acesso nos bairros já existentes e a questão que se coloca é: o que será da zona em processo de expansão? Os munícipes acreditam que primeiro serão melhoradas as condições das estradas nos bairros antigos e depois as ruas das zonas residenciais em expansão.

No âmbito da requalificação dos bairros, a edilidade criou uma zona de expansão onde foram já demarcados 850 talhões divididos em áreas específicas para a construção de infra-estruturas para habitação e outras de natureza comercial. Mueda está impedida de crescer a norte devido à erosão que não permite tal facto, podendo apenas expandir-se a sul.



Saneamento do meio

Quem visita a autarquia de Mueda pela primeira vez pode concluir que se trata de um município onde o lixo não constitui preocupação para os residentes locais. Esta situação acontece porque não se produz resíduos sólidos em quantidades alarmantes à semelhança de outros municípios moçambicanos. Não se pode dizer que é resultado do trabalho da edilidade, pois a equipa de limpeza criada para o efeito limita-se à recolha de folhas secas que caem das acácias espalhadas um pouco por toda a vila.



Nos mercados, o processo de limpeza é deficitário, pois os resíduos sólidos permanecem acumulados na via pública o dia inteiro. O único tractor que foi adquirido para permitir a eficiência na recolha do lixo é usado para o transporte de combustível lenhoso e de pessoas. Os comerciantes mostram-se preocupados porque, diariamente, é-lhes cobrada a taxa de lixo. As autoridades municipais mostram-se ineficientes na gestão de lixo numa circunscrição onde se produzem detritos em pequenas quantidades.

Actividades económicas

Dos 54 mil habitantes existentes na vila municipal de Mueda, 90 porcento dedicam-se à actividade agrícola e pequenos negócios como forma de garantir o sustento das respectivas famílias, sendo que o resto da população trabalha em diversas instituições públicas e privadas.

Um aspecto muito importante é que as pessoas já constroem casas com base em material convencional e compram os próprios meios de transporte, factores que contribuem para a melhoria das suas condições de vida. Os jovens, principalmente, não se limitam a cruzar os braços à espera de emprego. Além disso, há quem dispense o emprego formal nas instituições públicas e ou de Estado para se dedicar ao comércio, tudo porque os rendimentos mensais concorrem com o salário de um cidadão licenciado.

“Tudo que dá dinheiro é trabalho digno”, foi assim que, em palavras sucintas, Adriano Ntimawa definiu o seu negócio de venda de caju seco. É difícil definir a tipologia dos produtos vendidos pelos munícipes de Mueda porque cada um coloca no mercado aquilo que acha que os clientes vão comprar em quantidades suficientes para gerar rendimentos. Talvez seja por isso que Mueda se tornou uma autarquia preferida de pessoas oriundas de vários locais, incluindo cidadãos da vizinha Tanzânia que procuram melhores condições de vida naquele ponto do país.



ALERTAR

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

• SMS: 90440

• WhatsApp: 84 399 8634

Mueda



Contexto histórico

Mueda é uma vila que se situa no planalto do mesmo nome na província de Cabo Delgado. Foi fundada em torno de um quartel do exército colonial português, e possui um clima ameno mas o solo é permeável permitindo que a água se infiltre em profundidade, dificultando o fornecimento de água potável aos residentes. Elevada a vila em 2 de Setembro de 1967, Mueda é o centro da cultura Maconde. Em 16 de Junho de 1960, a vila foi palco de um massacre, quando as tropas portuguesas dispararam contra uma manifestação a favor de independência.

Município de Mocímboa da Praia em números

População: 54 mil
Funcionários: 84
Vereações: 4
Unidade sanitária: 1
Unidade sanitária em construção: 1
Consumidores de água: 237
Consumidores de energia: 598
Escolas secundárias: 2
Sistemas de abastecimento de água: 2

Os residentes de Mueda desenvolvem actividades comerciais por iniciativa própria sem, no entanto, beneficiar do Fundo de Desenvolvimento Distrital, vulgo “sete milhões”, destinado ao financiamento de projectos de geração de rendimentos no âmbito das acções do Governo para o alívio da pobreza.

Energia eléctrica

A população da vila de Mueda começou a utilizar a energia da rede nacional em 2011. Mas até agora, existe um menor número de pessoas que está a beneficiar da corrente eléctrica nas suas casas. Castro Vindoril, residente daquela vila, disse que a edilidade e o governo distrital estão a dificultar o processo de aquisição do contrato de energia. Por exemplo, para a legalização do uso da corrente eléctrica são necessários sete mil meticais, além dos custos adicionais para estender a linha até a sua casa, caso os 30 metros de fio oferecidos pela empresa Electricidade de Moçambique (EDM) não cheguem até à residência do utente.

Este é o facto que faz com que muitos não instalem energia eléctrica nas suas residências. De um universo de 54 mil habitantes, apenas 598 utilizam a corrente eléctrica da rede nacional. Um comerciante identificado pelo nome de Mucuache, residente no bairro Maputo, revelou que para instalar energia na sua casa precisou de corromper os técnicos da EDM, desembolsando 37 mil meticais, além dos sete mil exigidos para se rubricar o contrato.

Saúde

Não é somente a falta de água que deixa os munícipes à beira do desespero; o acesso à saúde é outro grande problema que tira o sono aos munícipes da pobre vila de Mueda. A nível do município existe apenas uma unidade sanitária: o Hospital Rural Distrital. Para melhorar o acesso aos cuidados médicos, neste momento encontra-se em construção um centro de saúde. Apesar disso, ainda se assiste a casos de pessoas que têm de percorrer longas distâncias para obter cuidados médicos. As principais causas de internamento na unidade sanitária têm sido a malária e as doenças diarréicas. Os casos mais graves são transferidos para o Hospital Provincial de Pemba.

Além de percorrer longas distâncias – pelo menos quatro quilómetros –, os pacientes são obrigados a aguardar muito tempo nas filas para serem atendidos e receberem cuidados médicos. A nível do sector, neste momento, o desafio continua a ser o melhoramento do atendimento e a disseminação dos serviços de saúde a nível do município.

“A falta de água é o nosso maior problema”

Mobiro Kilian Namiva, presidente do Conselho Municipal da Vila de Mueda, faz uma avaliação positiva do seu mandato afirmando ter cumprido 98 porcento das actividades planificadas. O manifesto eleitoral tinha como prioridade a electrificação da circunscrição, o melhoramento do abastecimento de água, o saneamento do meio e o combate à erosão. Particularmente no que diz respeito à questão da água, o edil confessou que esta continua a ser um problema para a população local e o facto deve-se à localização de Mueda, que se situa num planalto.

Texto & Foto: Hélder Xavier



@Verdade – O que se pode avançar sobre o seu mandato, visto que se trata dos primeiros cinco anos de municipalização da vila de Mueda?

Mobiro Kilian Namiva (MKN) – Falando do nosso mandato que está prestes a terminar, a nossa avaliação é positiva. Estamos, agora, em 98 porcento no que diz respeito ao cumprimento do nosso manifesto eleitoral e isso é normal numa autarquia que começou do zero. As nossas actividades partiram da construção de infra-estruturas sociais e administrativas. Durante o mandato, tivemos a oportunidade de fazer uma construção de raiz do edifício da edilidade, incluindo o seu apetrechamento. Estávamos a trabalhar numa oficina de militares, numa situação caótica e apanhámos um caminho para solucionar este problema de falta de infra-estruturas. Construímos, também, casas para os funcionários do conselho municipal e do governo distrital. De 2010 a 2011 estabelecermos parcerias com uma associação de cooperação espanhola designada por Searatafrica que disponibilizou fundos para o efeito. Já temos um jardim infantil, uma infra-estrutura que vai proporcionar momentos de lazer às crianças. E, através de fundos centrais, já temos um comando modelo a nível do país para a polícia municipal. Quando começámos a trabalhar, o presidente do Conselho Municipal não tinha carro próprio e nós conseguimos comprar uma viatura protocolar para o edil, um minibus para a Assembleia Municipal e motorizadas para os vereadores. Ainda tivemos a dura missão de melhorar as vias de acesso que se apresentavam precárias por causa da erosão. E durante o nosso mandato conseguimos fazer a abertura de 24,6 quilómetros de estradas e construímos oito pequenas pontes que permitem a ligação entre os bairros.

@V – Como avalia o acesso aos serviços sociais?

MKN – Quando assumimos a direcção do município, tínhamos como prioridade a construção de 24 salas de aulas e conseguimos 33 o que é positivo para uma autarquia que não dispõe de fontes para arrecadação de receitas próprias. Reduzimos o número de salas que funcionavam ao relento, embora esse problema persista devido, em parte, ao crescimento demográfico. Em 2008, encontrámos a funcionar o Hospital Rural Distrital e nós, como Conselho Municipal, estamos a construir um centro de saúde cujas obras estão em fase de acabamento e apetrechamento. Também construímos uma residência do tipo 2 para o médico do distrito. Com a entrada da energia da rede nacional, os serviços de saúde passaram a ter lugar durante 24 horas e os partos que eram assistidos com a iluminação de candeeiros de querosene passaram a ser feitos com a iluminação da corrente eléctrica.

@V – Os bairros de Mueda têm a particularidade de estar ordenados. Houve um trabalho aturado para o efeito por parte da edilidade?

MKN – Não. Em Mueda, o processo de ordenamento a nível dos bairros começou logo após o alcance da independência nacional. Isso faz-nos pensar que no futuro não teremos problemas de desordenamento territorial porque estamos a pensar na implementação do Plano de Estrutura Urbana para controlar o meio ambiente. Não se trata de nenhuma actividade para melhorar, mas sim para reduzir estes problemas de forma paulatina. Podemos afirmar que futuramente não nos iremos debater com o problema de requalificação dos bairros em expansão. Vamos precisar apenas de fazer algumas correcções tendo em conta as exigências actuais.

@V – Logo pela manhã assiste-se a um movimento desusado de municípios que procuram água para consumo. Os dois sistemas de abastecimento existentes não satisfazem a demanda?

MKN – Antes de 2008 tivemos sérios problemas de água, mas com a entrada da edilidade minimizámos este problema porque antes era usado o gerador para o fornecimento de água e agora é feito com recurso a energia da rede eléctrica nacional. O problema de abastecimento de água ficou reduzido porque temos dois sistemas de abastecimento. Além disso, nós temos uma população que tem o hábito de construir casas e cobrir com chapas de zinco para aproveitar a colocação de caleiras que facilitam a recolha de água das chuvas a qual é utilizada quase todo o ano. Mas a situação foi diferente este ano porque a partir de Junho houve uma diminuição do caudal do rio Mueda e, consequentemente, a redução da capacidade de abastecimento dos dois sistemas e também a população não conseguiu captar água em quantidades suficientes, por isso regista-se essa procura. Outra questão é que a densidade populacional aumentou drasticamente.

@V – Existem acções para inverter o cenário?

MKN – A edilidade, com a ajuda do Governo central, iniciou em 2009 um programa que consiste na reabilitação dos sistemas existentes na autarquia de Mueda. Ainda no tocante ao abastecimento de água construímos um tanque com capacidade de 75 mil litros que garante o fornecimento de água em momentos de crise. De referir que nós estamos numa elevação e ao redor desta vila há nascentes de rios. O tempo em que estamos a viver é diferente dos tempos passados e as pessoas, por hábito, deixam de usar as fontes que construímos e buscam água nos rios. Este ano, as chuvas cessaram muito cedo e a água que estava acumulada nas cisternas acabou. Trata-se de fontes que ajudam a minimizar o problema da falta de água.

@V – É possível dar água potável a todos os municípios de Mueda?

MKN – É possível sim, mas isso depende das receitas que localmente podemos colectar. Primeiro dizer que nós apenas temos uma fonte de arrecadação de receitas, que é o mercado municipal. E no princípio debatemo-nos com certas dificuldades na colecta de receitas, com maior destaque para a falta de sensibilização dos comerciantes. Houve muito trabalho de sensibilização dos vendedores sobre a necessidade de contribuir pagando os impostos para o crescimento da autarquia. Neste momento, avaliamos positivamente o nível de adesão dos cidadãos.

@V – A actividade comercial está a contribuir para a mudança de vida dos municípios, mas não é notória a proliferação do comércio informal. A que se deve este fenômeno?

MKN – A actividade comercial podemos considerar que constitui fonte de emprego da maioria dos residentes de Mueda e nós apoiamos esta iniciativa porque, além de servir de fonte para o incremento das nossas receitas, acreditamos que as pessoas estão a resolver os problemas quotidianos relacionados com a falta de recursos financeiros. O emprego é uma coisa que não é muito real no nosso município, por isso apostamos na formação técnico-profissional em diversas áreas de actividade para abraçar o empreendedorismo e gerar o auto-emprego. Somos muitos e a nossa ideia é que os jovens devem ter formação para o seu auto-emprego. Temos os casos de associações de carpinteiros e singulares, mecânicos, entre outros. Em Mueda, há falta de fábricas e outro tipo de empreendimentos para promover o emprego. E, neste momento, estamos a construir um mercado com material convencional para acomodar os comerciantes que desenvolvem as suas actividades ao longo da estrada principal.

@V – O que se pode dizer do saneamento do meio?

MKN – A nossa tarefa no que respeita ao saneamento do meio é feita de forma sistemática, embora tenhamos um único tractor. As equipas de limpeza que estão a trabalhar em dois turnos permitem o alcance dos resultados à vista. E o nosso esforço está muito desenvolvido se comparar com o período antes da instalação do Conselho Municipal.

@V – Para além do abastecimento de água, o transporte público deixa muito a desejar...

MKN – O transporte público é um desafio para a edilidade. Houve demonstração de interesse por parte de alguns jovens que desenvolvem a actividade de mototaxista. Estamos a fazer o nosso trabalho para que os dirigentes a nível central possam alocar meios de transporte para facilitar a vida da população, estudantes e funcionários cujas residências se encontram nos bairros distantes dos locais de trabalho. Há alunos que percorrem pelo menos 10 quilómetros por dia. E vamos ver futuramente se o Estado vai resolver o problema.

@V – A chegada da energia eléctrica a Mueda não coincidiu com a municipalização da vila?

MKN – Não. A energia era uma das nossas prioridades e, neste momento, já está a beneficiar a população, embora ainda não tenha chegado a muitas pessoas, mas o desafio consiste em expandir o seu fornecimento a todos os bairros.

Eleições na Alemanha: Mãos firmes versus dedo médio

Na etapa final da campanha eleitoral alemã, os gestos contam mais que as palavras. O dedo médio espetado de Peer Steinbrück alarga ainda mais o fosso que o separa da pessoa controlada que é a chanceler.

Texto: Der Spiegel, de Hamburgo • Foto: CE/Süddeutsche Zeitung Magazin

Agora, Steinbrück também tem um gesto que o distingue. Um gesto que se fixa rapidamente, que funciona sem palavras e que toda a gente conhece. Resta saber se Peer Steinbrück prestou um bom serviço a si próprio, quando se fez imortalizar com o dedo médio estendido. Seja como for, obteve um resultado: em vésperas das eleições legislativas, é o centro de todas as conversas, depois da publicação de uma capa de revista que divide a Alemanha.

Há muito que Angela Merkel é associada a um gesto bem preciso: a sua forma curiosa de juntar as mãos, formando um losango (sobre o ventre), quando está de pé. Tempos houve em que o "Merkel-Raute" (o losango de Merkel) lhe valeu algum sarcasmo. Hoje, os seus estrategas de campanha difundem esse gesto em cartazes de formato XXL e em sweats com capuz, numa tentativa de transmitir a imagem de uma chanceler firme, fiável e segura de si.

Em comparação, o dedo espetado de Peer Steinbrück soa a pura provocação. É verdade que a imagem já tem algumas semanas. Mas o candidato à Chancelaria sabia que ela seria publicada hoje. O seu dedo espetado tem, portanto, o valor de uma declaração, alargando ainda mais o fosso que o separa de uma chanceler fria e controlada. E torna mais gritantes que nunca as diferenças do guião seguido pelos dois rivais, na recta final antes das eleições legislativas.

O significado dos dois gestos

Nos últimos tempos, a chanceler tem mostrado tendência a pôr de lado o seu "losango". No entanto, o gesto deixou marcas no espírito das pessoas, apesar de não ser visto regularmente. Angela Merkel minimiza o significado de tal postura: "Apresenta uma certa simetria", admitiu um dia. Contudo, parece que a chanceler não dá assim tão pouca importância às suas mãos, uma vez que as exibe em cartazes do tamanho de um court de ténis.

Para uns, este gesto é uma lufada de ar fresco, para outros a violação de um tabu.

Em contrapartida, o dedo médio de Peer Steinbrück não se presta a exibições. Neste caso, o ob-



jetivo é causar um choque mediático, que terá repercussões durante algum tempo. A imagem desencadeou uma discussão de fundo sobre se os políticos devem ou não manter a boa educação e sobre onde se situa a linha amarela em matéria de mau gosto. Para uns, este gesto é uma lufada de ar fresco, para outros a violação de um tabu.

Pode espantar vermos meia Alemanha discutir sobre um dedo espetado ou apercebermo-nos de que os engracadinhos não têm mais que fazer do que difundir na Internet piadas sobre o "Merkel-Raute". Mas não se pode subestimar a importância da linguagem visual. Quando se discutem assuntos e posições, em duelos televisivos ou na arena política, o símbolo faz parte do jogo. Porque, a 22 de setembro, os eleitores indecisos vão-se deixar guiar pela intuição. Os gestos ficam na memória. Mais do que as argumentações sobre os regimes de aposentação.

A imagem que os dois candidatos querem transmitir

Na recta final da campanha, o SPD aposta num cartaz ao estilo de Barack Obama, no qual Peer Steinbrück sorri diante de um mar de gente, constelado por bandeiras vermelhas (a cor do partido). A sua equipa colocou no Facebook uma infinidade de fotos do candidato a chanceler, disponíveis para serem descarregadas. Peer Steinbrück diante de um kebab, Peer Steinbrück ao lado de uma pomba da paz, Peer Steinbrück de chapéu, a fazer uma caminhada. Na página de Internet do SPD, pode ver-se uma foto de Peer Steinbrück muito contente, no meio de um grupo de mulheres.

A CDU aposta tudo na sua cabeça de cartaz. E é raro esta permitir-se um desvio. Uma imagem de campanha, publicada na Internet por um

jornal regional, mostra a chanceler numa atitude de boxeur, com uma expressão maliciosa. Esse tipo de facécia constitui exceção. A chanceler joga a carta da segurança.

A mensagem que os dois candidatos querem fazer passar

A estratégia do SPD consiste em dizer a verdade face à chanceler do consenso. Angela Merkel declara: "Muitos salários são simplesmente desmesurados". E Peer Steinbrück replica: "Quando for chanceler, farei aprovar de imediato o salário mínimo legal de 8,5 euros (por hora)". A ponderação contra a veemência. "Aquilo que é justo nem sempre é aquilo que é exigido alto e bom som", diz a chanceler, num spot de campanha da CDU. Por seu turno, os estrategas de Peer Steinbrück utilizam uma frase de uma entrevista concedida na primavera: "Digo aquilo que penso e faço aquilo que digo".

Resultado da corrida: erros de guião cometidos pelos dois campos

Angela Merkel não faz ondas: optou por fórmulas do tipo "Vamos analisar isso em pormenor". No que se refere à estética da sua campanha, mantém-se constantemente na zona de conforto, sem correr qualquer risco. Mas esse controlo total não é viável a longo prazo. Quando lhe pedem a sua opinião, por exemplo sobre o casamento de homossexuais, Angela Merkel perde o pé – em directo e perante todos os alemães.

As inúmeras exigências de Peer Steinbrück, do tipo "quero isto e aquilo", parecem desmesuradas. Mesmo que venha a sair vencedor do escrutínio: um governo não é coisa de um só homem. Aliás, o seu dedo espetado mostra que Peer Steinbrück tem dificuldade em saber quem quer ser. Nos últimos tempos, tem tentado conquistar a simpatia dos eleitores, nos cartazes, nos comícios e perante as câmaras. Peer Steinbrück e o seu dedo médio não coadunam de modo algum com essa ofensiva de sedução e podem baralhar muitos eleitores.

Publicidade



SE BEBERES NÃO CONDUZAS

A CERVEJAS DE MOÇAMBIQUE RECOMENDA O CONSUMO RESPONSÁVEL E MODERADO DE ÁLCOOL

Combate-se em toda a Síria, mas as batalhas cruciais são em Damasco

Enquanto as potências mundiais discutem uma forma de eliminar as armas químicas sírias, avanços de guerra do Exército de Assad estão a atacar zonas controladas pela oposição e há combates entre as forças governamentais e os rebeldes um pouco por todo o país.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Cordon Press/AFP

Os activistas no terreno disseram que a Força Aérea do Presidente Bashar al-Assad bombardeou os arredores de Berze, que fica na parte nordeste de Damasco, onde os rebeldes estão a tentar lançar uma ofensiva que os leve mais para o centro da cidade. Há bombardeamentos em todo o país, mas os combates cruciais travam-se na capital, onde Assad controla os bairros centrais mas já perdeu os subúrbios.

Diplomatas de cinco nações continuavam ontem em Nova Iorque a trabalhar para chegarem ao texto de uma resolução – a levar ao Conselho de Segurança – sobre a transferência e destruição das armas químicas do Governo sírio, plano que conta com a colaboração síria. Mas a Rússia rejeitou o pressuposto ocidental de que as forças de Assad, e não os rebeldes, é que realizaram o ataque de 21 de Agosto com gás.



O Observatório Sírio dos Direitos Humanos, grupo com sede no Reino Unido e que fornece informação objectiva sobre as baixas de ambos os lados da guerra a partir dos dados que recebe de uma série de monitores no terreno, avançou que se travam combates em quase todas as províncias sírias e que caças tinham bombardeado partes da zona sul da região de Deera (foi onde começou a revolta contra o regime de Damasco). As tropas governamentais e a oposição continuam a combater nas cidades de Homs, Deir al-Zor e Alepo.

Citando activistas, o Observatório reportou que na província de Idlib, que faz fronteira com a Turquia, morreram 11 civis e os seus corpos foram queimados pelo Exército governamental. A Reuters não pôde confirmar estas informações devido às restrições ao trabalho jornalístico na Síria.

O Observatório avançou ainda que no nordeste, junto à fronteira com a Turquia, militantes curdos capturaram a vila de Alok, que estava nas mãos de um grupo com ligações à Al-Qaeda, depois de quatro dias de combates intensos num dos numerosos conflitos localizados que se travam dentro da guerra da Síria.

ONU compara prisões norte-coreanas a campos de concentração nazis

Os presos norte-coreanos, sobretudo os políticos, sofrem fome e torturas e são sujeitos a “atrocidades indescritíveis”, comparáveis aos abusos nazis nos campos de concentração, denunciam as Nações Unidas, que preparam um relatório. As conclusões preliminares foram apresentadas na terça-feira à noite.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Arquivo Público

As provas apresentadas no documento, e já negadas por Pyongyang, mostram um padrão de violação dos direitos humanos, disse Michael Kirby, que dirigiu a equipa que redigiu o relatório realizado em Março depois de pressões do Japão, da Coreia do Sul e de países ocidentais que exigiram à ONU um documento base para uma eventual acusação contra o regime norte-coreano.

Os primeiros testemunhos foram recolhidos junto de norte-coreanos exilados, alguns deles antigos prisioneiros políticos, e para se ouvirem estas testemunhas foram feitas audiências na capital da Coreia do Sul (Seul) e em Tóquio durante o mês de Agosto. A equipa da ONU não teve autorização para visitar as prisões norte-coreanas.

“Penso que (ao lerem o relatório) vão ter reacções idênticas” às que encontraram nos campos nazis, disse Kirby aos jornalistas, que especificou que a situação nos campos de concentração alemães e norte-coreanos não é “exactamente análoga”, mas “a imagem que passou pela minha cabeça foi a da chegada dos Aliados no fim da II Guerra Mundial e a descoberta dos campos de prisioneiros nos países que tinham sido ocupados pelos nazis”.

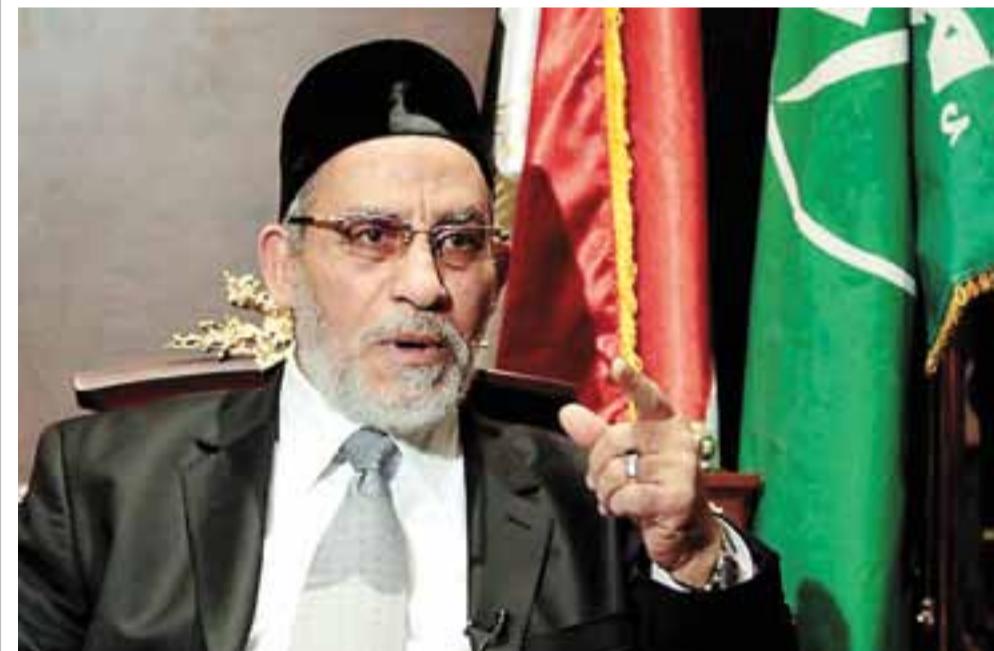
O relatório das Nações Unidas vai procurar determinar que institui-

ções ou departamentos governamentais norte-coreanos são responsáveis pelo que ocorre nas prisões. “A comissão ouviu os sobreviventes dos campos de presos políticos que passaram por infâncias de fome e por atrocidades indizíveis”, disse Kirby, citado pela Reuters. Alguns disseram aos investigadores que foram punidos por crimes cometidos por familiares de gerações ao abrigo da política do “culpado por associação”.

A parte do relatório que foi apresentada não especifica que tipo de queixas-crime serão apresentadas ou a que instância. A Coreia do Norte não é membro do Tribunal Penal Internacional (da ONU), mas o Conselho de Segurança pode pedir ao tribunal de Haia que investigue crimes, ou suspeitas de crimes, cometidos por países não signatários.

O diplomata norte-coreano Kim Yong Ho considerou que o relatório é “um complô político” contra o seu país. Disse que se trata de um acto destinado a forçar a mudança do regime de Pyongyang que tem sido orquestrada pela União Europeia e pelo Japão em “aliança com os Estados Unidos”. “Continuaremos a opor-nos a qualquer tentativa de mudança de regime ou a submeter-nos a qualquer pressão que surja a pretexto da ‘protecção dos direitos humanos’”, disse Kim.

Justiça egípcia congela bens de líderes da Irmandade Muçulmana



A justiça egípcia ordenou esta terça-feira o congelamento dos bens dos principais dirigentes islamistas do país, nomeadamente dos líderes da Irmandade Muçulmana, o movimento a que pertence o Presidente Mohamed Morsi, destituído pelo Exército no início de Julho.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Reuters

Entre as personalidades visadas por estas sanções exigidas pelo Ministério Público estão Mohamed Badie, o guia supremo da Irmandade Muçulmana, e os seus dois adjuntos, Khairat al-Chater e Rachad al-Bayoumi, que estão presos e vão ser julgados por “incitamento à morte” de manifestantes anti-Morsi. Khairat al-Chater, um próspero empresário, é tido como o grande financiador da Irmandade Muçulmana.

Para além dos dirigentes da poderosa confraria, vários outros dos seus aliados são igualmente visados por estas sanções, nomeadamente o líder salafista Hazem Abu Ismail, e o pregador pró-Morsi Safwat Higazi, que também estão presos. No total, são 15 as figuras do islão político egípcio que vão ficar privadas dos seus bens.

Depois da destituição e prisão de Morsi, no dia 3 de Julho, as novas autoridades instaladas no poder pelos militares lançaram uma campanha contra o seu movimento e os seus aliados islamistas, à exceção do partido salafista al-Nour.

A repressão à Irmandade teve o seu momento mais sangrento no dia 14 de Agosto, quando o Exército e a Polícia desmantelaram violentamente dois acampamentos de milhares de islamistas que reclamavam o regresso de Morsi, o primeiro Presidente eleito democraticamente no país.

Nesta ofensiva e durante a semana que se seguiu, mais de mil pessoas morreram, na sua grande maioria manifestantes pró-Morsi. E mais de 2000 membros da Irmandade foram presos.

Organizações denunciam aumento da violência policial em Angola

Um grupo de duas dezenas de associações angolanas de defesa dos direitos humanos denunciou na semana passada, em Luanda, o aumento da violência praticada pelas forças policiais contra a população desde o início do ano.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Issouf Sanogo/AFP



"Estes últimos meses, assistimos em Angola a um nível elevado de violência policial contra manifestações pacíficas, contra vendedores ambulantes, jornalistas, activistas e defensores dos direitos humanos", lê-se num comunicado enviado à AFP por aquelas associações.

O colectivo reagia, nomeadamente, a uma larga difusão nas redes sociais de um vídeo que mostra o espancamento de prisioneiros por parte de polícias e bombeiros numa prisão de Luanda. O comunicado critica o tratamento "desumano e cruel" reservado aos detidos nas prisões.

"É a Polícia, que nos devia proteger, que comete os piores actos. Temos que tentar baixar esta pressão por parte das forças policiais", disse Ângelo Kapwatcha, do Fórum Regional para o Desenvolvimento Universitário, uma associação do Huambo, no sul do país.

"O nosso sistema política de governação foi construído com base na violência e na exclusão de pessoas pobres e diferentes, e é isso que precisamos de atacar", sublinha Elias Isaac, da associação Open Society.

Condenando actos que violam a Constituição angolana e as normas internacionais, o Ministério do Interior anunciou já ter lançado um inquérito para esclarecer os factos e es-

tabelecer as responsabilidades dos presumíveis autores da violência.

O colectivo associativo, chamado Grupo de Trabalho para o Controlo dos Direitos Humanos em Angola, reúne cerca de vinte associações presentes em todo o território angolano e que actuam em diversas áreas, como o direito à terra, o desenvolvimento agrícola, e a luta contra as desigualdades.

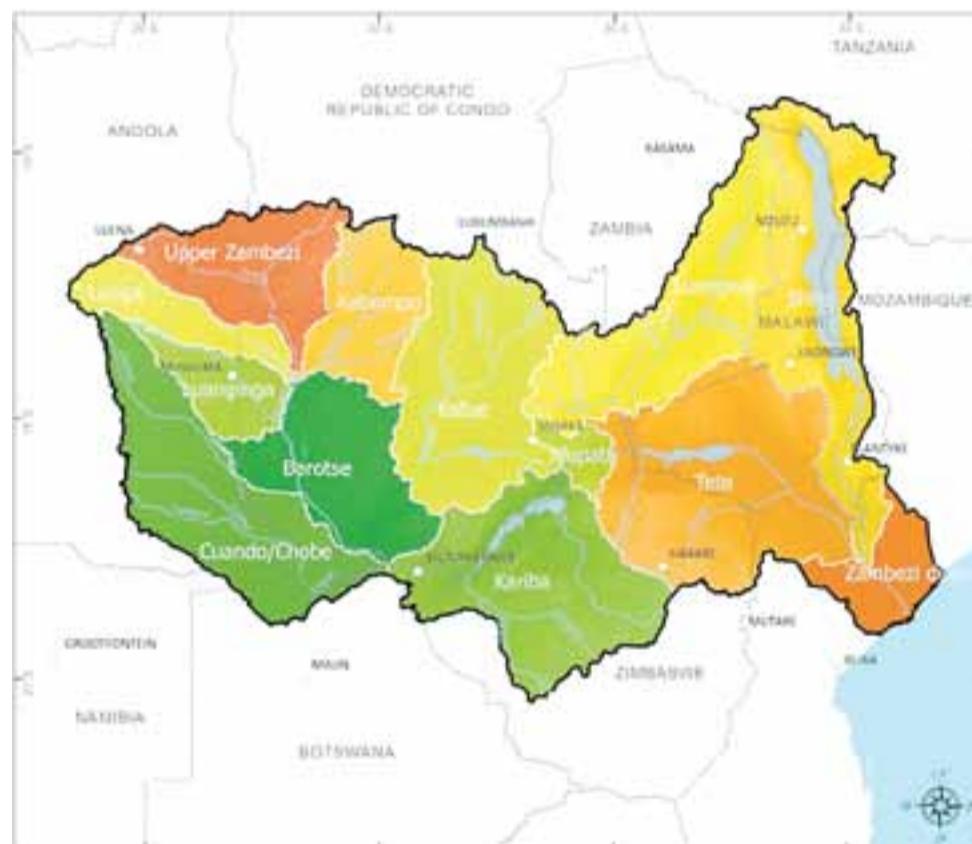
A sociedade civil angolana e as organizações internacionais denunciam regularmente a violência policial em Angola, um país em plena construção e desenvolvimento depois do fim da guerra civil em 2002. Segundo produtor de petróleo do continente africano, o país regista altas taxas de crescimento mas a maioria da população vive na pobreza.

O país é governado há quase 34 anos pela mão firme do Presidente José Eduardo dos Santos, que em Agosto de 2012 venceu as eleições, as terceiras organizadas depois da independência, em 1975.

Aumenta a oposição à Barragem de Batoka

Prevê-se que a construção da Barragem do Desfiladeiro de Batoka, avaliada em vários biliões de dólares, um empreendimento conjunto entre a Zâmbia e o Zimbábwé, produza 1.600 MW de electricidade. Mas está a gerar um outro tipo de calor uma vez que continua a oposição ao projecto.

Texto: Ignatius Banda/IPS • Foto: International Rivers



Em ambas as margens do Zambeze, os críticos perguntam se o país precisa de um projecto desta envergadura no meio de queixas segundo as quais nada prova que a barragem irá trazer benefícios para as economias locais.

No ano passado, a International Rivers, uma ONG global que trabalha na área de proteção dos rios e dos direitos das comunidades que dependem desse recurso, emitiu um relatório a condenar o projecto da barragem, indicando que a sua construção não tomava em consideração o fenômeno das alterações climáticas que poderia conduzir a uma redução da precipitação.

"Prevê-se que o escoamento do rio Zam-

beze diminua entre 26 e 40 porcento até 2050," disse à TerraViva Lori Pottinger, directora de Comunicações e do Programa para África da International Rivers."

"Apesar das preocupações sobre as alterações climáticas, a concepção e a operação da Barragem do Desfiladeiro de Batoka e da Barragem de Mphanda Nkuwa (em Moçambique) baseiam-se em registos hidrológicos históricos e não foram avaliadas em relação a riscos de seca e ciclos de cheias mais extremos. Isto é irresponsável e pode resultar em projectos pouco económicos e de baixo rendimento," disse Lorringer.

Também foram lançados protestos em linha no ano passado contra este gigante-

co projecto, através da campanha "Parar a Barragem de Batoka no Rio Zambeze" levada a cabo por activistas zambianos.

"Projectos grandes e complexos como as centrais hidroelétricas nos rios Congo e Zambeze não estimulam as economias locais. Dependem de tecnologia e know-how importados e não criam um número significativo de empregos a nível local," disse à TerraViva Peter Bosshard, director de Política da International Rivers.

"Pelo contrário, os projectos de energia renovável descentralizados como energia solar, eólica, microcentrais eléctricas e fogões de cozinha melhorados são mais eficazes na abrangência à maioria das pessoas em África e no sul da Ásia que não estejam ligadas à rede eléctrica," defendeu Bosshard.

Segundo o hidrólogo Richard Beifuss, não são só as preocupações com as alterações climáticas que pesam contra o projecto de Batoka.

"Os cenários de alterações climáticas modificam não apenas o desempenho financeiro das centrais hidroelétricas como Batoka, mas também os riscos financeiros com que se defrontam. As alterações climáticas conduzem a uma viabilidade

significativa no desempenho económico – reduzindo não só os valores médios da produção de energia mas também a fiabilidade das receitas provenientes da venda de electricidade," disse Beifuss à TerraViva.

Em Junho, a Revisão Mundial dos Rios, efectuada pela International Rivers, gerou apreensão em relação ao facto de que a parede da barragem de Batoka, que se prevê tenha mais de 190 metros de altura e que irá produzir um lago artificial com mais de 50 quilómetros, afecte outras actividades no Zambeze. A Revisão apontou que "a central de Batoka vai inundar o desfiladeiro e submergir os enormes rápidos que fizeram das Cataratas de Vitória um local excelente para rafting."

Apesar destas preocupações, o projecto da barragem de Batoka, financiado sobretudo pelo Banco Mundial, está a ser apontado pela Zâmbia e pelo Zimbábwé como a resposta ao défice energético na região.

O Presidente do Zimbábwé, Robert Mugabe, e o Presidente da Zâmbia, Michael Sata, assinaram o memorando de entendimento para a construção da barragem no ano passado. O início da construção estava previsto para este ano.





O FUTEBOL VÊ-SE MELHOR COM A 2M

SEJA RESPONSÁVEL, BEBA COM MODERAÇÃO.



Nova Aliança da Maxixe renasce das cinzas

Pelo menos será essa a pretensão, se acreditarmos no projecto traçado pelos actuais dirigentes do clube. Que se entregam afincadamente, com o espírito como guia, na formação de jogadores de futebol, mesmo sabendo que não têm dinheiro para suportar aquilo que se pode considerar um desafio total. São cerca de setenta e cinco miúdos postos a correr todos os dias num terreno acidentado, sob batuta de Oliveira Garrine e, no fim de cada sessão, na falta do melhor, são lhes distribuídos pedaços de cana-de-açúcar para repôr as energias. O objectivo é apresentar uma equipa sénior daqui a dois anos. E isso é possível. O que conta é a fé. Sobretudo. E a determinação!

Texto & Foto: Alexandre Chaúque

Por enquanto não se pode fazer muito, para além de se ir trabalhando nas condições existentes, com a crença de que amanhã tudo vai mudar. Para o melhor. E é exactamente esse sonho que alimenta a alma dos dirigentes de uma colectividade histórica, que chegou a ser vice-campeã nacional de futebol quando se disputava uma prova de alto nível, com equipas que iam ao campo apostadas em dar o melhor de si. Com garbo.

Para começar era necessário encontrar-se um espaço onde todo o trabalho pudesse ser desenvolvido, e não foi difícil. Porque o Nova Aliança nasce de uma família, ou de algumas famílias oriundas da zona de Chicuque, nos arredores da Maxixe, e cada um desses clãs tem imensas terras com benfeitorias de não acabar, com particularidade para o coqueiro, venerado em toda terra dos vatonga. Foi cedido ao clube um terreno com 35 mil metros quadrados, onde se vai construir um campo de futebol relvado, pista de atletismo, campo polivalente para jogos de salão, piscina, centro de estágio, infraestruturas para serviços sociais, e um parque de estacionamento.

É um projecto gigantesco, que pode ser de longo prazo para quem treina sem luvas e quer ser campeão mundial de boxe. Porque na verdade podem ser considerados assim aqueles que sonham hoje sem meios, mas acreditam que os terão amanhã para realizarem um sonho que beneficiaria a um espaço espiritual que ultrapassa limites deste clube que merece, absolutamente, uma oportunidade para reaparecer.

Oliveira Garrine, responsável técnico da escola de jogadores, levou-nos ao lugar onde tudo poderá acontecer, um dia. Ou seja, a um lugar onde as coisas já estão a acontecer. No embrião. Fica a cerca de cinco quilómetros da Maxixe, junto à costa, e o que vimos é apenas terra, coqueiros e cajueiros, que se erguem como dádiva de Deus. Vimos também aquilo que podemos chamar um campo de futebol, onde as crianças corriam atrás da bola sob orientação de professores de educação física afectos à Escola Primária e Secundária locais. "Daqui a dois anos queremos apresentar uma equipa sénior bem estruturada, e esse conjunto vai sair deste grupo que você está a ver".

Parece inacreditável, mas não estamos autorizados a desmentir a utopia. E tudo aquilo parece utópico. "Temos um núcleo em Maputo que está a trabalhar no sentido de nos aproximar mais aos nossos parceiros, alguns dos quais já mostraram interesse em nos darem apoio".

Mas não se fazem ovos sem omeletes, e os actuais dirigentes do clube ignoram esse ditado, querem fazer ovos sem omeletes. E já começaram. "Já esboçamos o projecto para todo o nosso sonho e está nas mãos do Fundo de Promoção Desportiva, faltam alguns detalhes, porém, em breve tudo estará acertado. Acreditamos que as coisas vão decorrer a contento, senão não estariamos aqui".

É a fé que os move. É a raiva também, de não quererem ver uma colectividade histórica a desaparecer. "Se não cumprirmos com esta missão estaremos a blasfemar os fundadores da

colectividade, as famílias Garrine, Nhambihu, e Mbalango. Que em 1942 juntaram-se para fazer alguma coisa a bem do futebol. São eles que nos cederam este espaço, que se chama Guiciringaneni, para o clube não desaparecer. Para realizarmos aqui os nossos sonhos. Que são deles. E nós vamos valorizar essa confiança que depositam em nós".

Tudo isto é um empreendimento. São várias ondas ao mesmo tempo despejando as águas para a terra. E o objectivo é único, voltar aos anais do futebol nacional. "Neste momento, apesar destas limitações todas de logística que temos, estamos a trabalhar com equipas de iniciados, juvenis e júniores, com 25 jogadores em cada escalão, e os treinos são feitos em coordenação com os professores de Educação Física das escolas primária e secundária daqui da zona".

Este trabalho é feito ainda em coordenação com os pais das crianças, que se sentem satisfeitos pelo facto de os seus filhos terem uma ocupação saudável e, quem sabe, com um futuro no futebol nacional e não só. Será também uma outra forma de desviar as crianças do caminho do álcool, que está a constituir-se numa verdadeira praga que não poupa nem as crianças. E o acompanhamento psicológico delas é feito por Zacarias Garrine, que nega ser um psicólogo.

"Tomámos muito cuidado na forma como lidamos com as crianças. Infelizmente ainda há alguns miúdos que vêm para aqui já tocados pelo efeito do álcool, mas estamos a travar um combate num processo que deve ser feito tendo em conta as condições sociais de cada aluno. Preocupamo-nos muito em concentrar o nosso trabalho no lado psíquico-intelectual e os resultados que temos colhido são animadores".

De quinze em quinze dias há um trabalho de campo – a nível psicológico – que Zacarias Garrine realiza nesta futura escola de jogadores, em coordenação com os pais das crianças. "Para mim o mais importante é que eles vêm jogar. Vêm treinar. Isso significa que estão motivados. Sabemos que não temos condições materiais e logísticas para exigir muito deles, mas não podemos ficar de braços cruzados. Enquanto se fazem contactos com os nossos eventuais futuros patrocinadores, é necessário que se vá fazendo alguma coisa, e é isso que estamos a fazer. Acredito que daqui a dois anos já não seremos os mesmos, teremos, com certeza, uma equipa sénior bem estruturada para ombrear com os outros no provincial e, dessa forma, lutarmos para reocupar o nosso lugar no Moçambique". Por enquanto a escola de jogadores conta com o apoio da empresa Sasseka, cujo incentivo não será apenas material, mas ajuda a equilibrar o lado psicológico.

Nova aliança nunca teve campo

Depois de onze anos consecutivos, o Nova Aliança da Maxixe decide, em 1989, retirar-se do Campeonato de Futebol. Era necessário que assim se procedesse por uma questão de honra. "Começamos a perceber que as nossas condições já não favoreciam muito e não podíamos continuar na prova disputando lugares subalternos". E a partir daí o clube começou a viver do passado. Do nome que conquistou lutando sempre entre os melhores. E o que se vê hoje é completamente sombrio. Não há dinheiro, para além da alma que ainda arrasta um corpo que se recusa a ser moribundo.

A sede da colectividade funciona agora no ex-Clube Náutico, um local que deixa muito a desejar em termos de apetrechos. Depois da morte do "Gomes da Maxixe", o pulmão financeiro do clube deixou de puxar oxigénio para dar vida. Todos reconhecem isso, e têm muito respeito por um homem que deu grande parte da sua vida ao clube, que nem era dele, mas mesmo assim amava-o como se fosse dele. Os actuais dirigentes não têm capacidade financeira para reerguer o monstro, que está completamente de rastos. E para piorar tudo isto, nunca tiveram um campo que fosse deles. Todos os jogos de glória no campeonato nacional de futebol foram sempre realizados nas instalações do Conselho Municipal da Maxixe, cujo campo confundia-se com o Nova Aliança.

Hoje foi-lhes cedido o ex-Clube Náutico. E pela história que transportam, merecem esse reconhecimento. É um local composto de um imenso salão que em tempos foi também usado para projeção de filmes, tem um campo para prática de jogos de salão e um espaço – agora ocupado supostamente de forma ilegal – onde se podiam realizar jogos de praia. Estivemos lá há bem pouco tempo e o que sentimos foi a própria desolação. O presidente da colectividade, o senhor Jacinto Abrão, parecia um passageiro na esta-

ção a espera de um comboio que demora chegar. Tudo à volta está por reconstruir. Para se corporizar um sonho que parece só do Nova Aliança, mas que não é. É da província de Inhambane. Se um dia este clube voltar ao Moçambique, todos nós vamos rejubilar.

Lançamos a vista para o lugar onde seria construída uma piscina e para onde devíamos ver as areias da praia que acolhiam jogos de futebol e voleibol, e o que vimos é um futuro hotel, cujas obras foram embargadas pelo município. Mas o mamarracho continua lá, tirando-nos o prazer de contemplar o mar e lembramo-nos os momentos em que tínhamos regatas. Ninguém sabe quando é que vão demolir aquelas obras interrompidas para devolverem ao lugar, pelo menos, a paisagem natural, enquanto o dinheiro não vem para corporizar o sonho do Nova Aliança da Maxixe.

Cabazadas no provincial

O clube parece estar dividido. A equipa que participa no "provincial/2013" está a fazê-lo tendo como timoneiro Pedro Garrine, treinador que trabalha supostamente sem o consentimento dos dirigentes. E os resultados que tem conseguido são desastrosos, nunca teve uma vitória sequer, o que traz ao decíma os imensos problemas estruturais que a equipa atravessa. Mas o presidente Jacinto Abrão destramatiza. "Não há divisão nenhuma. Nós propusemos a nossa retirada do "provincial" porque não estávamos em condições de participar, só que, como já constávamos das inscrições e o calendário já estava feito, a Associação Provincial de Futebol ficou embaraçada, ou seja, se autorizasse a nossa saída desorganizava todo o esquema montado, e nós também ficamos complicados".

Apresentada esta questão, alguns membros do clube acharam que deviam avançar mesmo com as dificuldades existentes, e assim aconteceu. "A equipa não tem meios porque todo o clube está a atravessar privações, e sem meios não se pode fazer muito, é por isso que estamos a registrar derrotas atrás de derrotas, e vamos sair deste certame muito chamuscados".

Pedro Garrine não aceita que tenha tomado a decisão de prosseguir à revelia. "Tínhamos que fazer alguma coisa porque estávamos inscritos. Para além de embaraçar a prova, a nossa desistência acarretaria multas pesadas que não estariamos em condições de pagar".

Na verdade o Nova Aliança estava num dilema. E tudo está a ser feito para que esta situação se ultrapasse para se porem as "mãos" no árduo trabalho de formação de jogadores "para daqui a dois anos termos uma equipa sénior que vai trazer de volta a nossa dignidade".

Afrobasket: Maputo é capital do basquetebol africano

A cidade de Maputo será palco, a partir de hoje até ao próximo dia 28 do mês em curso, da 20ª edição do Campeonato Africano de Basquetebol sénior feminino. Nesta prova, um total 12 equipas vai lutar pelo troféu mais cobiçado do continente a nível de selecções, bem como pela segunda e terceira posições, que dão acesso ao "Mundial" do próximo ano na Turquia.

Moçambique participa pela 13ª vez no Afrobasket, com um registo de duas medalhas de prata (1986 e 2003) e três de bronze (1990, 1992 e 2005). A equipa de Nazir Salé, inserida no grupo A, estreia-se hoje (20) diante do Zimbabwe, numa prova em que definiu como objectivo alcançar um dos três lugares do pódio.



Grupo A		
Moçambique		
Senegal		
Costa do Marfim		
Argélia		
Egipto		
Zimbabwe		
1ª Jornada (20 de Setembro)		
Senegal	x	Egipto (9h30)
Argélia	x	C. do Marfim (11h45)
Moçambique	x	Zimbabwe (19h30)
2ª Jornada (21 de Setembro)		
Senegal	x	C. do Marfim (10h00)
Egipto	x	Moçambique (19h00)
Zimbabwe	x	Argélia (21h00)
3ª Jornada (22 de Setembro)		
Senegal	x	Zimbabwe (12h15)
Egipto	x	C. do Marfim (16h45)
Moçambique	x	Argélia (19h00)
4ª Jornada (24 de Setembro)		
Argélia	x	Senegal (10h00)
Egipto	x	Zimbabwe (12h15)
C. do Marfim	x	Moçambique (19h00)
5ª Jornada (25 de Setembro)		
C. do Marfim	x	Zimbabwe (10h00)
Argélia	x	Egipto (12h15)
Moçambique	x	Senegal (19h00)

Texto: Redacção/Agências

Grupo B		
Angola		
Mali		
Camarões		
Quénia		
Cabo Verde		
Nigéria		
1ª Jornada (20 de Setembro)		
Mali	x	Cabo Verde (14h00)
Camarões	x	Quénia (16h15)
Angola	x	Nigéria (21h45)
2ª Jornada (21 de Setembro)		
Nigéria	x	Quénia (12h15)
Mali	x	Camarões (14h30)
Cabo Verde	x	Angola (16h45)
3ª Jornada (22 de Setembro)		
Cabo Verde	x	Camarões (10h00)
Angola	x	Quénia (14h30)
Nigéria	x	Mali (21h15)
4ª Jornada (24 de Setembro)		
Quénia	x	Mali (12h15)
Cabo Verde	x	Nigéria (14h30)
Camarões	x	Angola (21h15)
5ª Jornada (25 de Setembro)		
Quénia	x	Cabo Verde (14h30)
Camarões	x	Nigéria (16h45)
Angola	x	Mali (21h15)

Texto: Redacção/Agências

Hóquei: Moçambique na luta pelo pódio

A selecção nacional de Moçambique participa, entre os dias 20 e 28 do mês em curso, em Angola, na 41ª edição do Campeonato Mundial de Hóquei em Patins. A equipa orientada por José Querido está inserida no grupo "D", que inclui a Itália, a Colômbia e os Estados Unidos de América.

Texto: Redacção

Moçambique tem como objectivo alcançar ou melhorar a quarta posição conquistada no último Campeonato Mundial de Hóquei em Patins, prova que teve lugar na cidade de San Juan, na Argentina.

Grupo A		
Espanha		
Brasil		
Suíça		
Áustria		

Grupo B		
Portugal		
Chile		
Angola		
África do Sul		

Grupo C		
Moçambique		
Itália		
Colômbia		
Estados Unidos da América		

1ª jornada		
20 de Setembro		
Angola	x	África do Sul 20h00
22 de Setembro		
EUA	x	Colômbia 15h00
Alemanha	x	Uruguai 16h45
Brasil	x	Áustria 17h45
França	x	Argentina 18h30
Espanha	x	Suíça 19h30
Itália	x	Moçambique 20h15
Portugal	x	Chile 21h15

2ª jornada (23 de Setembro)		
Suíça	x	Brasil 15h00
Argentina	x	Alemanha 15h00
África do Sul	x	Portugal 18h30
Uruguai	x	França 16h45
Áustria	x	Espanha 16h45
Moçambique	x	EUA 18h30
Colômbia	x	Itália 20h15
Chile	x	Angola 20h30

3ª jornada (24 de Setembro)		
França	x	Alemanha 15h00
África do Sul	x	Chile 16h00
Argentina	x	Uruguai 16h45
Suíça	x	Áustria 17h45
Colômbia	x	Moçambique 18h30
Espanha	x	Brasil 19h30
EUA	x	Itália 20h15
Angola	x	Portugal 21h15

Moçambique: Liga Muçulmana assume a liderança

A Liga Desportiva Muçulmana de Maputo derrotou, na tarde do último domingo (15), o Ferroviário de Maputo, por 3 a 2, e beneficiou da derrota do Clube de Chibuto diante do Costa do Sol, assumindo a liderança da prova.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Manguez

No derby da 17ª jornada, disputada no campo da Liga Muçulmana, na cidade da Matola, a equipa do Ferroviário foi a primeira a abrir o marcador por intermédio de Luís quando eram transcorridos apenas sete minutos. O ponta de lança apareceu isolado na zona intermediária, atrás dos centrais, e antes de rematar para o fundo das malhas fintou o guarda-redes Milagre.

Os muçulmanos tentaram reagir e, em duas ocasiões, podiam ter marcado. A primeira por Josimar que na zona da marcação de grande penalidade rematou de forma colocada para uma defesa espectacular de Germano, que com a ponta da mão direita desviou a trajectória da bola. A segunda foi protagonizada por Sonito que viu o poste direito negar-lhe o empate.

A partida continuou a ser muito bem disputada e tecnicamente excelente, sendo o Ferroviário de Maputo mais audacioso no jogo ofensivo. Aos 15 minutos, Luís rematou fortemente para uma defesa segura de Milagre, lance que viria a repetir-se aos 18, já com Barrigana em destaque.

A turma locomotiva agigantou-se mas no primeiro deserto defensivo que cometeu, ao minuto 42, sofreu o golo de empate, diga-se, mesmo contra a corrente do jogo. O lateral direito Warren Cantoná, depois de tirar Zabula do caminho, centrou o esférico para Sonito que, de cabeça, restabeleceu a igualdade.

No reatamento, Litos Carvalha, treinador principal da Liga Muçulmana, colocou Reginaldo no lugar de Josephy e fez Muandro ceder o seu a Imo. Estas substituições re-



sultaram logo no primeiro minuto quando Reginaldo, da zona do meio-campo, arrancou em direcção à baliza de Germano, passando por todos, antes de rematar para o fundo das malhas.

Estava feita a reviravolta no campo da Liga. Em desvantagem, o Ferroviário não "cruzou os braços" e operou duas substituições de uma só vez. Entraram Inocente e Sankanye para os lugares de Diogo e Eurico, respectivamente.

Numa altura em que o público esperava pelo empate, Reginaldo bisou na partida numa tentativa de cruzamento, com o esférico a ganhar uma trajectória não desejada indo parar no interior da baliza. A dois minutos do fim, Barrigana reduziu a desvantagem para 3 a 2, resultado

que coloca a Liga Muçulmana no topo da tabela classificativa com 33 pontos, mais um do que o Chibuto.

Ainda naquele domingo (15), o Costa do Sol recebeu e derrotou o Clube de Chibuto por 2 a 1, enquanto o campeão nacional em título, o Maxaquene, empatou a um golo diante do Estrela Vermelha da Beira.

Quadro de resultados

17ª Jornada

Costa do Sol	2</td

Poule: Desportivo é líder absoluto e mortes marcam a jornada

Enquanto na cidade de Maputo os adeptos e os simpatizantes do Desportivo de Maputo faziam a festa pela conquista de mais três pontos, na Vila Municipal de Ulónguè, em Angónia, uma pessoa perdia a vida e outras duas contraíam ferimentos em jogos da Poule de apuramento ao Moçambique-2014.

Texto: Redacção/Duarte Sítioe • Foto: Miguel Mangueze

As duas formações entraram com a intenção de conquistar os três pontos para assumirem o comando da prova. Porém, foi a equipa da casa que cedo tomou as rédeas anulando, logo de princípio, as pretensões do Estrela de sair do campo do Maxaquine como vencedor.

O primeiro aviso à navegação, diga-se, foi dado transcorridos apenas quatro minutos quando numa jogada de ataque bem elaborada pelo flanco esquerdo, Jorge cruza o esférico para o interior da grande área, com Geraldo a fazer-se tarde ao lance, ou seja, falhando escandalosamente no toque final.

O Estrela patenteou timidez e manteve as suas linhas baixas, sempre atrás da bola, limitando-se a jogar no contra-ataque rápido. Chegou à baliza alvinegra com algum perigo ao minuto 19, através de um livre indireto de Eládio em que Ivan cabeceou para as mãos seguras de Marcelino.

Três minutos depois, o Desportivo chegou ao primeiro golo. Depois de percorrer vários metros na ala direita, Lanito cruzou para o interior da grande área onde estava Calton que, na tentativa de rematar, sofreu falta de Criza.

Alberto Jumisse não hesitou e assinalou uma grande penalidade a favor dos alvinegros. Jorge, chamado à cobrança, permitiu uma defesa incompleta do guarda-redes Leonel, surgindo Chana na recarga para fazer a emenda.

A situação dos visitantes veio a agravar-se a dois minutos do intervalo, quando Criza viu o segundo cartão amarelo, que lhe valeu a expulsão.

No reatamento nada mudou. O Desportivo continuou na mó de cima e o Estrela limitou-se a defender para não sofrer, sobretudo tendo em conta que estava a jogar com menos uma unidade.

O segundo e último tento da equipa alvinegra foi apontado ao minuto 66, por Chana. O lance nasceu dos pés de Geraldo que recuperou o esférico na zona do meio-campo e colocou rapidamente em Lanito, que da ala esquerda cruzou para a cabeça do seu colega.

Depois do golo, o Desportivo optou por circular mais a bola, tirando claramente o "pé do aceler-



dor". Com esta vitória, isola-se na liderança da Poule Sul com 10 pontos, mais um do que o Ferroviário de Gaza que derrotou a formação do Samora Machel, por 3 a 1.

Actos de violência e morte marcam a terceira jornada

Na zona centro do país, o Ferroviário de Quelimane consentiu a sua primeira derrota na prova diante do Palmeiras de Quelimane, por 2 a 1. Ainda assim, as locomotivas continuam no topo da tabela classificativa, com nove pontos, mais um do que o Textáfrica de Chimoio que empatou com o FC de Angónia, por 2 a 2, num jogo marcado por actos de violência que tiraram a vida de uma adolescente e provocaram ferimentos em dois outros adeptos.

Tudo começou quando o público, na tentativa de reivindicar a decisão da equipa de arbitragem de conceder cinco minutos de compensação, sendo que no terceiro o Textáfrica chegou ao empate, decidiu invadir o recinto do jogo para agredir os juízes. A Polícia, no esforço de querer dispersar os populares, começou a disparar para o ar acabando por alvejar mortalmente a menina de 14 anos.

Em contacto telefónico com o @Verdade, o presidente do Concelho Municipal da Vila de Ulónguè, que esteve presente no local, confirmou a informação e revelou que os dois feridos (um na zona do pescoço e outro na perna), sem precisar os reais motivos dos ferimentos, já se encontram em estado estável de saúde, ainda que sob vigilância médica.

Ademais, o nosso interlocutor adiantou que, em conexão com o caso, quatro indivíduos se encontram detidos acusados de incitação à violência dentro e fora do campo do FC de Angónia. Os arruaceiros, segundo o edil, "serão levados à barra do tribunal para responderem pelos seus actos, que tiraram a vida de uma inocente".

Falta de comparência mancha a jornada na zona Norte

Em Lichinga registou-se o primeiro caso de falta de comparação na edição 2013 da fase de apuramento para o Moçambola, edição 2014. Trata-se do Desportivo de Mueda que não se deslocou a Lichinga para defrontar a Universidade Pedagógica local.

Entretanto, a partida que colocou frente a frente o Benfica de Monapo e a Associação Desportiva de Cuamba não chegou ao fim devido ao abandono do campo pela segunda equipa, alegadamente porque o árbitro anulou um golo justo a seu favor. Os Ferroviários de Nacala e de Pemba não foram para além de um empate sem abertura de contagem.

Com estes resultados, a UP de Lichinga isola-se na liderança da prova com nove pontos, mais dois do que o Ferroviário de Pemba, na segunda posição.

Quadro completo de resultados

Zona Sul			Zona Centro			Zona Norte			
Desportivo	2	- 0	Estrela Vermelha	P. Quelimane	2	- 1	Fer. Quelimane	UP de Lichinga	
Samora Machel	1	- 3	Fer. Gaza	Á. Angónia	2	- 2	Textáfrica *	0 - 0	
MG da Matola	0	- 1	AD de Maxixe	FC da Beira	1	- 0	FC de Angónia	AD de Cuamba*	
Incomáti	1	- 0	Fer. Inhambane	Chimoio FC	1	- 0	Spo. da Beira	Fer. Nacala	
Próxima jornada			Próxima jornada			Próxima jornada			
Fer. Inhambane	-		Desportivo	Spo. Beira	-		Á. Angónia	Des. Mueda	
Estrela Vermelha	-		MG da Matola	Textáfrica	-		Fer. Quelimane	B. Monapo	
AD de Maxixe	-		Samora Machel	P. Quelimane	-		FC da Beira	Fer. Pemba	
Fer. Gaza	-		Incomáti	* Interrompido			AD de Cuamba		

* Não terminou

Próxima jornada

Des. Mueda			Fer. Nacala
Fer. Pemba			B. Monapo
AD de Cuamba			UP de Lichinga

Abre conta no Banco onde mais ganhas.
Grande prémio de 1.000.000 de Meticais.

É bom ser Cliente daqui.

Termos e condições aplicáveis.



Publicidade

Desporto

Apuramento ao Brasil 2014: Costa do Marfim e Senegal voltam a cruzar-se na fase decisiva

Os rivais Costa do Marfim e Senegal vão voltar a cruzar-se na fase final do play-off final de apuramento da eliminatória africana para o Campeonato do Mundo de futebol, de 2014, repetindo um duelo que levou a um tumulto num estádio no ano passado.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Lusa

O duelo foi o primeiro confronto definido no sorteio realizado nesta segunda-feira no Cairo, o que motivou murmúrios da pequena plateia presente na sede da Confederação Africana de Futebol. Os outros quatro confrontos que definirão as vagas africanas na Copa do Mundo do Brasil são: Etiópia x Nigéria; Tunísia x Camarões; Gana x Egito; Burkina Faso x Argélia.

Em Outubro de 2012, um jogo entre Senegal e Costa do Marfim, válido para as eliminatórias da Copa Africana de Nações, foi interrompido a 14 minutos do final por causa de foguetes e outros objectos atirados para o relvado pelos adeptos senegaleses, que viam a sua equipa em desvantagem. O Senegal foi proibido temporariamente de usar o seu estádio em Dacar depois do incidente. A equipa disputou jogos das eliminatórias na vizinha Guiné, mas já poderá voltar a jogar na sua capital na partida da segunda-mão contra os marfinenses.

Os jogos da primeira mão do play-off final serão entre 11 e 15 de Outubro e os da segunda mão, entre 15 e 19 de Novembro.

Liga Portuguesa: Leão mantém-se embalado

A pressão estava toda do lado do Sporting. Depois do excelente início de campeonato, com duas vitórias e um empate no clássico com o Benfica, o treinador leonino, Leonardo Jardim, tinha medo que a interrupção do campeonato, pudesse travar a confiança da equipa. Nada disso: o jovem leão continua a mostrar enorme maturidade e a visita a Olhão terminou em triunfo.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Lusa

Mas não foi fácil derrotar o Olhanense, que até se pode queixar da falta de sorte, por ver um remate ser devolvido pela barra da baliza de Rui Patrício quando o resultado ainda mostrava um empate a zero. Mas ficar a zero é algo que o Sporting ainda não fez desde que conta com Fredy Montero. O avançado colombiano marcou em todas as jornadas do campeonato e este domingo não foi exceção, abrindo o caminho ao triunfo, aos 51 minutos.

André Martins foi o autor da assistência e o jovem médio acabaria, nove minutos depois, por festejar o seu primeiro golo pela principal equipa dos leões. Vantagem de 2 a 0, três pontos na bagagem e o segundo lugar do campeonato, a dois pontos do FC Porto, a única equipa que venceu os quatro jogos.

Os dragões tinham vencido o Gil Vicente,



também, por 2 a 0, no sábado, dia em que o Benfica levou a melhor, em casa, sobre o Paços de Ferreira, por 3 a 1. Quem respira melhor é o Braga, depois da eliminação europeia e da surpreendente derrota com o Gil Vicente na última jornada. A equipa de Jesualdo Ferreira não teve vida fácil, mas lá ganhou ao Estoril, por 3 a 2.

La Liga: Neymar comanda vitória apertada do Barça

Em jogo duro e carregado de suspense, o Barcelona derrotou o Sevilla por 3 a 2, no sábado (14), pela quarta jornada do Campeonato Espanhol de futebol. Depois de estar com dois golos de vantagem no Camp Nou e ceder o empate aos 45 minutos do segundo tempo, a equipa catalã confirmou o seu 100% de aproveitamento já no período de compensações, chegando aos 12 pontos e mantendo a liderança a par do Atlético de Madrid.

Texto: Redacção/Agências

Daniel Alves fez um dos golos dos donos da casa e Neymar teve uma grande actuação, fazendo uma assistência precisa para o golo de Messi. No entanto, o clube treinado por Gerardo Martino quase deixou o resultado escapar com os golos de Rakitic e Coke. Quase, porque, passados três minutos do empate, Alexis Sánchez fez o terceiro tento azul-grená, pouco antes do apito final.

Bale marca na estreia no Real

O grande destaque da jornada ficou por conta da estreia de Gareth Bale, o jogador mais caro do mundo, pelo Real Madrid. E o galês até justificou a expectativa ao marcar um golo. No entanto, o Real Madrid não passou de um empate com o Villarreal a 2, em resultado que tirou o 100% de aproveitamento de ambas as equipas no Espanhol: somam agora dez pontos, menos dois que os líderes.



Cabo Verde punido

A selecção de futebol de Cabo Verde foi punida com uma derrota por 3-0 frente à Tunísia, ficando, assim, fora do play-off final de apuramento da zona africana para o "Mundial" de 2014, devido à utilização irregular do defesa Fernando Varela, que não cumpriu os quatro jogos de castigo – falhou apenas dois –, com que tinha sido punido por comportamento antidesportivo em relação ao árbitro no encontro com a Guiné-Equatorial, a 24 de Março.

Com esta punição, Cabo Verde terminou a fase de grupos com nove pontos, contra 14 da Tunísia, que segue para o play-off final.

Além da derrota, Cabo Verde, que tinha vencido a 07 de Setembro a Tunísia, por 2-0, foi ainda multado em 6.000 francos suíços.

Cabo Verde já tinha beneficiado de uma decisão idêntica da FIFA, que deu um triunfo por 3-0 aos "Tubarões Azuis" sobre a Guiné-Equatorial, por utilização irregular de jogadores na partida de 24 de Março, o mesmo em que Fernando Varela foi expulso.

Moto GP: Lorenzo vence GP de San Marino e assume vice-liderança

O piloto espanhol Jorge Lorenzo, da Yamaha, venceu o Grande Prémio de San Marino disputado neste domingo, em Misano, e assumiu o segundo lugar do "Mundial" de pilotos em MotoGP.

Texto: Redacção/Agências • Foto: MotoGP.com



Lorenzo ultrapassou na largada o também espanhol Marc Márquez, líder do campeonato, ficou no lugar da frente toda a prova e conquistou a sua segunda vitória consecutiva no campeonato e quinta na presente temporada.

Com o resultado, o actual bicampeão mundial chegou a 219 pontos no "Mundial". Márquez terminou a prova em segundo, à frente do seu companheiro da Honda, o espanhol Dani Pedrosa, e mantém-se na liderança do campeonato com 253 pontos.

Pedrosa está com a mesma pontuação de Lorenzo, mas caiu para terceiro lugar, pois tem três vitórias a menos. Na quarta posição ficou o italiano Valentino Rossi, da Yamaha.

Bundesliga: Borussia goleia e mantém vantagem

O Borussia Dortmund continua arrasador no Campeonato Alemão. No passado sábado (14), a equipa deu mais uma mostra de que vai ser um rival forte para o Bayern de Munique na luta pelo título, ao golear o Hamburgo, por 6 a 2, no estádio Signal-Iduna Park. Foi a quinta vitória do vice-campeão europeu em cinco jornadas até agora, o que o deixa como a única equipa com 100% de aproveitamento.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Lusa



Com 15 pontos, o Borussia tem dois a mais que o Bayern, que havia derrotado o Hannover, por 2 a 0. No duelo, os donos da casa começaram a vencer por 2 a 0, levaram um susto com o empate a 2, mas depois deram a volta com quatro golos, sendo dois de Lewandowski e outros dois de Aubameyang. Reus e Mkhitaryan também deixaram os deles.

O primeiro tempo, aliás, já havia sido bastante movimentado, com Aubameyang a abrir o marcador aos 19 minutos. Mkhitaryan fez o segundo aos 23, dando s impressão de que a goleada seria alcançada ainda na primeira etapa, mas foram os visitantes que diminuíram, por Lam.

No regresso dos vestiários, o Hamburgo voltou decidido e empatou logo aos 4 minutos, quando Van der Vart levantou a bola na pequena área e Westermann cabeceou sozinho de cabeça e empata a partida. O susto fez o Borussia acordar. Depois da pressão no ataque, Aubameyang, contratado neste ano ao Saint-Étienne, recebeu de Mkhitaryan na área e

chutou cruzado, marcando o terceiro e desempatando o duelo.

Aliviado, o dono da casa desencantou e deu show para os seus adeptos com golos de Lewandowski, aos 28, Réus, dois minutos depois, e novamente Lewandowski, aos 36. Além da liderança, o Borussia tem o melhor ataque da competição, com 15 golos, cinco deles marcados por Aubameyang, artilheiro do campeonato, e outros quatro por Lewandowski.

Bayern à ilharga

Pouco antes, o Bayern de Munique havia derrotado o Hannover 96, por 2 a 0, na Allianz Arena, e mantido a sua invencibilidade no Alemão. Mandzukic fez o primeiro e Ribéry completou para definir o marcador para o actual campeão, que chegou a 13 pontos na tabela.

Na partida, o técnico Pep Guardiola só ficou preocupado no primeiro tempo, quando os seus comandados pressionaram, mas esbarraram nos erros de finalização e no guarda-redes Zieler.

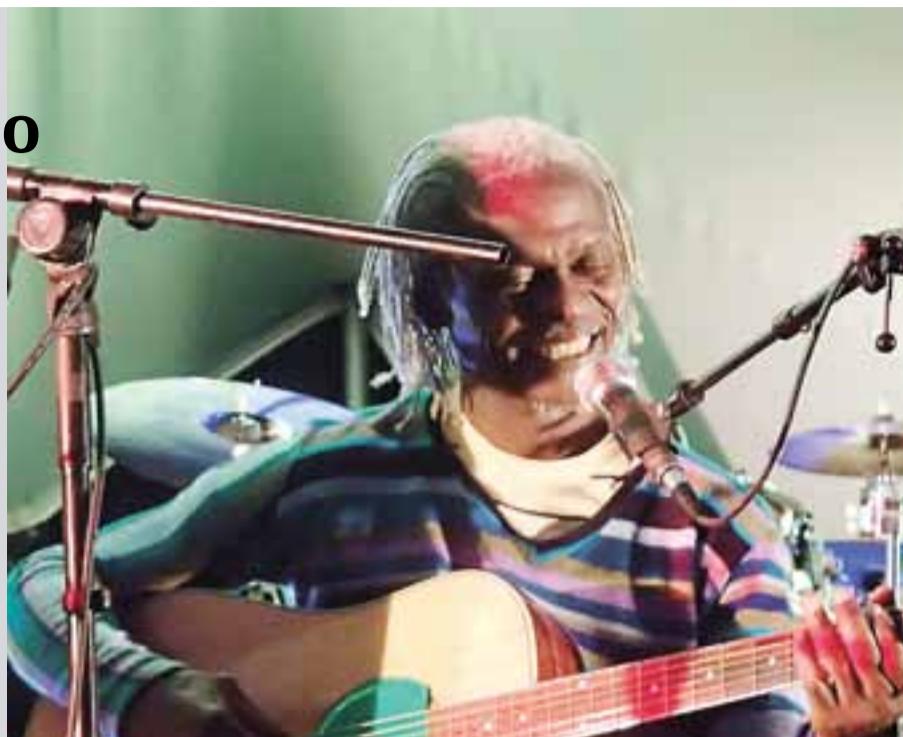
No entanto, o Bayern livrou-se da pressão logo aos cinco minutos da etapa complementar: após boa troca de passes no meio-campo, Manduzkic recebeu a bola no meio da área e só teve o trabalho de tornear Zieler, para a festa do presidente Uli Hoeneß, que sempre assiste aos jogos. Eleito o melhor jogador europeu da última temporada, Ribéry ampliou o marcador em Munique.

Plateia

Chico António segue o Trânsito da vida...

Chico António é um músico que não se apresenta a ninguém. É reconhecido. Há um ano juntou-se a Chude Mondlane, Edmundo Matsielane e Nico M'sagarra e criou o Projecto Trânsito. Presentemente, o artista ignora as dificuldades humanas, deixando-se seguir adiante. "A nossa iniciativa tem o sentido da própria vida".

Texto & Foto: Inocêncio Albino



Lá no Trânsito há muitos instrumentos de música tradicional. Alguns dos quais bastante desconhecidos, inclusive entre nós. E os artistas Chico António, Chude Mondlane, Edmundo Matsielane e Nico M'sagarra estão a explorá-los. Difundem-nos no seio dos públicos que os acompanham. Na semana passada, na cidade da Matola, fizeram-no no antigo Cinema 700 que agora é municipal.

No mesmo grupo, a título de convidados, às vezes, actuam Cheny Wa Gune e Zé Maria. Mas é com Chico António que conversámos. Por isso, é sobre ele que queremos falar ao estimado leitor.

Temos muita familiaridade com os concertos do Projecto Trânsito. Por essa razão, e em função disso, podemos afirmar que os mesmos são quase um ritual africano. Ainda nos é difícil qualificá-lo: se é mágico-religioso ou simplesmente da produção musical.

Ouvir as suas músicas dá um gostinho particular, sobretudo quando se considera que entre aquelas vozes masculinas, fortes e presentes, existe a de Chude Mondlane que, teimosamente, se quer confundir com o rugir desses homens da música.

Constata-se que no Trânsito, a rara voz feminina de Chude Mondlane, às vezes, cumpre papéis diversos – o de liderança como também o de complementaridade. Mas também há um outro bem maior nessa experiência laboratorial – a qual os artistas chamam 'Workshop' – que é a fusão de ritmos, de géneros e de instrumentos musicais.

Na verdade, talvez a fusão musical, acima de tudo no contexto do Projecto Trânsito, seja o género mais inclusivo de todos. Também é o mais difícil de definir, porque resulta dos entrosamentos de experiências humanas, de vozes, de instrumentos e de músicas.

"Sempre disse que o Trânsito é uma ideia de quatro pessoas que se encontraram e resolveram desenvolver uma oficina para intercambiar as suas experiências. Temos entrosado os instrumentos de música tradicional que exploramos. Esse entroncamento faz-se, igualmente, ao nível da relação humana, porque somos pessoas de origens, tribos e nacionalidades diferentes. É esse o mérito do Trânsito", explica Chico António.

Para os espectadores fiéis aos seus 'shows', vê-los actuar em palco não significa renovar, mas uma vez, a mesma experiência. Mas é consumir as mesmas músicas e participar nas metamorfoses permanentes que nelas se operam. Então, essas músicas, esses 'shows' são signos de arte, contendo em si eternas novidades. São notícias que se renovam em cada contacto com os artistas.

Entretanto, esclareça-se, esses não são os motivos pelos quais o público deve ver o concerto daquela colectividade artística, sempre que ocorre. Chico António apresenta um argumento elaborado. "As pessoas devem seguir os movimentos do Projecto Trânsito, porque quem está em trânsito comprehende o movimento da vida humana, desde o seu nascimento até à morte. Nós, os Homens, estamos em permanente trânsito na vida".

Como uma iniciativa colectiva, o Projecto Trânsito cumpre o seu papel na música moçambicana – mas não a desmistifica. Há muitos empreendimentos artístico-musicais que ainda se podem criar no país.

Para Chico António, os instrumentos tradicionais que produzem a música suave são um objecto passível de pesquisa – e ninguém se focaliza neles.

Sucede, porém, "que muitas vezes quando se misturam instrumentos como a mbira, o teclado, a voz, a bateria e o chocalho – a mbira não se ouve. Porquê? Então, estamos a fazer esta experiência, focalizando-nos nos instrumentos mais sensíveis, a fim de mostrar a sua funcionalidade".

O flautista percebe que há, no país, muitos instrumentos abandonados os quais, por isso, um dia podem desaparecer. "Queremos trazê-los de volta ao espaço de produção musical e uma forma de fazer isso é usando-os e aprender algo sobre como se faz a sua utilização".

Ora, o facto de "estarmos a utilizar estes instrumentos não significa que temos um domínio pleno dos mesmos. A música é uma plataforma de eterna aprendizagem". É por essa razão que ao exibirem-se os instrumentos de música tradicional, parte dos quais é produzida por Edmundo Matsielane, expressa-se a vontade de valorizá-los e instigar os moçambicanos para o mesmo exercício.

De acordo com Chico António – e os restantes membros do grupo comentam quase da mesma forma –, a gravação de um disco é um objectivo ulterior do Projecto Trânsito. "A nossa meta inicial é compreender o efeito que as nossas músicas geram na sociedade. E, em função disso, queremos desenvolver contactos com os países da Europa para que possamos participar em festivais internacionais de música".

De uma ou de outra forma, "se nós compreendermos que existem pessoas que gostam das nossas músicas, então, vamos gravar um disco para que se possam ter as músicas nas suas residências ou mesmo para que potenciais cientistas, no futuro, tenham material de pesquisa em torno dessa música. Acreditamos que é provável que, a partir das nossas pesquisas, se comece a seguir o estilo musical que propomos".

Conquistar o carinho do público

Chico António é um músico reputado e com uma carreira de alto nível. E isso, como alguns pensam, devia enfuná-lo de orgulho, fazendo-o ser muito mais criterioso em relação aos locais onde actua. Para quem, nos últimos dias o tem acompanhado, não há dúvidas de que esse acto de cantar não lhe rende nada, antes pelo contrário, requer investimento. No entanto, o artista não desiste desse seu trânsito da vida. Que ganho há nisso?

Sem cinismo nenhum, o músico afirma que "o grande retorno que temos é o carinho que o público nutre pelo nosso Trânsito. Estimamos sempre que, mesmo que por pura curiosidade, as pessoas demandam os resultados do nosso trabalho. Além do mais, quando criámos este projecto não tínhamos em vista os ganhos materiais, o dinheiro, mas dissemos que se tratava de um 'workshop' entre os músicos apenas".

Portanto, isso equivale ao mesmo que dizer que "financiamos as nossas actividades porque temos o propósito de recuperar alguns instrumentos musicais que não são muito utilizados na praça".

Isto é



Inocêncio Albino
Inno.albino@gmail.com

Crenças dos meus tempos de jornalista

Continuação da Edição 253

Mas infelizmente, nesse momento em que escrevo este artigo, neste momento em que o mesmo é lido, não sinto nenhuma nostalgia em relação aos meus tempos de jornalista. É que as coisas não ocorreram conforme eu acreditava.

Um exemplo, só, é suficiente para clarificar o cerne da minha crença. O mesmo está lá no último parágrafo do editorial deste hebdomadário, na sua edição número 250 de 23 de Agosto: "mais do que celebrar estes cinco anos, é importante reflectir sobre aquilo que somos e em torno da missão que abraçamos de informar aos desfavorecidos, assim como é prioritário debruçarmo-nos no concernente à condição do elemento que produz aquilo que nos torna mais lidos do que qualquer outro órgão impresso neste país...".

Confesso que, nos meus tempos de jornalista, eu tinha a consciência da minha condição social e humana. Eu sabia que ela era precária. Mas o mundo, em si, já era precário e, consequentemente, eu era uma precariedade. No entanto, o problema é que eu comecei a perceber que existiam pessoas que não se interessavam pela minha condição como Homem. Mecanizavam-se, usando propagandas psicológicas que golpeavam a minha membrana cerebral.

E é incrível e inacreditável afirmar isso porque na minha época – não só de jornalista, mas também como Homem – se sublimava mais o Ter do que o Ser. Havia falhas grotescas no sistema. Mais valia Ter do que Ser. As pessoas Tinham e não Eram. Em contra-senso, repito, eu nunca me importei com o Ter. Mas porque o Tinha por direito, o Ter estruturava o meu quotidiano.

Ora pensar que, naquela fulva lentidão de Agosto, alguém – como um outro alguém suspeitou – por sacanice, por puro prazer de me ver a minguar, podia transformar o meu Direito de Ter num puro favor, adiável e retardado, desnorteando-me completamente, ao mesmo tempo que prejudicava a qualidade do meu trabalho e, por extensão, lesando a própria empresa, magoa-me.

É por essa razão que, enfim, se nesta ocasião festiva eu também tiver o direito de opinar sobre a nossa celebração, diria que o todo se faz pelas partes. São as pequenas coisinhas que, quando associadas, dão bons ou maus resultados. O fazedor do jornal é um homem que – dedicando-se a um trabalho essencialmente intelectual – depende muito do seu bem-estar espiritual e psicológico. Não permitamos que brincadeiras corriqueiras, de mau gosto, distraiam esse profissional da sua nobre missão.

Pequenas informações descuidadas e, por qualquer razão, maltratadas podem gerar impactos desastrosos no leitor a quem nos comprometemos servir com responsabilidade. Pelas razões referidas, nas entrelinhas, quero pedir mil perdões a muitos leitores – em especial aos meus seguidores – mas também, e muito em particular, ao meu professor da língua portuguesa, o senhor Mussagy Mussagy a quem agradeço pela teimosia na sua arte de ensinar.

Há muito mais coisas em relação às quais acreditei nos meus tempos de jornalista. Um dia narro-lhes com mais vagar. Neste momento congratulo-me com e/ou pelo Jornal @Verdade. Também esteve presente nos meus tempos de jornalista, desde o começo. Por isso, para si, venham muitos Cinco Anos!

Será que o Estado se demitiu do seu papel?

No debate recentemente havido – no âmbito do Festival Encontrarte – o realizador moçambicano, João Ribeiro, afirmou que as manifestações artístico-culturais nacionais não são inseridas na produção audiovisual por causa de uma série de lacunas no sistema. É que o "Estado moçambicano não regula, não financia e não promove" nada nesse contexto. Será que o Estado se demitiu do seu papel?

Texto & Foto: Inocêncio Albino

O Festival Encontrarte 2013 incorporou na sua programação uma preocupação – perceber até que ponto o cinema moçambicano insere, na sua produção, as manifestações artístico-culturais nacionais? Para o efeito, juntou três artistas, Virgílio Sitole, Gilberto Mendes e João Ribeiro, para analisar o tópico.

João Ribeiro, cujo ponto de vista se apresenta neste artigo, opina que a inserção das manifestações artísticas nacionais, nos produtos audiovisuais, é obstruída por uma série de disfunções ao nível de todo o sistema, incluindo o legislativo. Mas antes, é melhor clarificar que para Ribeiro, apesar de estar independente há quase 40 anos, Moçambique carece de um sistema nacional de carácter industrial.

"A quantidade da nossa produção cinematográfica ainda não tem valor para que seja chamado indústria. Ela não é uma produção de cinema que, como acontece na dança e no teatro, construiu um estilo e uma forma particulares". No entanto, "temos, no país, cineastas e realizadores que são pessoas que se trabalham na área".

O que o realizador explica é que, em Moçambique, o cinema não é expressivo. "Estamos a caminhar para isso, mas de forma muito incipiente".

Nas palavras de Ribeiro, devemos harmonizar a percepção do conceito cinema. "Entendo o cinema como um conjunto de obras audiovisuais, porque se nós o separarmos, pretendendo falar sobre uma área específica, não teremos assunto para esta discussão".

No entanto, se, em sentido contrário, "juntarmos tudo o que se produz no âmbito da televisão e do audiovisual, a fim de chamarmos cinema – poderemos dividir esse conjunto em três categorias fundamentais: Os documentários, os filmes de ficção e os trabalhos televisivos". Isso significa que as manifestações culturais moçambicanas podem ser – e são – inseridas nestas categorias de produção.

Os constrangimentos

Na área do documentário, por exemplo, há muitas obras produzidas, por vários realizadores, com base na vida de personalidades ligadas à arte – músicos, pintores, escultores, escritores, fotógrafos, entre outros. "O problema é que essas produções são mais viradas para o trabalho artístico daquela pessoa, do que essencialmente em tono da (sua) arte". Consequentemente, "não se analisa e não se discute nada sobre a história da referida expressão de arte".

Existem também trabalhos especializados sobre uma área – mas são muito poucos. Por exemplo, há anos, o músico José Mucavel recolheu dados sobre os ritmos moçambicanos os quais chama Compassos. Esse conjunto de materiais também possui expressões de dança.

Trata-se de um sonho pessoal do artista no sentido de um dia poder divulgar e promover esse trabalho. O problema é que "no nosso país, não temos uma ação de apoio que contribui para que tais obras sejam publicadas a curto prazo. As iniciativas existentes orientadas para a produção e divulgação de obras sobre as nossas manifestações culturais, de forma científica, não têm desenvolvimento. Elas morrem na intenção ou mesmo na fase da recolha".

Como se pode inferir da experiência do músico Júlio Silva, que recolhe materiais referentes aos instrumentos de música tradicional, há um esforço de pessoas singulares para a produção de trabalhos artísticos. No entanto, esses esforços são obstruídos porque os seus resultados não têm divulgação e promoção. "Não há continuidade".

Por sua vez, a televisão faz reportagens genéricas sobre alguma manifestação que acontece, muitas vezes, para suportar uma ação que é fundamental como, por exemplo, uma visita do Presidente



da República. "Há também nas estações televisivas programas que se dizem ser culturais. Os mesmos passam entrevistas com os artistas – mais uma vez, aqueles que produzem a arte – focalizando-se no seu trabalho e dificuldades".

É frequente ver-se um magazine informativo com uma duração de meia hora, cuja produção se baseia na compilação de conteúdos de eventos que decorrem ao longo da semana. Essas agendas, às quais se chama programas culturais, cumprem a missão de actualizar o cidadão. "Mas também são constrangedoras porque não abordam a arte".

Ainda ao nível da televisão, temos muitos concursos musicais. "São programas que, provavelmente, produzirão artistas que se tornarão famosos. O problema é que, no momento em que acontecem, tais eventos são meros entretenimentos ou propagandas".

Arte como acessório

Na área da ficção cinematográfica, João Ribeiro afirma que a arte é utilizada como um acessório. "Não há nenhuma representatividade de expressões artísticas nesse sector. No entanto, existe a exploração de personagens baseados em expressões artísticas como, por exemplo, o curandeiro que utiliza uma determinada forma de falar, uma dança, ou uma maneira de construir algum artefacto que tem a ver com uma expressão artístico-cultural".

O que se pretende explicar é que na ficção, "os elementos artísticos – uma dança, uma pintura, uma máscara – são utilizados para criar um momento de tensão no desenvolvimento da história. Não há nenhum filme de ficção que tenha sido baseado numa expressão cultural, muito menos artística".

O que se deve fazer?

Para contrariar esta situação, o realizador propõe que seja criada, urgentemente, uma lei da televisão. "A lei que vigora agora está ultrapassada e não é abrangente. Trata-se de um instrumento fundamental na medida em que define as regras do serviço público de televisão".

Por exemplo, compete ao serviço público de televisão a criação de um espaço para que estas manifestações artístico-culturais sejam incluídas e promovidas. "Além do mais deveria haver o sistema de quotas para se garantir que determinados produtos sejam exibidos em função do serviço público de televisão – por obrigação".

João Ribeiro refere que "porque recebe um subsídio do Estado, a televisão pública devia ter um contrato-programa no qual se deviam defender os interesses do Estado – entendidos como sendo a promoção da cultura e dos valores da identidade nacional. É provável que esse contrato exista, mas não é cumprido e controlado pelas partes – muito menos pelo público".

Por outro lado, para João Ribeiro, devia-se criar arquivos para a produção cinematográfica nacional, incluindo uma base de dados – algo de que o Instituto Nacional do Cinema e Audiovisual carece. "A nossa produção está connosco, os artistas, mas devia estar arquivada num lugar. É em resultado disso que tudo o que se faz de bom fica perdido, porque não tem divulgação nem promoção".

Isso significa, em última análise, que "o Estado não regula, não financia e não promove a produção artística e intelectual no país. Ora, esses três papéis são fundamentais para que as manifestações culturais nacionais sejam incluídas na nossa actividade – o audiovisual".



Toma que te Dou

Alexandre Chaúque
bitongachauque@gmail.com

Um demente no "chapa"

"Chapa" é a designação que os moçambicanos dão aos autocarros semicollectivos que fazem o transporte urbano e interurbano de passageiros. E o resto é aquilo que todos nós sabemos: velocidade de morte, manobras irresponsáveis, superlotação, subornos aos polícias e, no fim de tudo isso, o caos.

Chove lentamente como o faz sempre por sobre a casa construída pela mão de Deus no cume do monte Sião, mas chuva é chuva, mesmo caindo com suavidade, vai-nos molhar. Como agora que cai no corpo de um homem que se recusa a tornar-se albufeira. Ele está completamente ao relento, exposto a tudo o que as águas despejadas pelas nuvens quiserem fazer dele. Mas também está determinado a contrariar o desejo não se sabe bem de quem, se de Deus ou do abominável diabo. Tenta tapar o couro cabeludo com as mãos e percebe logo que a ação será por demais ingloria. Despia a camisa – larga – e cobre a cabeça como se estivesse encapuçado. Mesmo assim a solução não está encontrada. As gotas celestiais perfuram o tecido como a água mole que cai por sobre a casa construída no cume do monte Sião e atingem-lhe o cabelo. Descem em silêncio pelo rosto até lhe atingirem a cútis, depois os membros inferiores até os pés. Estou entre um magote de gente na praça dos autocarros em Inhambane e contiuua a chover sem pressa. Somos absolutamente arrebatados pelo espetáculo que nos é oferecido. De graça. E, perante tremendo surrealismo, não há comentário que se faça.

O homem retira o capuz, molhado, e dependura-o negligientemente no ombro esquerdo. O seu peito e os músculos dos braços são espectaculares. Parece um halterofilista. A pele, escura, brilha inexplicavelmente e dá a sensação de um mármore escuro por sobre a qual as águas vão tentar inventar um rio. Ele remexe os genitais sem sair do lugar onde está desde que começou aquela encenação artística. Vira a cabeça para todos os lados da bússola e passa para outra etapa.

Os "chapas" – uns – vêm chegando e outros vão partindo para destinos como Praia do Tofo, Praia da Barra, Guiúa, Nhapossa, Inharrime, Cumbana. Mas cada vez que os pequenos autocarros saem e chegam, parece haver mais espaço na varanda onde nos protegemos da chuva. As pessoas não acabam. Saem do alpendre e entram outros. Cada um deles tem o seu programa estabelecido. Tem a sua pressa. Menos eu, que posso ficar ali até ao fim de tudo. Quero ver o desfecho que este homem, literalmente encharcado, nos vai oferecer.

Não pára de chover. Devagar. E o homem cumpre com o guião escrito. Dirige-se lentamente, como a própria chuva, para um "chapa" prestes a partir. Entra e senta-se na cadeira do condutor que ainda bebia um refresco na Frescata do João. Acaricia o volante. Faz um exame prolongado aos pedais e volta à posição normal.

Os passageiros que ocupam os seus lugares à espera do motorista estão mais estupefactos do que com medo. Divertem-se com o personagem libertando fortes indícios de demência que vai ao volante. E este, ouvindo os gracejos que saem das pessoas no interior da viatura e fora desta, empolga-se. Vira o leme para a direita e para a esquerda. Olha para o retrovisor. Buzina com a boca, pimpiiiimmpimmmmm! piiimmpimmm! pimmmmpimmmmm! Imita o som do motor do carro, vuuuuummmmm! Vuuummmmmmm! Vuuummmmmmm!

O demente está a "viajar". Os passageiros também viajam com o demente. Os polícias camarários e de Protecção, chamados para acudir à situação, também se divertem. Viajam também. Não accionam qualquer meio de coacção. Riem-se a larga. E o homem também se ri. Agradece a Deus pela plateia que o recebe. Que o aplaude. E os agentes da autoridade não o molestam.

Continua a chover mas já ninguém se apercebe desse fenômeno natural. O centro das atenções é o homem que vai ao volante. Todos estão entregues à festa que lhes é oferecida por alguém que conduz a alta velocidade: Pimmmmpimmm! Pimmmmmmpimmm! Vummmmmmm! Vummmmmmm! Vummmmm!

Parece mentira. Quando a chuva parou, o ilustre actor abandonou a viatura. E houve uma estrondosa salva de palmas!

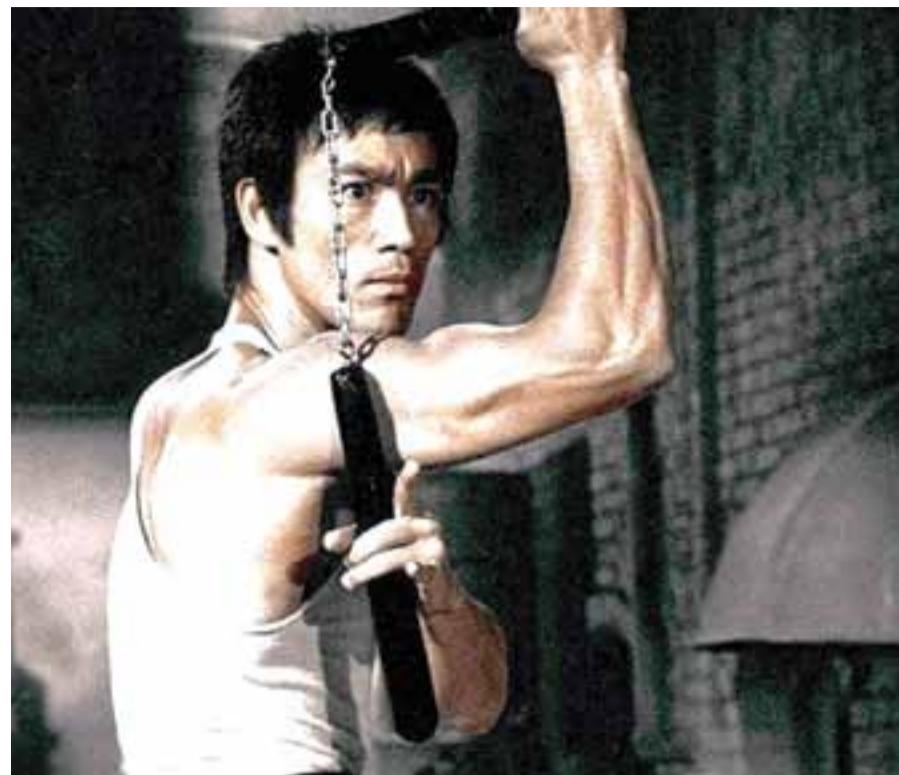
40 anos sem Bruce Lee: as origens e o mestre por trás do mito

Na década de 70, quando os blockbusters ainda estavam longe de Hollywood, um homem que sabia voar extasiava os espectadores com efeitos especiais naturais. Puro marketing visual que Bruce Lee sabiamente criou. A verdadeira luta que ele aprendeu foi outra, oposta a toda aquela acrobacia que encantava os olhos, pois o kung fu prega a economia de movimentos – nada de piruetas ou extravagâncias. O lutador pode defender-se durante horas e, quando ataca, aleija a valer. Mas esse comedimento não tem impacto num filme de ação: mais se parece com uma dança do que com uma luta.

Texto: Rolling Stone • Foto: Arquivo Público

O que Bruce Lee fez foi coreografar cinematograficamente a precisão dos golpes. A indústria do cinema fez o resto. A técnica que ele criou e levou para as telas – a jeet kune do – foi uma pirotecnia da sétima arte. Mas foi um lutador de vários estilos – e de todas as artes –, como nenhum outro. Bruce Lee foi o melhor. E, mesmo não sendo exactamente um grande actor, conquistou plateias de todo o planeta. Morreu no auge da fama, com apenas 32 anos, em 20 de Julho de 1973.

De origem chinesa, Bruce Lee chegou ao mundo em 27 de Novembro de 1940, ano do dragão no calendário chinês – e era



chamado Siu-Lung, que significa “Pequeno Dragão”. Nasceu em São Francisco (Califórnia), quando os pais viajavam em turné com um circo oriental. Mas morou na China durante a complicada adolescência, em Foshan e na vizinha Hong Kong, cidades-chave na formação dele. Foi nesta última que o seu grande mestre, Yip Man, o ensinou o wing chun (ou kung fu), a arte marcial que o tornaria vencedor naquelas ruas violentas e, mais tarde, no cinema mundial.

Quando criança, Bruce Lee participou em alguns filmes nos Estados Unidos, acompanhando o pai artista. Adolescente, aprendeu a lutar com maestria. Adulto, uniu ambas as paixões e transformou-se numa estrela que batia recordes de bilheteira em cada filme: cinco, in-

cluindo um póstumo. Mas, se houve um lugar fundamental na vida dela, foi Foshan. E a pessoa decisiva nessa história foi o mestre Yip Man.

Foshan é uma cidade tranquila na agitada periferia sudoeste da gigante Guangzhou, província de Guangdong, no sul da China. De qualquer estação de metro do centro até a de Zumiao não se gasta mais do que meia hora. É interessante pensar que esse trecho de 20 quilómetros foi percorrido muitas vezes pelo maior astro que o Oriente já teve. O comboio atravessa diferentes bairros que mostram como a China mistura dois mundos tão opostos: o do frenesi moderno e o da paciência milenar.

Mais de meio século antes de Bruce Lee viver em Foshan, nasceu Yip Man. E a vida mostrou-lhe logo a face mais impiedosa, fazendo dele um durão ao estilo chinês. Basta dizer que sobreviveu à ocupação japonesa, na Segunda Guerra, supostamente lutando sozinho contra 22 caratecas japoneses. Essa lenda é lembrada pelos locais e serve para entender o quanto Yip Man aprendeu a defender-se. Sim, a defender-se, pois esse é o fundamento básico de todas as artes marciais orientais. E, claro, também do wing chun que ele cultuou e fez conhecido em todo o mundo graças ao melhor aluno que teve, Bruce Lee.

Ex-Dogg, Snoop diz que encontrou a paz no rastafári. Mas será que ele mudou de verdade?

Snoop Lion não quer que as cinzas do baseado (cigarro de soruma) caiam sobre o banco de couro do novo Dodge Magnum. Por isso, antes de acender a cigarrilha que ele esvaziou e preencheu com uma erva californiana particularmente debilitante, coloca um cinzeiro decorado com o desenho de um sapo de olhar sexy no apoio de braço. É meio da tarde em Los Angeles, e o veterano do hip-hop está sentado no local de estacionamento de um restaurante próximo à Santa Monica Boulevard, com o assento do carro reclinado todo para trás. Ele aumenta o volume do sistema de som enquanto ouve a si mesmo cantando músicas que falam sobre ficar alterado. “Esse é um coisa nova que fiz com Wiz Khalifa”, diz Snoop, aumentando ainda mais o volume, tocando uma faixa inédita. As rimas dele – insinuantes e sussurradas, como sempre – preenchem o carro. Ele balança os joelhos, a cabeça, dá tragos longos. “O meu THC é o seguinte: tetra-hydro-cannabino”, diz Snoop. “Yeah, negão!”

Texto: revista Rolling Stone • Foto: Arquivo Público

A diferença entre este baseado e os outros já consumidos por Snoop é que este representa um acto de comunhão espiritual com um Deus grande e poderoso, o Senhor da Terra, o elevado Jah. Snoop agora é rasta – ou, como ele mesmo afirma humildemente, está “no caminho para se tornar um”. No ano passado ele fez uma viagem de três semanas à Jamaica, curioso por aprender mais sobre a terra e a cultura que há muito o intrigam, ansioso por visitar os lugares favoritos de Bob Marley e fazer música em estúdios venerados, como o Tuff Gong. Snoop viajou pelo país com polícias a escoltá-lo e um corpo de seguranças, mas “fez questão de conversar com as pessoas nas ruas”, diz o produtor Diplo, que esteve com o rapper na Jamaica.

No fim da viagem, Snoop foi convidado para o ritual de purificação no templo Nyabinghi, em que madeira seca é empilhada e incendiada – uma espécie de batismo, diz ele, que foi criado dentro do cristianismo. “Serve para queimar todos os pecados, toda a negatividade”, explica Snoop. “Foi a parte mais emocionante da viagem toda. Andámos em volta do fogo, cantando, empunhando chocalhos. O clima era contagiante. Pensei: ‘Esta é uma igreja da qual eu poderia fazer parte.’ Um

sacerdote rasta abençoou Snoop e adoptou uma nova alcunha: Berhane, que significa “luz” na língua américa, idioma oficial da Etiópia (Snoop também substituiu o “Dogg” no seu nome artístico pelo imponente “Lion”). Em troca, Snoop dividiu a sua erva californiana com os anfitriões. “Eles adoraram, mano! Eu levei a mais pesada”, conta. “Chapei os caras.”

A viagem rendeu um documentário promocional, Reincarnated, e um álbum de reggae homónimo Quando Snoop voltou para casa que divide com a esposa, Shante Broadus, com quem é casado há 15 anos, em Los Angeles, pendurou na parede quadros de Hailé Selassie, considerado por muitos rastafáris como a reencarnação de Cristo.

Alguns aspectos da Babilónia – um termo rasta usado para definir a opressão e a decadência da cultura ocidental – são mais difíceis de renunciar do que outros. Os hábitos alimentares de Snoop, por exemplo. Muitos rastas aderem a um regime predominantemente vegetariano chamado “ital”, mas Snoop não chega a tanto. “Eu e a carne damo-nos bem”, diz ele. “Você tem de entender que eu como isso desde que era bebé. Acho que eu já comia carne quando tinha 6 meses de idade. A minha



mãe dizia que negro precisa de aprender a mastigar cedo.”

as pessoas como ele falava, com firmeza e amor.”

“Eu sinto-me como a reencarnação de Bob Marley”, afirma.

Há muito tempo, Snoop tem sido adepto da meditação entre grupos dispare, tão confortável entre gangues em guerra como fazendo um dueto com Miley Cyrus, que canta em Reincarnated. Por isso a imersão na cultura rasta acontece naturalmente, diz ele – e sem arrependimentos pelas músicas que fez no passado.

A extensão da relação de Snoop com a cultura rastafári é difícil de definir – propositadamente, segundo ele mesmo. Ele admira Selassie profundamente, mas evita chamá-lo reencarnação de Cristo. “Tento abraçar um pouco da religião de todos”, diz Snoop. “Você tem de agarrar o que é bom e usar para o seu benefício. Com a cultura rasta, eu ainda estou apenas a apañar o jeito, ainda estou a aprender.”

Lazer

ENTRETENIMENTO

PARECE MENTIRA...



Harry Truman foi uma personalidade diferente como Presidente. Provavelmente tomou tantas ou mais decisões em relação à história dos EUA como as que assumiram os Presidentes que o sucederam. Uma medida da grandeza talvez permaneça para sempre: trata-se do que fez DEPOIS de deixar a Casa Branca. A única propriedade que tinha quando faleceu era uma casa na qual morava, que se encontrava na localidade de Independence, Missouri. A sua esposa havia herdado a moradia dos seus pais e, fora os anos em que moraram na Casa Branca, foi onde viveram durante toda a vida.

Quando se retirou da vida oficial, em 1952, todos os seus rendimentos consistiam numa pensão do Exército de 13.507 dólares por ano. O Congresso, ao saber que ele custeava os seus próprios selos de correio, outorgou-lhe um suplemento e, mais tarde, uma pensão retroactiva de 25.000 dólares anuais.

Depois da posse do Presidente Eisenhower, seu sucessor, Truman e a sua esposa voltaram a seu lar no Missouri com ele ao volante do seu próprio carro... sem a merecida escolta policial. Quando lhe ofereciam postos corporativos com grandes salários, rejeitava-os dizendo: "Vocês não me querem a mim, o que querem é a figura do Presidente, e essa não me pertence. Pertence ao povo norte-americano e não está à venda..."

Em 6 de Maio de 1971, quando o Congresso se estava a preparar para lhe outorgar a Medalha de Honra por ocasião do seu 87º aniversário, recusou-se a aceitá-la, escrevendo-lhes: "Não considero que tenha feito nada para merecer esse reconhecimento, venha ele do Congresso ou de qualquer outra parte". Como Presidente pagou todos os gastos de viagem e comida do seu próprio bolso. Este homem singular escreveu: "As minhas voações na vida foram sempre ser pianista numa casa de putas ou ser político. E para falar a verdade, não existe grande diferença entre as duas".

PENSAMENTOS...



- De tal acha, tal racha.
- O caracol segue-se pela baba.
- Em tempo de fome não há pão duro.
- Ninguém faz tatuagens feias.
- Ver não é saber.
- Quem semeia ventos colhe tempestades.
- Não há ventura sem amargura.
- A passo e passo caminha-se muito.
- A morte segue-nos como a sombra.
- Quando as abelhas estão bravas escondem o mel.
- A morte não tem olho.

CHARADA - SOLUÇÃO ED. N° 253

Formão = Utensílio de carpinteiro

Mamão = Bezerro de um ano

Limão = Árvore da família das rutáceas

Damão = Chibo africano

Demão = Auxílio

RIR É SAÚDE



Durante a campanha eleitoral, um político garante:

- Neste distrito vamos construir hospitais, escolas, estradas, pontes...
- De repente alguém pede a palavra e pergunta:
- Como vão construir pontes se aqui não temos rios?

O político atrapalha-se, gagueja e, por fim, diz:

- Antes vamos construir os rios!

Era a primeira vez que ele andava de avião, e estava cheio de medo...

A certa altura, voltando-se para o companheiro do banco, diz-lhe:

- É espantosa a sensação que a gente tem. E pensar que aqueles pontinhos lá em baixo, que parecem formigas, são pessoas...

O outro responde:

- Não, não. Está enganado: são mesmo formigas! A gente ainda não levantou voo...

O médico não tem dificuldade em diagnosticar a origem dos males de que se queixa o doente.

- Estenda o braço - diz ao doente.
- O braço está agitado por tremores contínuos.
- É claro. Você bebe demais.

- Não tanto como isso - responde o doente - , eu entorno muito.

O homem volta a casa de madrugada. Infelizmente, a mulher está acordada à espera dele, e recebe-o com a colher de pau na mão:

- Seu barril de vinho! Bêbado! Pergunto a mim mesma que desculpa é que vais arranjar!
- E ele, com sinceridade:
- Também eu!

- A mãe manda perguntar se nos pode emprestar o seu aparelho de música.

- Querem dançar a esta hora da noite?

- Não, mas queremos dormir.

Uma senhora muito velha, com tendências suicidas, telefona ao seu médico:

- Doutor, pode dizer-me, por favor, onde fica o coração?
- Debaixo do seio esquerdo, minha senhora - responde o médico.
- Ah sim? Muito obrigada, doutor.

No dia seguinte, com o título "Tentativa de suicídio" lia-se no jornal:

"Uma senhora tenta suicidar-se disparando uma bala no joelho esquerdo".

SAIBA QUE...



A Revolução Agrícola consistiu na transformação da agricultura tradicional europeia, no século XVIII, que se afirmou primeiro e mais intensamente na Inglaterra.

Encontra-se directamente ligada à alteração das velhas estruturas de propriedade rural (e, logo, dos laços entre os proprietários e o campesinato), ao crescimento demográfico e ao aumento dos mercados de exportação desse país.

A Revolução Agrícola estende-se pelo tempo e nela se incluem a diversificação de cultivos, a introdução de adubos minerais e a maquinaria.

Caracterizou-se, sobretudo, pela introdução do sistema de rotação de culturas e pelas novas relações de produção, alterando-se o regime de propriedade.

FRASES DE PALAVRAS INVERTIDAS

SOMAR SOB OS RAMOS
O SÓ REMETRÉ TEMEROSO
ATIRA O CASACO À RITA
A MARTA AMA A TRAMA
A TROPA À PORTA

HORÓSCOPO - Previsão de 20.09 a 26.09



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Finanças: Será uma semana, um pouco, complicada em matéria de dinheiro. Algumas dificuldades poderão perturbar o seu equilíbrio emocional.

Sentimental: Semana que poderá caracterizar-se por um grande encantamento. A sua sexualidade estará em alta e deverá tirar partido dessa circunstância. As noites convidam ao romance. Aproveite bem o seu relacionamento sentimental.



21 de Junho a 21 de Julho

Finanças: Este aspeto será a sua luta constante. As previsões para a semana não sendo as melhores, também não se poderão considerar como catastróficas. Continue a viver e a lutar contra esta contrariedade, com a habitual coragem que o caracteriza.

Sentimental: Um relacionamento sentimental muito agradável será o que esta semana lhe reserva. O diálogo, a compreensão e o prazer de estar com quem gosta deverá ser aproveitado, da melhor forma.



22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças: Seja extremamente cuidadoso em tudo o que se relacionar com este aspeto. Evite as despesas desnecessárias e os compromissos financeiros que não possa assumir.

Sentimental: Este aspeto, poderá caracterizar-se por um vazio muito grande. Seja diligente e compreensivo. Não misture trabalho com questões de ordem sentimental; caso o consiga, tudo se poderá modificar e encontrará junto do seu par o carinho e a compreensão tão necessários.



23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças: Tudo o que se relacionar com dinheiro poderá ser motivo de alguma preocupação. Tente fazer uma boa gestão do seu patrimônio e aguardar que este período, menos positivo, termine.

Sentimental: O seu relacionamento amoroso poderá contribuir, de uma forma muito positiva, para equilibrar outros aspetos. Deixe que o seu par se aproxime de si; além de lhe fazer muito bem contribuirá para se esquecer das suas preocupações.



23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças: Questões de ordem financeira não lhe deverão criar grandes problemas e serão caracterizadas pela estabilidade; no entanto, recomenda-se alguma prudência nas despesas e evite qualquer aplicação de capital.

Sentimental: A sua relação passa por um momento algo turbulento e complicado. Os níveis de confiança entre o casal irão estar por baixo e poderão surgir algumas situações de ciúme que, embora não justificadas, poderão criar algumas contrariedades.



22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças: As suas finanças caracterizam-se pela regularidade e não será este aspeto que lhe levantará problemas. Não serão aconselháveis, durante este período, investimentos e aplicações de capital.

Sentimental: Tente ser mais realista na sua relação e não permita que o ciúme entre no seu coração. O seu par merece a sua confiança e, se conseguir ultrapassar dúvidas sem fundamento, este aspeto poderá-se tornar muito agradável.



21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças: Será uma semana regular, no aspetto financeiro. Algumas dificuldades que possam surgir serão ultrapassadas. Para o fim da semana, a situação tenderá a melhorar.

Sentimental: Será uma semana caracterizada por alguma insatisfação, no aspetto sentimental. Caso não tenha encontrado, ainda, a sua alma gêmea poderá ter esta semana a tal oportunidade porque tanto esperava.



20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças: Semana muito equilibrada em todas as questões que envolvem dinheiro, contribuindo para aumentar os seus níveis de confiança. Este período poderá proporcionar uma pequena entrada de dinheiro que surgirá de uma forma, perfeitamente, inesperada.

Sentimental: A sua relação amorosa poderá conhecer nesta semana um período, extremamente, gratificante. Não evite o diálogo construtivo e abra o seu coração com o seu par.

peixes

© FERNANDO REBOUCAS

A ÁGUIA-DE-CABEÇA-BRANCA É NATIVA DA AMÉRICA-DO-NORTE.



Cidadania

Selo d'@Verdade

Abuso de poder na Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane

Muito obrigado por aceitar o meu pedido de publicação desta carta no espaço reservado ao leitor neste semanário que V. Excia sabiamente dirige.

São despoletados casos de má conduta, abuso do poder, e mais irregularidades através dos media. Espero que este seja também um deles.

Depois que em 2012 a Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane (ESTHI) apareceu nos media por servir alimentação deteriorada aos seus estudantes este ano está de volta a mesma instituição para fazer conhecer a realidade da direcção que possui, arrogante, que nem sequer soube pedir desculpas pelo acto anterior como se de algo normal se tratasse. Servir alimentação em mau estado de conservação aos estudantes é um acto desprezível. O pior é que eles pagaram pela mesma.

Pergunto eu o que disse a respeito a Associação de Defesa do Consumidor (se é que esta existe em Moçambique). Mas desta vez não vim tratar desse assunto! Quero mostrar a vida afectiva dentro desta escola, dos dirigentes que espezinharam os subordinados, maltrataram-nos. Mesmo em casos de morte ela (a direcção) consegue mostrar a sua arrogância! Peço desculpas, posso estar a ferir sensibilidades, mas esta é a triste realidade que se vive aqui.

Pede-se a quem de direito que leve a sério as questões que aqui serão apresentadas: Em particular ao Magnífico Reitor da UEM.

A direcção da Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane, no presente ano, prometeu aos funcionários um momento de confraternização pela passagem do 1º de Maio de 2013, Dia Internacional do Trabalhador. Para tal os colaboradores tinham de comparticipar com 150,00 meticas cada, valor disponibilizado por mais de 97% da massa laboral. Porém, de lá para cá nem água vai nem água vem. A direcção convoca reuniões para injuriar os colaboradores. Este é um dos problemas que nos levam a escrever esta carta.

Achamos que a confraternização havia de acontecer em simultâneo com a comemoração dos 10 Anos da ESHTI em Inhambane, mas acontece que a direcção distribuiu convites a uma parte dos funcionários, sendo este um sinal de exclusão. Os convites não foram em harmonia com o pagamento da confraternização de 1º de Maio; logo, sugerimos que nos devolvam o valor. Em Moçambique a burla também

é crime. Caso não o façam, recorreremos a instâncias judiciais.

- Perdeu a vida uma funcionária desta escola (que Deus a tenha) e foi doloroso não aparecer sequer um, repito, sequer UM, membro da direcção na cerimónia, mas a finada é que assegurava a limpeza dos seus gabinetes. Que baixeza!!

- Em casos de perda de um familiar, o subsídio de funeral sai voltados dois meses ou mais, sendo necessário rogar. Mas porque? Mas para certos colegas o valor é disponibilizado na hora, e com direito a transporte e a alguns géneros alimentares. Esta prática cria um ambiente de filhos e enteados na mesma instituição.

- Esta direcção aplica métodos arcaicos para dirigir, isto é, dividir para reinar. Há filhos e enteados nessa escola, apesar de sermos todos funcionários do Estado. Alguns são obrigados a assinar contratos de formação quando querem dar continuidade aos estudos e outros não. Há alguns que até têm direito a subsídios, lesando desta forma o Estado. Há pessoas que vão a formações superiores sem descontos, mesmo estando na condição de contratados. Outros nem sequer são, prejudicando novamente o Estado em benefício de um grupo de pessoas.

- No final do ano 2012, a Universidade Eduardo Mondlane ofereceu cabazes para os seus funcionários, mas nesta escola os funcionários que se encontram a estudar (alguns) não tiveram este privilégio. Serão ordens do Magnífico Reitor? Não quero acreditar que seja mais uma obra de má-fé desta direcção. Será que estes formandos deixaram de ter famílias?

- Há uma pessoa que se formou na República da África do Sul, com tudo custeado pela Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane. Porém, ela não é funcionária desta instituição e agora trabalha na Delegação da UEM em Chibuto, Gaza. Portanto, há uma coligação entre os directores.

Por enquanto, termino por aqui, na expectativa de ver estes problemas resolvidos. Espero que o Magnífico Reitor intervenha pois o ambiente de trabalho já não é dos melhores aqui na ESHTI. Para todos os moçambicanos com ideias diferentes das desta direcção, o nosso forte abraço.

Rosária Domingos

A juventude e os feriados

Sr. Director

Em primeiro lugar saúdo Vossa Excia. por ter aceitado publicar este artigo na página dedicada aos leitores.

O assunto que trago neste artigo pode não constituir alguma novidade, uma vez que o mesmo já mereceu uma abordagem em alguns círculos de comunicação social, mas não de forma categórica.

Segundo o dicionário Aulete, um feriado pode ser entendido como dia ou período em que se suspende o trabalho, os estudos ou as actividades, e este pode ser comemorado por uma nação, comunidade, religião, grupo étnico ou classe trabalhista.

É do conhecimento de todos que o nosso país é "brindado" por inúmeros feriados ao longo dos 12 meses que constituem o ano, desde feriados de âmbito nacional ligados a questões históricas e não só, e feriados de âmbito internacional ligados a lutas em prol de defesa ou gozo de um direito ou mesmo de uma causa. No nosso calendário destacam-se feriados em quase todos os meses.

Porém, a dimensão de feriado que se construiu actualmente na nossa sociedade e em particular no seio da juventude tem sido numa visão "diversionista" do dia. Isto é, a noção de feriado por parte da juventude já não é vista na essência histórica ou emblemática

que o dia carrega, mas sim na sua vertente de passagem de mais um dia de merecido descanso, diversão ou de "txiling" principalmente quando este vem a calhar numa sexta-feira ou num domingo, considerando-se dessa maneira um fim-de-semana longo.

Não quero em nenhum momento defender a ideia de que os feriados não podem ter essa dimensão "diversionista" do dia, mas, mais do que essa dimensão, os feriados são concebidos porque carregam consigo um significado que deve ser lembrado e comemorado naquele dia, mas sem nunca esquecer o seu valor cultural e histórico, porque, caso isto aconteça, continuaremos a acompanhar casos de jovens que são questionados sobre o significado de algumas datas importantes para a história do país e não sabem dar o seu real sentido.

A questão sobre o significado dos feriados deve ser encarada como uma das vertentes de cultura geral que deve ser incutida desde tenra idade, desde o ensino primário, mas também no seio da família.

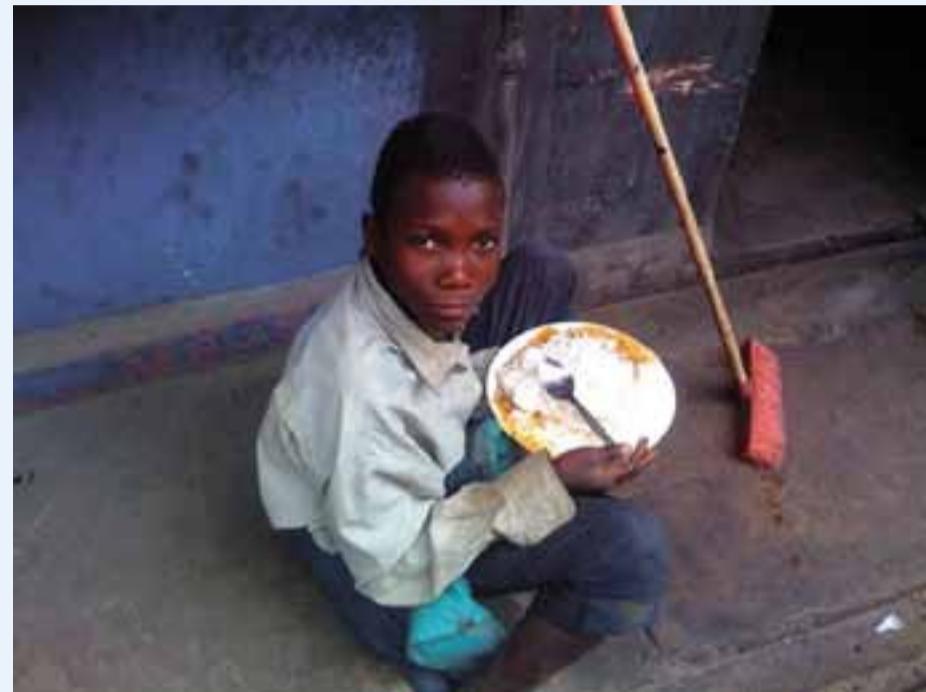
Quero, em última análise, chamar a atenção da juventude para que não se embale somente na diversão de mais um feriado, mas sim no real significado daquele dia valorizando, desta maneira, a memória histórica das datas.

Mais não disse!

Décio Tsandzana



Fotos da cronologia



CIDADÃO Afonso REPORTA:

Crianças trabalham no #Xai-xai em barracas em troca de um prato de comida



Cízia Simbine Mto triste! Esta é uma situação k me entristece a cada dia por não poder como ajudar. Sera k os infantários e orfanatos estão lotados. Se eu pudesse, construia mais um p acolher essas crianças. Sinto-me reduzida a nada toda vez k vejo uma criança a sofrer. Que Deus as proteja e um dia a mendicidade e exploração infantil acabem! · Ontem às 9:45



Xadreque Dedé Nao dvms condenar o dono do extabelcimento. 1 vams culpar os parentes dos miudos e dpox avaliar as condicões dos · Ontem às 9:52



Deny Félix Mabunda Dede não se avalia nada coisa nenhuma meu caro o bom é darmos d borla sem nada em troca. · há 6 horas



Dircy Laice Confirmo sim.ja presenciei isso.· Ontem às 9:02



Deny Félix Mabunda Dede eu tenho certeza k qd chega filho d vizinho na tua csa não manda limpar o quintal pra lhes servir algo apenas pega no prato e serve.há 22 horas



Eduardo Naftal Trabalham ou a judam? Pelo menos tem um prato no final do dia, Triste e saber ainda criança esforça si pra ter um prato, e outros que Nao tem??? · Ontem às 10:28



Josefa Amos Matsimbe E triste. Mas e bom saber que cedo estão aprendendo a batalhar pelo pao. Mas elas deviam estar na escola. Enquanto uns encomendam navios,fazem banquetes de tomada de posse existe quem por merito tem os seus direitos violados por quem as devia defender. Ontem às 10:02



Hannibal Dos Santos Bila Ao menos n xtao a roubar,ao menos n estao a cometer nenhum crime,facam o q quiserem fora do crime e nunca abandonem a Escola,porq o GOV-

ERNO N XTA PRA O POVO,MUITO MENOS PRA AS CRIANÇAS.· Ontem às 9:45



Neves Da Lucia Balane Nao ta facil a vida! Ainda bem que conseguem comida, creio q durante o crescimento, ele podera ter job, e ira receber mola. Crime ate que pode ser! Ms somente nos livros (leis), o senhor que deu d comer o miudo, ajudou o. Nao è o melhor ms é o minino q o miudo cnsegue fazer p ganhar a sua sobrevivencia. Em mpt, miudos q ne ele, roubam, ms ele nao, trabalha. · Ontem às 9:35



Deny Félix Mabunda O dono d estabelecimento e os pais deviam ir presos pha pois é desumano isso.Ontem às 9:08



Abdul Magide Sidi Hassam Quem serao os patroes destes miudos...a inspecção o que podera fazer? · Ontem às 8:52



Francisco Taliano Coisa feia violaxao dos direitos da crianxa é punivel ns termox da noxa legislaxao kem faz ixo deve ser comendado.há 12 horas



Carlos De Oliveira as I said before about the dog here is proof of no civilization bunch of piglets we arehá 12 horas



Ramon Garitano a que denunciar, a esplotação infantilhá 23 horas



Heliodor Langa Osmundo Eu so residente de xai2 e frekento muitas baracas e xto informado em torno d muita coisa. Max estes jornalistas sao mal informados.nao levem acto duma baraca p julgarem a cidade tda.seus mal informadoshá 23 horas



Mundolivenews Livenews gente vamos ajudar nossos irmãos ,levando comida roupa e a melhor das refeições .a palavra de deus a essas pessoas .que o senhor Jesus os abençoe há 23 horas

Cidadania



goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Ontem às 1:26 ·

CIDADÃO Ussene REPORTA:

Fila sem rumo para aquisição de senhas no Centro de Saúde do Xipamanine. Há 1 hora que a pessoa responsável pela venda das senhas saiu para o pequeno almoço e os utentes aguardam para adquirir uma senha.



Hilario Alberto Macuacua Esse é mocambique real. Na província de Gaza não a medicamento, não se extraí dentes por falta de enesetzia já faz dias. A boa o pai da nacao sempre com meios disponíveis, para o vicio k ja lhe faz bem de sobrevoar. Perdeu gosto via terestre. · Ontem às 2:15



Fernando Chambale nao tem nada a ver com Guebuza mas cada um tem que ser responsavel pelo seu trabalho..... Hi ku tsovheka nengue hi Guebuza!!! mungamaheni leswo · Ontem às 1:59



Manuel Lino Roya E direto dele, não é culpado. · Ontem às 3:15



Fernando Chambale Falta d caracter d certas pexoas que carregam vidas humanas sem responsabilidade. · Ontem às 2:09



Timova Capunzene Mofate Ussene, xpero k o jornal @verdade consiga resolver seu problema. xta aprovdoo cientficamente k não existe nenhum humano que pode fazer 8hrs sem se alimentar. Ministerio nao dá comida, queria que fosse comer aonde??? Ele tambem é humano precisa de se alimentar. · Ontem às 3:25



Abiatar Machohe Isto se verifica em todas a s unidades sanitarias do pais. · Ontem às 4:42



Riva Muiambo Muiambo Paiz do pandza, paiz da frelimo, paiz d Guebuza, não dos Moçambicanos, so pra ver ate n hospital onde vamx precisar d ajuda medica p nossa saude temos k passar por isso,xtamos a sobreviver ao em vens d viver...xta mal isso...! · Ontem às 2:04



Samora Zefanias Massingue moz xtamos mal por toda coisa é pah a falta de control é um dos problemas também... · Ontem às 1:59



Belmiro Sitoiane Macuacua K situacao transformam servico em propriedades pessoais onde podem fazer tudo k bem lhes apetecer · Ontem às 1:54



Manuel Antonio Cardoso Nosso pais é assim mesmu, ja estamus a habituar, este tipo de atendimento, onde vamus reclamar??? · Ontem às 1:43



Teny Celso Chembene só mexm n país d pandz mexm falt d responsabilidad pha · Ontem às 1:35



Hermenegildo Gilda E tdo sitiu tem sido assim ate chegou a pensar que funcionior da saude nao adoecem! Tratam nus mall. · há 11 horas



Nelio Opcional Mafurha Exe deve ser trocado imediatamente. Servicos de saude ker individx k ama sua prfxao e honra cm seus cmprmxos. Ox doentx acordam + cedo e la vao. Ou k se montem makina de senhas · há 13 horas



Celso Mahenhane As vezes esses saiem na hora normal d trabalho pa outros gabinetes so baterem papo a racharem parecendo loucos. · há 15 horas



Celso Mahenhane Isso acontece em todas instituicoes publicas.ja è cancro · Ontem às 8:17



Felicio Abdul Carimo Chega de reclamar vem aí o 20 de Novembro vamos fazer a diferença. · Ontem às 5:15



Helton Guele O mau atendimento sou é vivido nos centros de saude apenas...?quantas vezes voltei a casa depois d ter perdido vontade ser verdadeiramente considerado um utente nos bancos. Haja olho nisso... · Ontem às 4:25

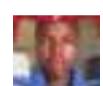


goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

15/9 às 10:03 ·

CIDADÃ Mercedes REPORTA:

Vi um roubo as 16 hs na Friedrich Engels frente a residencia do embaixador portugues. Um casal moçambicano estava sentado, falando no telemovel. Um gajo alto, magro, vestido de roxo, passou correndo, arrancou o telemovel, e correu escadas abaiixo, rumo a marginal. Justo passa um carro de "cinentinhos" e paramos eles, indicamos o caminho do ladrão. A polícia parou, conversaram entre eles, ligaram no telemovel, olharam a paisagem, e só após cinco minutos, dois deles começaram a descer... um cortejo funebre ia mais rápido!



Lino Fumo ha razao você falou com cimentinho e n com a polícia, na próxima mand parar caro da polícia n d cizenhos. · 15/9 às 10:19



Baptista Garai Chimoio Eu nao qual e'o tramento k os policiais merecem fora desse de cinentinhos segundo o sr Ozias! Ou o sr tbm faz parete dos cinentinhos! Axa positivo a accao desses cinentinhos? Nunca podemos bater o cao escondendo a vara · 15/9 às 12:42



Belton Sonhador k preguixoxox e imcompetis · 15/9 às 23:19



Ozias Matavele E' assim como voce trata os homens k garantem a segurança do Pais? E' ingratidao demais. Eu sei das dificuldades k eles tem, e e' mau. +agora, pedires ajuda e depois ensultares, e' triste. · 15/9 às 12:25



João Fornasini hehehehe esse gajo ja rouba aí ja faz muito tempo e nunca foi apanhado, muito estranho mesmo, deve ser amigo dos cinentinhos. normalmente usa um gorro para tapar a cara e desce pela escadinha mesmo em frente a casa do enbaixador de Portugal, é ele mesmo. · 15/9 às 11:43



Faizal Adamo É purk eles viram k não valia a pena eles ariscarem a vida deles, porque o salário que eles recebem não compensa o esforço que eles fazem. E o celular robado pode ter um custo superior ao salario dos polícias ai referidos · 15/9 às 11:40



Dudu Matlombe eu ja vi um cimentinho a cair enquanto perseguiu ladrão na vila da Manhica, quando este levanta ainda ficou a sacudir o fatinho e continuou a marcha a camara lenta. · 15/9 às 10:57



John Mateus Chilenje Axam k tmx cups mxmo. + axam mxmo k temx polícias mxmo? · há 40 minutos



Caulo Rajabo Desculpem-lá onde e que voçes vivem p? De certeza que voçes são estrangeiros porque e fossem moçambicanos, saberiam que nem adianta perderem o vosso pouco, perturbado tempo em ainda pedirem auxilio aos cinentinhos... Eu já aprendi a n cometer esse erro dese o dia em que reportei um assalto e eles disseram: "ah Ya, aqui e muito perigoso, eles assaltam e entram naquele beco mesmo... e melhor ter cuidado". E ficou por aí. · há 5 horas



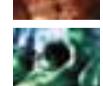
Arlindo Mazine Sao os bandidos os cimentinhos · há 10 horas



Manucha Santos E lamentavel. Bm dia · 15/9 às 21:12



Luis Peto Sao lento · 15/9 às 19:08



Hermeney Zunguze triste nossa policia so age quando e em santongira · 15/9 às 15:18



Justino Matavata Pais d pandza · 15/9 às 14:24



Michael Daude e depois te exigem refresco ou ficam a dar voltas a espera q des dinheiro se calhar para irem atras do ladrão, ao menos o ladrão e directo, os cinentinhos sao ladros n assumidos · 15/9 às 14:24



goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

há 21 horas ·

CIDADÃ REPORTA:

Um incêndio de grandes proporções tomou conta do Departamento de Administração e Finanças do Instituto Superior Politécnico do Songo, na madrugada de hoje. O incêndio ocorre, curiosamente, 4 semanas depois de uma equipe de inspectores do MEC ter constado graves anomalias na gestão desta instituição!



Antonio Júnior parece k virou moda queimar. Axo melhor chamar geraxao das queimadas · há 21 horas



Leandro Meneses Cassolo Nao ha nada como um bom fogo para resolver os problemas... · há 14 horas



Samuel Justino Ernesto Em todo o mundo existe o quê se chama de queima de arquivos, sempre que alguém se sente ameaçado a párra na barra do tribunal. O quê deve acontecer aqui em Moçambique e no mundo é acabar com os corruptos · há 14 horas



Manuel Lino Roya Hummm,incêndio agora faz parte d justificação. · há 15 horas



Edson El Boxeador Estou cansado desta malta. · há 21 horas



Retxua Ernesto Carlos Retxua Muru'onnakula Estamos no sec xxi, só vale inteligência, curandeiros que resolviam isso, ja nao sao confiaveis · há 59 minutos



Filipe Felex Nhatumbo Nhatumbo Moçambique ja acabo... · há 8 horas



Salomao Jorge Chirindza Mozambique em chama pha... · há 9 horas



Nelson Armindo Nhavotso Ya ja xta quase p mocambique inteiro arderá · 11 horas



Emilio Vergara Ja fomos pais da marrabenta para pais do panza agora e o pais do fogo. · há 11 horas



Valter Chiziane Sabe... isso ja virou atem moda em moz, todx ox diax sao incendiados · há 11 horas



Joao Massora Acho q isso nao serve cmo justificativo num pleno sec. 21... · há 12 horas



Hermenegildo Gilda K incopetencia por parte dos culpados. · há 12 horas



Belmiro Sitoiane Macuacua O k acontece com incendios no pais eh estranho pk acontecem com maior frequencia · há 12 horas



Eliane E. de Oliveira é uma temporada de incendios no país do Dr. Foguinho... · há 12 horas



Oltre Irmaozinho Talvez Afinl quem and a incendar exx tdx lgrx · há 13 horas



Salvador Chihepe De facto é algo preocupante no nosso país basta uma insensação decretar uma irregularidade numa instituição dias depois há um incêndio que tipo de chefes temos, será que lutam pelo desenvolvimento do país. · há 13 horas



Selito Naverdade Ishhhiii queima de #arquivoh · há 13 horas



Chapinha Mucone Ixo me parece k ta virar febre? · há 13 horas



Jaime Honwana Deve se remover toda direcção, porque eles queixaram se sozinhos, nós ja sabemx do jogoh · há 13 horas

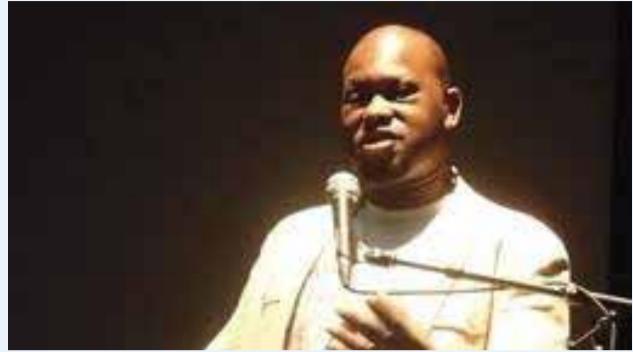


Celina Palate Esses incendios estao a tirar trabalho de muitos so porque alguem se sente ameaçado, ja nao ha paz nem virtude nas instituições. · há 13 horas



goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Fotos da cronologia



Jornal @Verdade

É em função desta realidade que o director do Cine Teatro Gilberto Mendes conclui que "nós, os artistas moçambicanos, somos órfãos culturais. Praticamos as actividades culturais ao deus-dará porque já não temos pai".

Ao actor não faltam argumentos. Por exemplo, "as pessoas que criaram a Companhia Nacional de Canto e Dança, os mesmos que vêm da gesta da luta de libertação nacional, já não existem ou não já têm palavra na referida colectividade. Por isso, hoje, essa colectividade cultural foi substituída pela CTA". Gilberto Mendes recorda-se de que nos primeiros anos da independência nacional, "sempre que viajasse para o estrangeiro, o Presidente Samora Machel levava consigo a Companhia Nacional de Canto e Dança, a fim de mostrar ao mundo os seus artistas e, por essa via, a nossa identidade cultural, criando bases para a cooperação entre ambos os Estados". É que nos dias actuais, "o Presidente Armando Emílio Guebuza apenas viaja com os empresários da CTA, exibindo-os como se fossem aquilo que culturalmente nos identifica".

Eurofin Guiengane E este povo é pobre culturalmente. Fácil chegar a esta conclusão, os comentários aqui deixados abordam mais sobre política do que uma reflexão sobre nossa cultura. Concordo com GM mas quem desconhece nossa cultura somos nós (povo), quem não apoia nossos artistas somos nós (povo), quem prefere dar carna ao artista estrangeiro e deixar o nosso dormir na esteira somos nós (povo). Imaginemos que todos que lançam bocas ao PR valorizasse o nacional. É mais fácil criticar o outro antes de autocríticar-se né? · 15/9 às 8:14

José S. Macombo Zoo exactamente é só isso q o PR sabe fazer negocios so · 15/9 às 7:12

Nguiloz Aleixa Somos orfãos e desam-parados, nem ponte temos para ficar debaixo, é triste · 15/9 às 9:00

Dade Gordo Bom tema p reflexão... Não vamos esperar q o PR faça tudo sozinho, ele carrega Moçambique/23 milhões de pessoas nas costas e cada uma c suas perspectivas de vida, será q poderá agradar a tds? E o q no's fazemos pela nossa cultura? O Gil por acaso faz mtq pela nossa cultura. E no's os outros o q fazemos? E' tempo de cada um fazer a sua parte pela cultura e não culpar o PR pelos nossos fracassos/p/frustrações! Vamos apóia-lo em ideias e não reclamações, ou devemos fazer p depois reclamar...! · Ontem às 0:33

Abdul Tarige hehehehe. 'sempre que viajasse para o estrangeiro..., criando bases para a cooperacao entre os ambos os Estados' – Desde quando o estrangeiro é um Estado? O resto "no comment" · Ontem às 3:04

António Guerreiro Companheiro comente o essencial. Pois, o senhor percebeu o conteúdo do texto. Contribua cm algo positivo. Ou faz parte do cta. Ontem às 9:27

Demiterio Pereira Certissimo Gilberto Mendes. O Guebaz ta mal, so por causa dos 5% que ele tanto gosta. Claro que comissao nao he crime, mais o Guebaz exacerbou demais. Ontem às 2:16

Julio Caetano Antes devemos olhar para dentro de nos e ver erros em nos mesmos, nao disse que Guebuza ta certo, mas que este é ponto mais distante ara o resgate da paternidade cultural perdida,,₁ · 15/9 às 23:50

Manuel Simone O homem sabe o que diz. 15/9 às 15:51



Khalton Pakull "Quem não têm cultura, não tem identidade e quem não tem identidade, não se conhece, quem não se conhece dificilmente se respeita, quem não se respeita, não merece confiança." logo ... · 15/9 às 13:01



Nelson Zacarias Bandidos nunca tiveram cultura e valorizam dinheiro. 15/9 às 8:48



Imo Amade bonito...p.guebusa so pensa nele · 15/9 às 7:42



Carla Light se ele n tem cultura! · 15/9 às 7:07



Nehemyah Chicumbe Ja venho a muito tempo observando que o nosso presidente, ele apenas faz viagens com fins de vender o nossa pátria aos poucos...há 3 horas



Amone Jose Muxlhanga Ja ví que alguns partidos usam figuras para falarem da governação, sobre tudo jovens, tenhamos atenção a victoria nao compra se mas sim prepara se, e a victoria somos nós os jovens, avancemos e ja mais recuaros... há 14 horas



Armindo Mussengue Mano Mendes, temos que ver e saber ver a realidade actual da nossa cultura como moçambicanos. Usando termos comparativos desde o tempo do titio Samora até neste tempo de inquietações. É verídico que Samora levava nas suas viagens a companhia do canto e dança pois era uma identidade Nacional. Hoje em dia o actual presidente vai levar consigo que cultura? Dança? Panza? Rap? Marrabenta? Destas e outras formas de nos expressar e diferenciar-mo-nos nos paizes fora estão quase totalmente adulteradas. Em fim marrabenta já é, espetáculos já não são. Pois é! É o computador a vibrar dispensando todo instrumento de son apartir da viola, guitarra, bateria e outros. Por isso voltemos a cultura nacional sem influências, veremos mudanças. Ontem às 9:26



Carlos De Oliveira Infelizmente a cultura não enche barriga muito menos se tens uma boca do tamanho da boca do Guebuza o próprio nome diz tudo e um aBUZ(s)Ado ele só tem apetite para mola não para rizos e alegria Ontem às 0:45



Ibraimo Ibraimo Assim vai o nosso pais os tipos stao interessado com comissoes nao di-vulgar akilo que nos representa Ontem às 0:17



Dancio Amilton Macome infelizmente não temos instituições capazes de apoiar os pontos de vista da classe menoritaria."one" · 15/9 às 15:48



Imiran Veterano Nao há argumento Gilberto, em algum momento empresários falidos. Q vergonha... Forca pela nossa cultura Gilberto. · 15/9 às 15:36



Lourenco Milton Saveca Bernabe Eles e que fazem mas agente eque permite." país do pan-dza" · 15/9 às 14:24



Silvestre Zunguze Admiro o Gilberto mendes pela sua frontalidade, ainda bem que em democracia eh assim. · 15/9 às 13:27



Engelina Jonatane Mugabe afinal muzaia faz isso? gostei de ouvir. ele n sta preocupado pork ja vendeu o pais a chineses · 15/9 às 13:04



Sajade Amade deixou bem claro, para os d timpanos furads. · 15/9 às 12:03



Ermelinda Mutemucuio Isso acontece prq nos n temos força p lutar contra o governo · 15/9 às 11:55



Francisco Munguambe falou bonito mano! · 15/9 às 11:10



Aderito Arone recordao, " O ambicioso é criminoso, pode vender a patria, para satisfazer seu ego!!! " · 15/9 às 10:52



João Fornasini Mas mesmo assim vamos levar a nossa ARTE em nome de Moçambique para o resto do Mundo, a ARTE nao vai morrer. · 15/9 às 10:42



Raul Almeida Sem margem pra dúvidas · 15/9 às 10:41



José Samuel Esse,gajo so,sta preocupado, com os negocios e nao ker, saber nada do seu, povo so foi eleito, pra passeiar de helicópteros com os seus empresariosenkantok, o povo, ai vivem-

do na miseria, e na pobreza, e eles vivem na luxaria. esse PR,so se preocupa msmo com os business,so,gajo dos 5%. 15/9 às 10:41

Julio Jaime Elija Elija Triste facto mas é a verdade · 15/9 às 10:22

Inacio Mondlane É critico... · 15/9 às 9:31

Tomas José Paulo Perengue Só se falam d biznes... · 15/9 às 9:25

Joao Tsutsumane Falou e disse... · 15/9 às 9:20

Alexandre Costa Pinto Um presidente q nao curte cultura popular, esta bem longe do povo nao e nao? · 15/9 às 9:15

Graziella Ferrao Grande verdade! · 15/9 às 9:12

Mario Fenias Macuacua O Moçambique é diferente de todos países , ate que podia ter uma outra lingua como oficial alem dessa que uso agora! · 15/9 às 9:10

O Poeta Lisboeta Tudo começa ctg · 15/9 às 8:48

Mauro Steinway O PR nao entende coisa alguma de arte. Nao sei o que esperam. · 15/9 às 8:47

Hilário Raúl Nhagumbe Disse mais nao disse... assim k temos k sair do anonimato falando a verdade... good! · 15/9 às 8:39

Francisco Cuinica Reffila boy falou tudo viver cm Armandinho e cmo viver cm padrasto. · 15/9 às 8:38

Leonardo Massingue kkkkk o Mendes mandou bem kem m daria td p o Guebas ver essas pekenax palavrax.... Kkkkk.... Hi · 15/9 às 8:33

Suharto Mangulle hoje ha certas pessoas k perderam identidade cultural · 15/9 às 8:16

Tony Jossia Macorreia É trist . mais ta acontecer em moz. · 15/9 às 8:07

Romao Cumaio Hehe, Muzaia foi Tiro ao alvo · 15/9 às 7:49

Fatiota Lopes baixo assinado, falou e disse. · 15/9 às 7:47

Jaime Alfiado É bom que sabem como ele é mas tenho pena de nós mesmos refiro o povo em geral acabaremos por ser vendidos um dia. · 15/9 às 7:44

Antonio Bila Ixo parece mentira mx sim é verdade, e vai doer aox outrox. · 15/9 às 7:39

Virgilio Matsinhe Virgil É o k acontece ao vivo e a cores! · 15/9 às 7:38

Francisco Mate k levasse ao menos Refilla Boy · 15/9 às 7:38

Aurelio Barca Apoiado, e por ser uma pessoa que tem ideias proprias, não lhe deixarem ficar muito tempo na AR · 15/9 às 7:37

Chuck Jamal Taylor Sarangue .um povo invejoso, acolhedor de estranho e sem ambicao e orgulho pelo pais! · 15/9 às 7:28

Ernest Vergon Ulemba Esse so preocupa com business... k pena...Um país sem norte nem sul... · 15/9 às 7:26

Claudio Viage Like great comment Ver tradução · 15/9 às 7:26

Jose Edna Nguenha Na verdade e isso k aconteceu hoje em dia o Armandinho so gosta de mabizimisse · 15/9 às 7:20

Milton Arminido Nhachale akele tipo n tem cultura. · 15/9 às 7:13

Ito Machava falou bonito #gosto · 15/9 às 7:12

Naine Mondlane Bem dito e falado #Gyl e @verdade! · 15/9 às 7:20

Filipe Ines Tivane Muito bem isso devia chegar ate ao proximu lider · 15/9 às 7:18